

# REVISTA DA SEMANA

N. 35 1-9-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

## ADEMIR ARQUIVA AS CHUTEIRAS

DEDICAR-SE-Á, DE ORA EM DIANTE, ÚNICAMENTE  
À SUA FÁBRICA DE CERÂMICA ★ TAMBÉM FARÁ  
COMENTÁRIOS ESPORTIVOS PELA TELEVISÃO





**CADA VEZ MELHOR!**

**O ANUÁRIO do**

**1956 ESPORTE 1956**  
**ilustrado**

**TUDO  
SÔBRE O  
FUTEBOL  
CARIOCA**  
(CARLOS ARÊAS)

**TODOS  
OS  
ESPORTES  
AMADORISTAS**

**TUDO  
SÔBRE O  
FUTEBOL  
PAULISTA**  
(OLIMPICUS)

**Em  
CÔRES**

**12 TIMES DO FUTEBOL CARIOCA**  
**4 PRIMEIROS TIMES DO FUTEBOL PAULISTA**

**Cr. \$30,00**

**BREVE**

**EM TODO  
BRASIL**

**BREVE**

**REDAÇÃO: RUA MARANGUAPE, 15 • RIO DE JANEIRO**



# REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — N° 35 — Rio de Janeiro — 1-9-1956

DIRETOR.....Gratuliano Brito  
ASSISTENTE.....José Roberto Teixeira Leite

COLABORADORES: E. Tourinho, Fortuna, Sérgio Silveira, Ramon, L. Junqueira, Mendez, W. Guarnieri, J. Ribeiro, M. Tereza e Eneida.

## SUMÁRIO

### REPORTAGENS

|                                          |       |
|------------------------------------------|-------|
| Nasce Uma Estrela .....                  | 4/7   |
| Ademir Arquivo as Chuteiras .....        | 16/19 |
| Com Guerassimov .....                    | 21    |
| O Fátio é Entre Ike e Stevenson .....    | 23/25 |
| «Show-Boat» e «Show» Extra .....         | 31/34 |
| Os Pigmeus da Floresta Ituri .....       | 44/47 |
| Cento e Cinquenta Anos de História ..... | 56/57 |
| Orfeu de Violão Em Punho .....           | 59/61 |

### SECÇÕES

|                               |       |
|-------------------------------|-------|
| Semana em Revista .....       | 8/9   |
| Puxe Pelo Cérebro .....       | 15    |
| Revista Há 50 Anos .....      | 20    |
| Por Esse Mundo de Deus .....  | 28/29 |
| Palavras Cruzadas .....       | 30    |
| Pelas Esquinas da Noite ..... | 35    |
| Literatura e Arte .....       | 36/37 |
| Astrologia .....              | 38    |
| Itinerário do Brasil .....    | 39    |
| TV Na Revista .....           | 42    |
| Música .....                  | 43    |
| Grand-Monde .....             | 48/49 |
| Conversa de Mulher .....      | 54/55 |
| Último Flash .....            | 62    |
| Figura em Foco .....          | 63    |

### HUMORISMO

|               |       |
|---------------|-------|
| Fortuna ..... | 52/53 |
|---------------|-------|

### LITERATURA

|                                 |       |
|---------------------------------|-------|
| Um Beneditino .....             | 3     |
| O Homem e o Trapezo .....       | 10/11 |
| Do Julgamento (A. Pierre) ..... | 22    |
| O Canto do Falcão .....         | 50/51 |

### VARIEDADES

|                                          |       |
|------------------------------------------|-------|
| O Enigmático Kapitza .....               | 12/13 |
| Que Sabemos das Grandes Religiões? ..... | 27    |
| O Homem de Terno Cinzento .....          | 40/41 |

### CAPA

Joan Crawford (Kodachrome da REPUBLIC especial para a REVISTA DA SEMANA).

Este número consta de 64 páginas.

### ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

|                              |             |
|------------------------------|-------------|
| Porte simples — Um ano ..... | Cr\$ 350,00 |
| Seis meses .....             | Cr\$ 175,00 |
| Registrada — Um ano .....    | Cr\$ 380,00 |
| Seis meses .....             | Cr\$ 190,00 |

### ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

|                           |             |
|---------------------------|-------------|
| Registrada — Um ano ..... | Cr\$ 500,00 |
| Seis meses .....          | Cr\$ 250,00 |

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

### Companhia Editora Americana

|                              |                                           |
|------------------------------|-------------------------------------------|
| Diretor-Presidente .....     | Gratuliano Brito                          |
| Diretor-Comercial .....      | Ivan Guimarães                            |
| Diretor-Gerência .....       | Wenceslau Quintais                        |
| Chefe de Publicidade .....   | J. M. Costa Júnior                        |
| Diagramação .....            | Victor Tapajós                            |
| Fotografia .....             | A. Vieira e A. Ferreira                   |
| Desenho .....                | Alberto Lima                              |
| Laboratório .....            | V. M. Vasconcelos                         |
| Redatores e corretores ..... | S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna |

### ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

### REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. Na Uruguai: Moratón & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9500, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

### EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69



## UM BENEDITO

◇ Não sei se os leitores tomaram conhecimento de uma tristíssima estória publicada num matutino e vinda de Salvador através de um telegrama: Benedito Santana nasceu no interior de Pernambuco justamente no momento em que seu pai — Cristiano Gomes da Silva, o «Corisco», — era caçado pela polícia. O menino crescia sem saber quem era seu pai. Ninguém lhe falava em «Corisco», lugar-tenente de Lampeão, seu homem mais valente que terminou crivado de balas, quando com os braços paráliticos procurava, num hospital do interior pernambucano, socorros médicos. «Foi na estrada reconhecido pelos «macacos» (nome que servia para designar os soldados da Polícia Militar) e morto apenas porque sua cabeça estava a prêmio». A mãe de Benedito, moça pernambucana também pertencente ao bando de Lampeão, desapareceu e o pequenino, com quinze dias de nascido foi entregue a um lavrador. Mais tarde um tenente da polícia pernambucana o requisitou para si e aí começa a tragédia do hoje homem Benedito.

◇ Aos oito anos começou a ouvir, diariamente, a estória de seus pais carregada com as mais negras tintas; sobre seu corpo caíram as bordoadas do desumano tenente. Davam-lhe surras tremendas declarando que isso servia para evitar que ele «seguisse a linha do pai». Os pais. Onde andariam eles, um morto e outro vivo? Benedito aparrando e sofrendo tomou uma resolução: procurar o homem e a mulher que lhe deram a vida. «Sua mãe está na Bahia. E a cabeça de seu pai, também. É, aliás, motivo de atração turística», diziam. Benedito cresceu com paciência, armado dessa finalidade: encontrar os pais mesmo que de um restasse apenas uma cabeça sem corpo. Ficou homem e fugiu; saiu de Pernambuco, varou o interior de Alagoas, chegou sem tostão em Sergipe. Procurou emprego, sem conseguiu-lo. Dormiu até no cemitério com medo de ser preso pela polícia que lhe decapitara o pai.

◇ Um dedo grande, imenso — o dedo da maldade humana — parecia indicar a todos que ali estava o filho de um cangaceiro. Seu corpo de homem está marcado pelos terríveis sofrimentos da infância; não conhece família, jamais teve alguém que o amasse; nunca recebeu de ninguém ternura ou compreensão: é o filho de «Corisco». Sua mãe pertencia ao bando de Lampeão. Que importa que Benedito seja bom, doce, correto? Fura caatingas, vara sertões, atravessa cidades, quer ver a cabeça do pai, quer ter a bênção da mãe. E o dedo grande, imenso dedo da maldade humana, apontando-o com a voz do tenente de polícia: — E o filho de «Corisco», precisa ser aliado da sociedade, deve ser punido, pois tem no sangue «a linha de conduta do pai».

◇ Que estória mais dolorosa? Que culpa tem Benedito dos erros paternos? Por que a sorte lhe tem sido tão cruel? «Jamais cometeu nenhum crime», diz a notícia. Mas seus antecedentes sujaram a folha corrida que deve exibir. É um homem arrastando consigo o crime de ter mal nascido. Mas é um homem e assim sofredor chegou à Bahia. Aconselhado por pessoas melhores que o tenente, procurou os «Diários Associados»; quer saber tudo a respeito do pai, quer saber onde está sua mãe. Benedito quer, precisa, necessita amar e ser amado; deseja — e muito — que sobre sua cabeça, a mãe deite bênçãos e afagos. Quem tem o direito de prejudicar os desejos de Benedito? Os filhos têm culpa do destino certo ou errado de seus pais?

Porque Benedito é um exemplo (milhares e milhares de crianças sofrem no mundo pelas culpas paternas) devemos esperar que um dia ele seja feliz. Quando a sociedade perdoará aos homens como Benedito a culpa que não têm? Será bom, será muito bom o dia em que Benedito for feliz.

ENEIDA





ÉIS MISS Simpatia, escolhida após renhido concurso, de que participa-  
ram oitenta modelos profissionais da Inglaterra. Esses certames, comuns  
nos grandes centros mundiais, têm o dom de revelar valores artísticos.





# NASCE UMA ESTRÊLA

HAN KAIN, Bernice Hof e Phyllis Hershey, finalistas do certame há pouco efetuado em Londres. A exótica e jovem Phyllis foi a vencedora.

ESTIMULADOS PELO grande êxito de "Petty Girl", película da Colúmbia que se exibiu durante várias semanas em inúmeros cinemas de Nova Iorque, o famoso "Institute of Models" — uma das várias instituições destinadas a preparar atrizes e modelos para os palcos e "night-clubs" novaiorquinos —, resolveu lançar um grande concurso entre suas alunas e ex-alunas, destinado a escolher, por sua vez, a Miss Petty Girl da escola. O Instituto está situado na famosa 44th Street, no coração da imensa cidade norte-americana, e seu diretor é Mister William Schuller, famoso diretor de cena, e antigo ator de teatro, hoje voltado inteiramente para os problemas pedagógicos. Apenas começaram a aparecer na imprensa as primeiras notícias sobre o concurso — cujo primeiro prêmio era uma ótima oportunidade de figurar em alguns filmes, pelo espaço de um ano —, e as candidatas começaram a aparecer, em número bastante elevado. Ao cabo de dois dias, já eram vinte e duas. Uma semana após, elevava-se o grupo a oitenta moças de todos os tipos, de tôdas as alturas, de todos os pontos da cidade-monstro. Umas já trabalhavam em teatro, porém desejavam, conquistando um título de tanta significação, tornar-se ainda mais conhecidas; a grande maioria, porém, apenas se iniciava pela senda dos palcos, a despeito de possuírem, tôdas, certa expe-



O TIPO exótico de Phyllis Hershey valeu-lhe a conquista do concurso, cujo prêmio era um contrato cinematográfico pelo período de um ano.



## NASCE UMA ESTRÊLA

riência teatral, adquirida justamente nas aulas do "Institute of Models". O júri, composto de artistas plásticos, teatrólogos e peritos em beleza feminina, não levou em conta unicamente os atributos físicos, de vez que, num modelo, e em quem deseja a celebridade da cena, vale tanto a inteligência quanto a beleza, quando não vale muito mais aquela do que essa. Assim, jovens de rostos perfeitos e corpos tentadores viram-se sumariamente afastadas do certame, sempre que sua perfeição física não encontrava apoio na lucidez mental. E outras, não tão belas, porém talentosas e com um futuro teatral magnificamente delineado, foram mantidas até às provas semifinais. Dessas últimas, que eram em número de nove, sobressaiu uma que, sem ser propriamente um tipo de beleza, era bela, além de possuir notável talento para o teatro e boas aptidões cênicas e mentais. A jovem, que se chama Phillys Hershey, tem apenas 23 anos de idade, nasceu em Harrisburg, na Pennsylvania, e mora num subúrbio novaiorquino, em companhia da mãe — que é, por sua vez, empregada num grande hospital militar. Descendente, pelo lado materno, de irlandeses, e pelo paterno, de alemães, herdou do Eire a vivacidade e a simpatia, e da Alemanha o amor à música e às artes em geral. Além de ter tomado durante cerca de oito meses lições puxadíssimas de arte dramática, com o



SHEILA MAYO NÃO DEU NEM PARA A SAÍDA. AO FIM DAS PROVAS PREGOU COMPLETAMENTE



COM TRÊMULAS mãos esse juiz toma as medidas de uma das candidatas. Ao fundo, Miss Hershey espera a sua vez.





OITENTA MODELOS DESFILARAM PERANTE UMA COMISSÃO COMPOSTA DE PERITOS. NOVE GARÔTAS FICARAM PARA A SEMI-FINAL DE TÔDAS, PHILLYS FOI A ESCOLHIDA.

severo William Schuller, Phillys desde menina que se dedica ao "ballet", já tendo tomado parte, por diversas vezes, em espetáculos musicais, se bem que não como solista. Desde há algum tempo, porém, que as ambições de Phillys no campo do "ballet" se haviam retraído, enquanto em seu lugar se estabelecia uma nova paixão, a vontade firme e decidida de se tornar um modelo profis-

sional. Na América, as "cover-girls" ganham rios de dinheiro, e muitas delas cedo deixam sua profissão, descobertas por algum "scout-talent", para irem desembocar no cinema. Basta lembrar o caso de Marilyn Monroe, hoje conhecida universalmente. Ao vencer, em concurso que alcançou grande repercussão em todo o Estado, as suas setenta e nove concorrentes, Phillys ganhou um contrato

cinematográfico, e mais inúmeras propostas para posar para as mais variadas revistas norte-americanas. O caminho, para ela, está aberto: se tiver um pouco de sorte, não será demais augurar-lhe uma boa carreira, no cinema e no teatro. Quanto às suas companheiras, bem, é bom que aguardem até ao próximo concurso. Quem sabe a fortuna não lhes sorrirá, então?



BERNICE HOF podia ter tido mais sorte, no certame. Porém, não só a beleza conta. Tôdas essas meninas, inclusive as quatro ao lado, têm experiência teatral.



# A SEMANA

## NACIONAIS

que Gular também não consegue trazer acadêmico maranhense...

EM SÃO PAULO, uma menina de onze anos deu à luz uma criança. Parto normal. A criança também tem peso normal.

FALECEU o vereador Odilon Braga, e seu enterro, saindo da Câmara dos Deputados, teve grande número de amigos do extinto a acompanhá-lo.

LIA SALGADO, soprano, é a figura mais popular da atual temporada lírica do Teatro Municipal, que se arrasta este ano, como de resto sempre, cheia de altos e baixos. Sua popularidade, porém, nada tem de aprazível. Lia, que cantou a «Mimi» em *La Bohème* e a «Micaela» em *Carmen*, não se saiu bem, nem de uma, nem de outra feita. Sendo que sua ária no terceiro ato da ópera de Bizet chegou a merecer manifestações ruidosas de desagrado, de parte do público. Mas, perguntamos: não haverá, nessas vaias a Lia Salgado, muito de política e de sentimentos inconfessáveis? Afinal de contas, o célebre tenor Ferruccio Tagliavini está cantando muito abaixo do mínimo permitido a um «divo» de sua categoria, e não nos consta que não venha sendo delirantemente aplaudido no Municipal. Ele, Del Monaco e Nicolai, que valem o seu peso em dólares (e todos três são bem gorduchinhos...) apresentaram-se esse ano em deficiente forma vocal, mas vêm sendo furiosamente, burramente encomiados. São gritadores à procura de tenutas e fermatas, tão do agrado de nossa platéia. De música, mesmo, pouco sabem, pouco desejam saber. Será possível que só em Lia Salgado nossa «cultua platéia» venha achando defeitos? Esses defeitos existem, é verdade. Defeitos que mais estudos poderão sanar. É justo, porém, que uma cantora, só por ser esposa de um ministro, passe por bode expiatório de toda uma temporada? De certo modo, é bem feito o que com Lia acontece: porque, ao invés de utilizar sua bela (mas frágil) voz em «lieder» em canções de câmara, deixou-se seduzir pela glória circense da arte operística, ignorando que não é a intensidade, porém a musicalidade, nem é a força, porém a inteligência e a finura de interpretação, que fazem uma cantora, consagrar-na e a glorificam.

OS RATOS invadiram a cidade paulista de Cananéia, cuja situação sanitária, por isso mesmo, não é das melhores.

O LEITE desapareceu, na última semana, de todas as leiterias. Leite, só mesmo em pó. E como custa caro uma latinha, meu Deus!

JOÃO GOULART, que possui vários cavalos de corrida, estava um domingo na Tribuna social do Jockey Club, assistindo o desempenho de um seu animal. O bichinho perdeu o páreo, e Jango, irritado, resolveu mudar de lugar, certo de que era esse que lhe trazia o «pêso». Assim, foi para o meio dos jornalistas, e já no próximo páreo outro animal conseguiu vencer facilmente. Comentário (jocosos) do Vice-Presidente, para seus amigos:

— É a primeira vez que a «tribuna da imprensa» me dá sorte...

O OLARIA constituiu-se na sensação da rodada do domingo atrasado, ao derrotar em seu campo ao time do Flamengo, por um golzinho chorado.

VIRÁ HEMINGWAY ao Rio de Janeiro? O velho escritor, que ama as caçadas e as pescarias, parece ter aceitado o convite que lhe dirigiu um jornalista brasileiro, de vir em setembro, ao nosso país, a fim de caçar em Mato Grosso e em Goiás. É claro que, se assim for, Hemingway, cujo romance «O Velho e o Mar» bateu vários recordes de livreria entre nós, há de ser, muitas vezes no Rio e em São Paulo pelo menos, perseguido pelos caçadores... de autógrafos, muito mais ferozes e impiedosos, tão freqüentemente, do que os legítimos.

O PAU brasil e a flor de ipê amarela são, de agora em diante, símbolos nacionais. Assim, pelo menos, decidiu o Conselho Florestal Federal. E daí?

JANGO GOULART atrapalhado com novo caso relacionado a Peron, Argentina, Brasil, Getúlio Vargas, etc. Vamos a ver no que vai dar tudo isso.

FÁBRICA DE uísque escocês descoberta no centro da cidade. Já foi convenientemente fechada pela Polícia...

◆ GEORGE EFEICHE, nascido em Ribeirão Preto, S. Paulo, com quatro meses de idade partiu para o Egito, com seus pais. Ao voltar, vinte e dois anos após, teve de... naturalizar-se brasileiro. No Brasil foi um dos pioneiros do cinema, e também fez teatro, como diretor e como ator. Já em 1920, em Paris, havia merecido da Comédie Française uma Medalha de Ouro. Seu nome tornou-se porém mais conhecido com as inúmeras interpretações que vem fazendo de seu monólogo «Cocaína», em faculdades, igrejas, auditórios, até em cruzadores — como aconteceu não faz muito, no «Taman-darés». Tradutor emérito do árabe, Efeiche é quem verte para o português os filmes de origem árabe exibidos no Rio de Janeiro. Escreveu já cerca de dez peças, cinco em português, quatro em árabe, e uma em francês. «Cocaína», por exemplo, foi escrita originalmente em árabe. Já a representou muito mais de cem vezes. Mas, como todos os dias, quase, lhe chegam convites para novas atuações, é provável que George Efeiche ainda a vá representar outras cem vezes... Ainda este mês, o professor Efeiche apresentará-a no auditório do Clube Militar, a convite da Diretoria dessa prestigiosa sociedade. Na foto, ao lado de Pedro Bloch e do ator Pierre Horey, o diretor de cena, ator e autor George Efeiche ensaia alguns detalhes de «As Mãos de Eurídice», que, levada em árabe não faz muito no Rio, conquistou grande êxito.

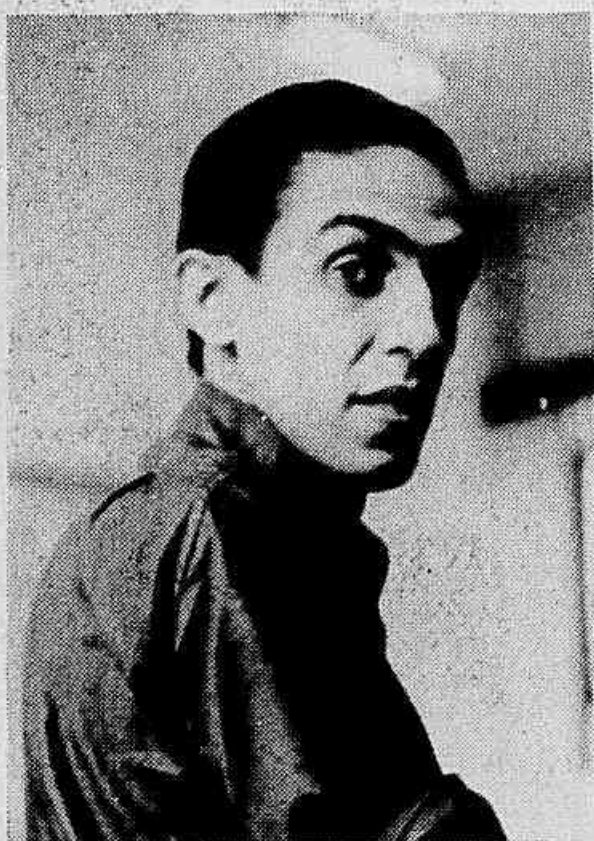
FERREIRA GULLAR armou terrível barulho em São Luís do Maranhão, sua terra natal, ao atacar violentamente, pelos jornais locais, os literatos da cidade. Desancou-os sem dó nem piedade, não respeitando cartaz nem cabelos brancos de ninguém. Há pouco, em entrevista concedida à REVISTA, o poeta de «A Luta Corporal» afirmava que uma das coisas que mais o irritavam era a «infundável rua Barata Ribeiro». Parece, em face dos últimos acontecimentos,

FERREIRA GULLAR

ERNEST HEMINGWAY

LIA SALGADO

JOÃO GOULART





# EM REVISTA

## INTERNACIONAIS

**COLETTE DUVAL**, a linda francesa que passou tantos meses no Rio, onde afinal acabou por bater o recorde mundial de salto de pára-quedas, há pouco, em Paris, deu um salto desastrado, e sofreu ruptura dos ligamentos do joelho. Já era tempo da menina tomar um pouco de juízo, e contentar-se com seus próprios recordes até hoje conquistados. Lembre-se ela, por exemplo, do que sucedeu ao malogrado Leo Valentim, seu amigo dileto. Afinal, nesse afã de quebrar recordes, o que muitas vezes se consegue é somente quebrar... o pescoço.

**HENRI CALET**, famoso romancista francês, acaba de falecer, em Paris, na idade de cinquenta e poucos anos. Era autor de «La Belle Lurette», e «Le Bouquet», recordações do cativo alemão.

**ARTHUR MILLER** é o autor de «As Feiticeiras de Salém», ultra-famosa peça teatral que conseguiu grande êxito quando de sua apresentação, em Paris, no Teatro Sarah Bernhardt. Agora, Jean Paul Sartre escreveu um roteiro cinematográfico baseado na obra de Miller. E Raymond Rouleau já se prepara para filmá-la, tendo, como principais intérpretes, Yves Montand e Simone Signoret.

**CHARLES BOYER**, o velhote que ainda é um grande artista cinematográfico, trabalha em Paris em seu último filme, «Paris-Palace-Hotel», sob a direção de Henri Verneuil. É interessante observar que ao lado do maduro Boyer aparecerá em tal filme a deliciosa Françoise Arnoul. A velha, e a novíssima gerações do cinema francês, unidos numa película.

O **ARCEBISPO** de Westminster, Cardeal Griffin, chefe da Igreja Católica em toda a Inglaterra, acaba de falecer, com apenas 57 anos de idade.

**RETRIBUINDO** A visita do presidente C.aveiro Lopes a Londres, no ano passado, a Rainha Elizabeth deverá muito em breve visitar Portugal, acompanhada do Duque de Edimburgo e de demais membros da Família Real Britânica.

A data para a visita ainda não está marcada, porém, afirma-se que será, quando muito, até novembro.

**RUBEM BRAGA** conta o caso da moça estrangeira que aprendia o português, e que se saiu com essa frase: «Ando com muita vontade de comer um butantã». Queria dizer «um vaptá»... Bem, o gosto não deve ser muito diferente (desculpem-me os baianos).

**OS REIS** gregos já iniciaram o segundo Cruzeiro dos Reis, a exemplo do que no ano passado efetuou. Só que não há nenhum rei a bordo de seu magnífico iate. Os reis estão escasseando como o diabo nesse mundo que cada vez menos suporta coroas e cetros, coisas que só ficam mesmo bem em cartas de baralho.

O **FAMOSO** pintor judeu Marc Chagall expressou sua vontade em criar, em Vence, cidadezinha francesa que já merecera o carinho de Matisse, um verdadeiro Templo da Pintura, todo decorado por ele.

**DIANA DORS** foi protagonista de tremenda luta entre seu marido, Dennis Hamilton, e um fotógrafo, Stewart Sawyer. Diana e o marido afirmaram que o fotógrafo, a fim de conseguir um bom «flash», empurrou-os para dentro da piscina de sua luxuosa residência em Beverly Hills...

**BELA LUGOSI**, famoso ator húngaro de há muito radicado nos Estados Unidos, celebrou-se no cinema como intérprete do tétrico Conde Drácula, e teve seus momentos de glória, que coincidiram com o apogeu mundial de uma espécie de filmes que se baseava no terror e no horroroso. Dessa espécie de películas são exemplos as relativas ao monstro Frankenstein, ao Lobisomem, e a uma infinidade de vampiros, vorvolakas, zumbis e mortos-vivos de toda espécie. Boris Karloff, Lon Chaney, Peter Lorre e o próprio Bela Lugosi foram os grandes representantes do gênero, que hoje, tantos anos passados, apenas reaparece, aqui e ali, transformado em chanchadas de Lou Costello, por exemplo. O lobisomem desmoralizou-se. Drá-



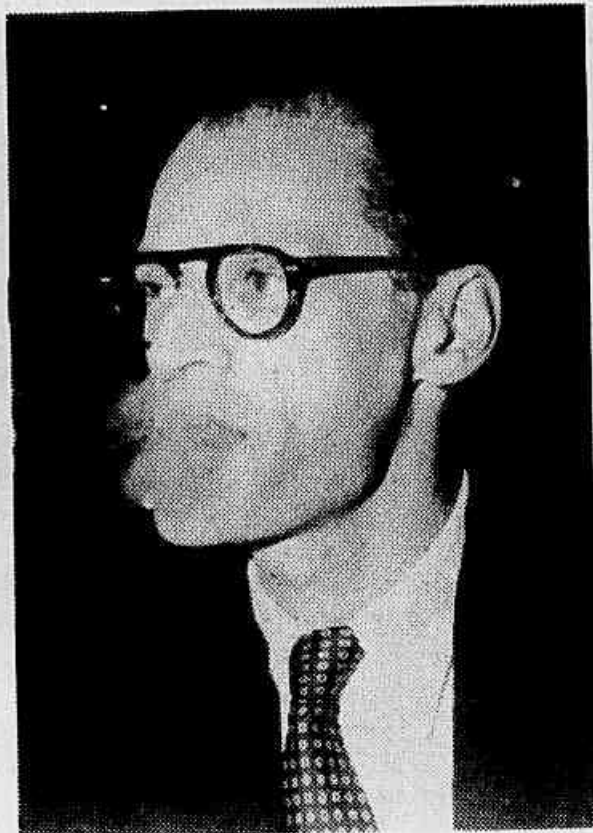
DIANA DORS

cula morreu de anemia profunda, numa época em que o sangue contém cada vez menos glóbulos vermelhos. E o velho húngaro, que fora das telas aderira, não ao hábito de sugar sangue, porém ao de fumar ópio, tendo por várias vezes baixado ao hospital por causa do abuso de entorpecentes, acaba agora de falecer, na idade de setenta e três anos, num hospital americano.

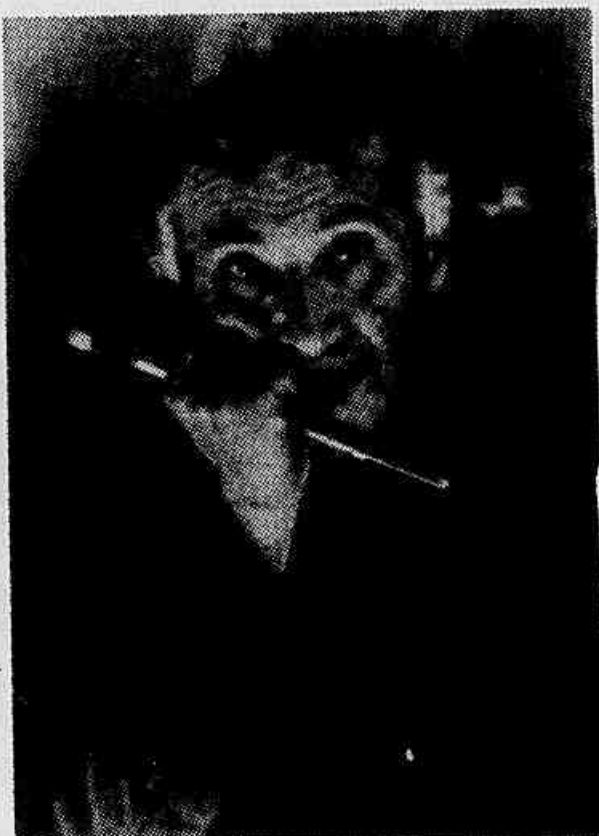
COLETTE DUVAL



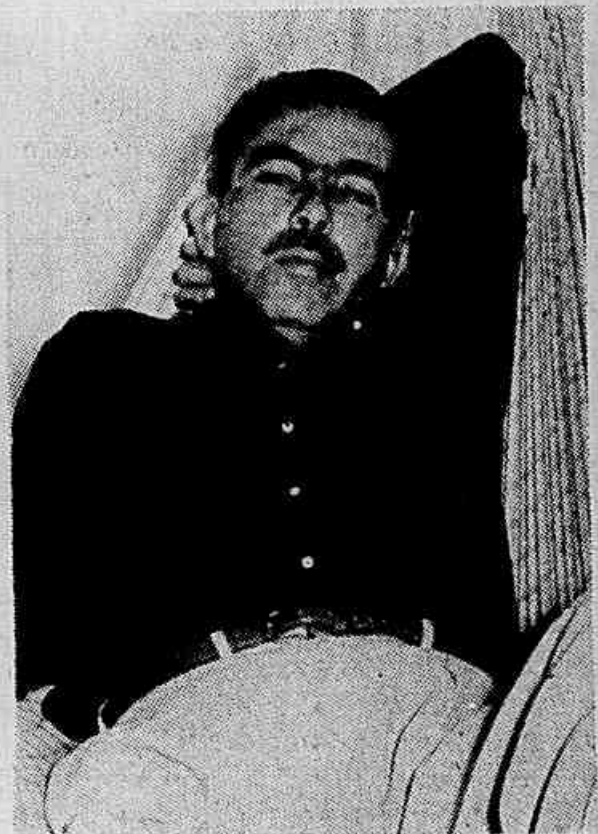
ARTHUR MILLER



MARC CHAGAL



RUBEM BRAGA





# O HOMEM E O TRAPÉZIO

Romance de ARINO PERES

Desenho de ZARCO

## CAPÍTULO III

### A ROSA VERMELHA

As sete da manhã acordavam esperanças. As vezes viviam largo tempo, trocadas, difundidas, agregadas de pequenas outras esperanças; geralmente, contudo, morriam entre nove e dez horas (visita médica).

A primeira visita era das rosas: a vermelha e a branca. A vermelha pertencia a Edson, que aspirava seu perfume, desperdiçava-lhe beijos e rezava-lhe a primeira oração do dia. A Rosa branca dividia-se: ouvia-se o provérbio de Salomão, trazia a imagem feliz que faltava ao Marcos, escutava paciente o sonho freudiano de Bento, verificava a quantidade de água de colônia, ajeitava o retrato da mesa de Cícero, desorientava o menino imberbe e apiedava-se ante os dois braços morenos e rijos.

Duas rosas — uma honesta, única, que se entregava toda a um só; esvaía-se em perfume no esforço estético de satisfazer, deixava-se corromper unicamente. Outra, prostituída, desdobrando-se, servida e constante, múltipla e necessária.

Rosa prostituta, chamara-a Otávio. Estabelecera a errônea comparação entre dissemelhanças e não foi possível buscar provérbio de Salomão para castigar a irreverência.

Por que não se elege a rosa vermelha em símbolo de vida? Parece sangue equacionado, equidividido em pétalas. Deviam ter escrito um longo poema sobre a rosa vermelha, amпуheta de vida e símbolo de constância e continuidade.

Era pecado a presença da rosa vermelha naquele mundo minguado. As rosas trazem perfume de mulher. Otávio esforçava-se por desligar a visão de Madalena daquele pedaço de vida, mergulhava, embora o evitasse, no decote convidativo do vestido verde e detinha as mãos imprecisas na rosa vermelha, que se elevava na respiração imoderada. E as pernas já não o levariam até ela; de que serviam os braços se não chegaria até onde.

Nem as rosas vermelhas suportam a amputação; aquela morreria à noite, já era morte o perfume que exalava.

Naquela dia a rosa vermelha fora devidamente contemplada, Marcos compusera-lhe um poema. A estática, porém, não se realiza, nada se pode tirar do repouso, e a rosa vermelha já não translacionava. Marcos necessitava acrescentar algo de realidade a seu poema; só a Rosa branca era real. A realidade está no deslocamento, na propriedade de estar presente.

Marcos associou as duas rosas, e perdeu-se nas mesmas conjecturas de Otávio:

— Os lábios também eram rosa...

A dissecação da rosa leva sempre ao feminino, há um tabu imperecível entre a espontaneidade da flor e a complexidade da mulher. O homem possui um instinto animal — o olfato — e a presença da mulher identifica-se sempre com um odor percebido.

A rosa vermelha não se maculou; continuou indivisível, constante a Edson; se acordou desejos ultrapassados no moço perdido, foi a Rosa branca que os corporificou, tornando-se sensíveis à manipulação literária.

Rosa felicitou-o:

— Marcos, por que você não o remete para esses jornais que lê aos domingos?

— Tome-o, quando eu morrer será uma grande obra póstuma.

— Bobagens. Você ainda será acadêmico.

A rosa vermelha era honesta, de uma honestidade fanática, não saberia dizer essa pequena mentira.

## CAPÍTULO IV

### A VISTA DO MEDO

Após a visita das rosas duas outras ocupavam a parte da manhã: a do medo, às oito horas, e a do médico, às nove.

O medo chegava com passos metrílicos, silencioso, até bem junto dos hóspedes. Sua preferência recaía em Bento, que o recebia com blasfêmias, malcriado:

— Diabos, quando sairei daqui? Estou preso a esse navio imóvel. Não sinto dores. Por que teimam em conservar-me? devo ir para um asilo de velhos. E estupidez manter-me aqui, em uma cama que poderia ser usada por outra pessoa de mais necessidade. O médico é um burro, não vê que está perdendo tempo? De que serve a medicina? Tantos anos estudando, e eu encurado como um quisto neste colchão imundo.

— Augusto dos Anjos tinha razão, completava Marcos. Somos po-dridão, apenas isso. Célula deteriorando-se constantemente. Fui ge-

léia e voltarei a geléia. Serei menos que molusco um dia. Precisam criar nova classificação dos animais em que me possa incluir — semi-vertebrados.

Alberto nada dizia, ou melhor, colecionava palavras que pouco diziam. Alinhava conjecturas e sem razões, justificava sua presença naquele hospital como aberração da perfeição do criador, considerava-se um deslize do ato conceptivo. Encontrava sentido para afirmar-se: «ainda sou», dizia. Talvez nada fosse, mas precisava encontrar motivos para sua existência, seria alimento de outros seres, instrumento para experiências de homens mais sábios, matéria prima de conquistas superiores.

Rondava o medo no espaço estreito, confundindo palavras, gerando suspeitas, afirmando crenças ou fortalecendo incredulidade. Para Cícero transvertia-se, construindo quadros de orfandade, apresentando infidelidades da esposa. Espezinha-o, porque não lhe mostrava sua inutilidade, mas a incapacidade de ser.

— Pobre de meu filhinho. Repararam como está magro? No domingo passado cheguei a pensar que teria uma vertigem, está tão pálido. Também Marta já não pode cuidá-lo como fazia; arranjou um emprego para ajudar a importância do instituto. Vocês acreditam que a mulher possa permanecer fiel ao marido que não pode satisfazê-la? Agora esse emprego; talvez tenha sido manobra de algum aproveitador. E ela é bonita... Não, não faria uma coisa dessas, só se fosse forçada... Não, mesmo assim não faria, conheço minha mulher. O que me preocupa é o Paulinho; será que está doente?...

Curioso é que as perguntas perdiam-se, desconexas, interrompidas, o medo forjava-as, depois as deixava balouçando, indecisas, sem complementação. As vezes alguém as retomava:

— Tolices, Cícero. Seu filho está crescendo muito depressa — é a idade — coisa natural. Você não viu o meu neto quando nos visitou o mês passado? Isso é da idade, homem, deixe de preocupar-se. Parece que você não confia na bondade infinita, não possui a noção de pecado. Quase força um falso testemunho para a esposa; que coisa. Você precisa é um pouco de religião. Já leu o Salmo 127? «Tua esposa será como a vide exuberante ao lado de tua casa. Quais vergôntes de oliveira, estão os filhos ao redor de tua mesa. Alelúia. Alelúia.»

Todos se apiedavam ao aproximar-se de Walter. Havia tanta beleza naqueles olhos e tanta gulodice de vida que os próprios fantasmas contornavam-se, metamorfoseando-se para vê-lo.

— Sabem, estou muito melhor hoje. Talvez o doutor possa operar-me definitivamente na próxima semana. Este ano passarei o Carnaval em casa. Não acham que estou mais corado?...

Otávio lembrava Madalena. Não o visitara. Soubera certamente do ocorrido pelos jornais; guardava um deles como lembrança. Os curiosos envolviam-no numa muralha assimétrica e pouco vertical, parecia que iam desabar sobre ele. Maldito automóvel, no último momento não lhe deixara o mínimo de chance... As duas pernas cortadas acima dos joelhos. Talvez nem pudesse usar pernas mecânicas... A vida insistia em não lhe conceder o menor prazer, não consentira nem em fazê-lo quadrúpede. Podia ter-lhe restado alguma oportunidade, uma perna pelo menos... E ele, que nunca se escravizara a um ponto, reduzido a um segmento, a uma estúpida fração — três quartas partes de um homem, quando um homem inteiro já não é completo.

Duas coisas preocupavam Alberto naquela hora; a dor que seria provocada e o cheiro desprendido pela ferida aberta. Durante o resto do dia era fácil suportar-se; a perna em repouso não possuía existência, e a água de colônia, espalhada pelo lençol, evitava o odor desagradável da perna doente. Rabiscava grotescos bonecos no papel — um era o doutor, outro, a enfermeira. Consolava-se animando Otávio:

— Eu tenho uma perna que não vale para coisa alguma, e não a cortam. Ainda representarei num quadro surrealista esta perna doente, concorrendo a uma medalha. Quem sabe se tinta a óleo não a faz sarar? Um amigo meu teve a cabeça quebrada num desastre; os pontos de incisão inflamaram, e ele, aborrecido por ver que os curativos do farmacêutico não davam certo, colocou no ferimento remédio para coceiras; em menos de uma semana estava tudo cicatrizado. Quando puder ir para casa talvez faça o mesmo.

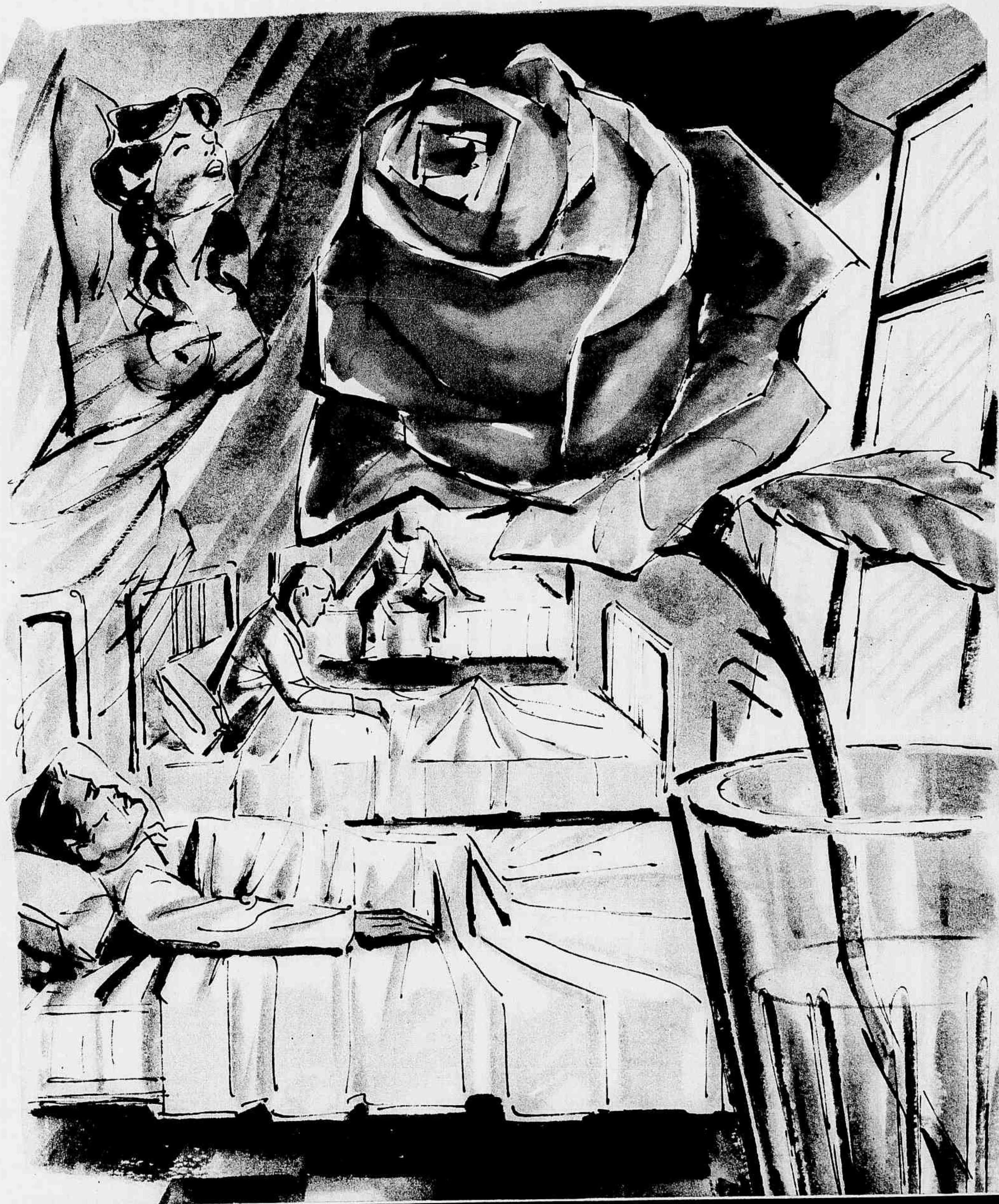
Depois o silêncio avolumava-se até ser atingido pelas passadas macias no corredor e o deslizar da mesa de curativos sobre o cimento polido.

— Bom dia, meus amigos. Vejamos quem irá hoje em primeiro lugar... o senhor Otávio, que parece perdido em outro mundo.

Os enfermeiros não eram muito delicados, mas Rosa sabia sorrir.

(Cont. no próximo número).





A primeira visita era das rosas: a vermelha e a branca. A vermelha pertencia a Edson... que aspirava...

ZARCO





#### RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

KAPITZA E seu grupo de cientistas estão pesquisando, ativamente, em seus laboratórios, no sentido de dotar a União Soviética, o mais cedo possível, da bomba atômica. Como há muito o que fazer, determinaram que alguns, capitaneados pelo próprio Kapitza, tentarão obter a bomba seguindo determinado método; outros tantos, chefiados por velho cientista, Kourchatov, preferem seguir o método da fissão nuclear — método que produz frutos, afinal, antes do primeiro. Entrementes, outras experiências vêm sendo a cada dia tentadas. Um certo engenheiro, por exemplo, apresenta seus planos de fazer construir um Râio da Morte, capaz de exterminar a vida em um raio de ação bastante amplo. Para evitar que o povo venha a se interessar demasiadamente nas pesquisas, o Governo Russo proíbe, sob pena de morte, que sejam ventiladas quaisquer notícias sobre o andamento dos trabalhos. E conhecido jornalista e escritor — Ilya Ehrembourg — mantém, pelo PRAVDA, um combate ardoroso contra alguns cientistas que não obedecem, segundo o Partido Comunista, aos interesses da coletividade, mas sim ao próprio.



P

ELO RÁDIO, na noite de 3 de julho de 1939, Ehrembourg continua a satirizar os trabalhos do notável professor Tchichewsky. Recebeu ordens, o pseudo-grande escritor soviético, de desviar a atenção do mundo o quanto possível dos trabalhos do sábio, que o Govêrno Soviético, todavia, continua subvencionando com milhões e milhões de rublos. O professor deve suportar, sem dizer uma só palavra, a todos os ataques. É bem verdade, igualmente, que os comentários de Ehrembourg nunca o impressionaram grande coisa.

E tudo foi previsto pela campanha de desmoralização: a família do professor ocupa um apartamento, na cidade. Vizinhos, e ingênuos leitores do Pravda poderiam, num acesso de indignação generosa, atacar o Professor que de tal modo malbaratava os bens de todos eles. E por isso, uma vila particular foi oferecida para moradia de Tchichewsky...

«Estimamos profundamente Abram Ioffe» — escreve ainda Ehrembourg, prossequindo sua campanha de descrédito — «e sabemos que é um homem honesto e digno, a quem nosso inigualável Lenin muito prezava». «Por isso é que estamos sumamente aborrecidos por ter de comunicar o gênero de pesquisas a que ele atualmente se dedica: seu Sahara azul e seu super-acumulador que pode ser usado no bôlso do colete, será isso o resultado de tantos anos de estudos? Será que ele não dispunha de imaginação para fazer algo de mais útil pelo seu povo e pelo seu país? Foi para isso que se lêz tanto sacrifício, que se votou uma lei importante em um tão grande número de rublos?» «Mas o professor Ioffe já não raciocina assim, e afirma que, se se pudesse cobrir de azul o deserto de Sahara, digamos, o sol absorveria certas radiações, as quais fariam dessa região um oásis, dentro de muito pouco tempo.» «É claro que estimamos o seu valor, seu patriotismo; voltou livremente para o seio da Pátria, após estar no exílio. Muito tem feito, até ao presente, e se poderá esperar ainda mais do futuro, a menos que continui no rumo atual. Porque, hoje em dia, suas pesquisas são apenas tolices e — o que é pior — tolices dispendiosas e que não levam a resultado algum. Francamente, é pena!»

teriam então de desarmar e aprisionar. Esses raios tinham a particularidade, bastante cômoda, de poderem ser emitidos sem necessitarem de antena. Havia até quem dissesse que, graças aos citados raios, os mortos recentes podiam ser ressuscitados...

Resumindo: o camarada Jdanov deu certa importância à carta do físico Jdanov. O cientista deve ser conduzido, com a maior discrição, até Smolny, que é uma espécie de Kremlin de Leningrado, e desaparecerá em seguida...

Antes que suas alegações sejam verificadas, muita água rolará sob as pontes do Neva. Porém o todo poderoso Jdanov André não está satisfeito, de modo algum, nem com o desaparecimento de Victor. Afinal, não era possível que outro homem ousasse, impunemente, pensar na mesma idéia que constituía o cerne das teorias de Kapitza.

## O JOIO DO TRIGO

Jdanov recorda-se também de certas medidas tomadas por ocasião do terror que reinou de 1936 a 1938. Uma campanha brutal, sustentada pela imprensa, fizera com que um grande número de sábios e de cientistas fôssem aprisionados. Por esses motivos é que o matemático Nicolas Lousine preferiu bandear-se para o lado ocidental, ao invés de continuar em sua terra, sujeito, quem sabe, a quantas perseguições. Aliás, Beria pôs a culpa da fuga de Lousine em Kapitza.

Outros cientistas, porém, tiveram de pagar. O velho cirurgião Pletnirov, de setenta anos, que salvara o próprio Lenine da morte, quando do atentado de Fanny Kaplan, acusado de desrespeito ao Partido, foi pôsto em tremendo ridículo; acusaram-no de sadismo e de furto.

O professor Vavilov, perito em cereais, fundador de uma coleção de cereais sem rival no mundo, foi relegado a um plano secundário, tendo sido encarregado mesmo de cargos humilhantes, enquanto o mediocre Trofim Lissenko era proclamado um dos sustentáculos da «idéia revolucionária mundial».

Nicolas Vavilov, atirado a um cárcere, ali viria a falecer, e Lissenko, nomeado Presidente da Academia Lenine, recebeu por várias vezes o Prêmio Stalin.

# O ENIGMÁTICO KAPITZA

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone e Pierre Horay

## O RAIOS DA MORTE

Victor Jdanov, físico e antigo empregado da mina de ouro «Goly Noss», receberá pois uma resposta, porém de todo estranha: é «convocado secretamente». Que pensar do que afirma, com efeito? Diz haver descoberto certos raios que, emitidos por um aparelho, sem antena ou terra, agem sobre o organismo humano!

O camarada André Jdanov, que tem boa memória, recorda-se de que, em 1917, encontrou-se, em uma clareira, um amontoado de mortos que não apresentavam, no corpo, qualquer espécie de ferimento. O enigma nunca foi resolvido. Dois anos mais tarde, o fato repetiu-se, em Arcangel'sk. As tropas norte-americanas estavam pelas proximidades. E logo correu, célere, a notícia: os iagruzes tinham inventado o Rádio da Morte! Chegou-se mesmo a falar num determinado engenheiro Matthews ao qual se atribuiu a paternidade do invento diabólico.

Em 1939, em Paris, um grupo de sábios julgou, platonicamente, o caso Matthews. O Presidente deste Tribunal era o professor Paul Langevin, especialista em raios e ondas conhecidíssimo, e que, segundo muitas, passa por ter grande simpatia aos vermelhos. A assembléia condenou, memo a revelia, o engenheiro Matthews, alegando inclusive que, sem antena e sem terra, nenhum aparelho poderia emitir raios que causassem lesões no inimigo.

De tudo isto sabia André Jdanov. Também conhecia as pretensões de um sábio indiano, o qual pretendia conseguir, através de uma combinação de espelhos conjugados, paralisar ou matar à distância qualquer ente vivo, e as mais fantásticas ainda do «gênio» Vorkampf, que afirmava poder matar em casa, pelo telefone, graças ao raio magnético...

Não haviam até noticiado, alguns jornais russos, que certo engenheiro Tongousov podia emitir certos raios contra os quais não existia proteção? Para dizer a verdade, tais raios não matavam — o que não era nada interessante aos admiráveis princípios humanitários soviéticos... Adormeciam somente exércitos inteiros, que os pacíficos soldados russos

Também entre os físicos foi necessário separar «o joio do trigo»... Os professores Ioffe, Frenkel, Boursian, após haverem contribuído largamente para a glória da ciência russa, viram-se estigmatizados, sob a denominação pejorativa de «escravos do Capitalismo» e de «virgens castas do Imperialismo». Desapareceram muito rapidamente, com exceção de Ioffe, que gozava de reputação internacional, e não podia ser tocado sem que, pelo mundo afora, a gritaria principiasse...

A opinião de André Jdanov já está feita: é necessário repetir a operação 1936-1938, a fim de camuflar a grande operação. Neste sentido, telefona para a redação do PRAVDA, e para a Rádio de Moscou.

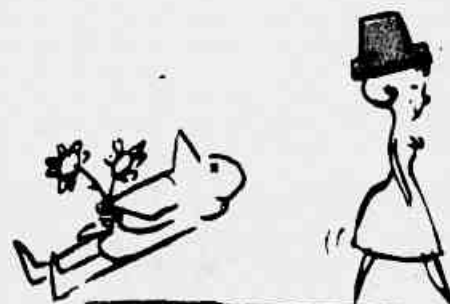
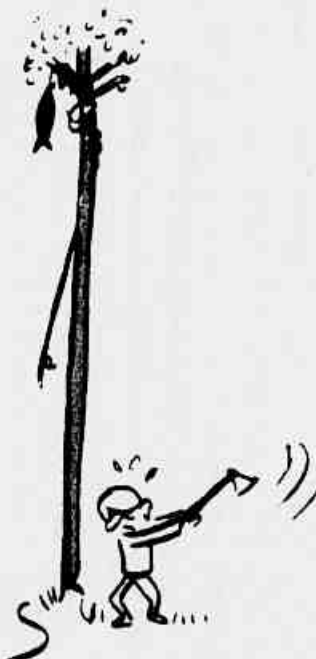
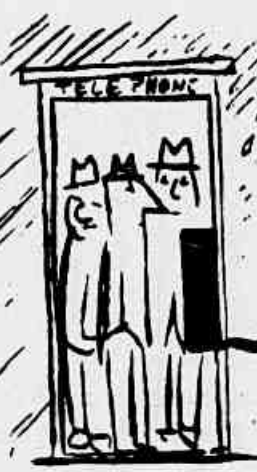
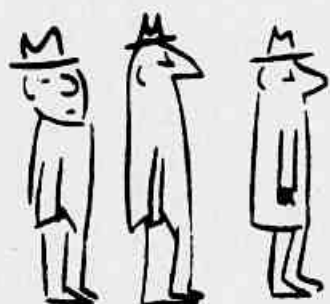
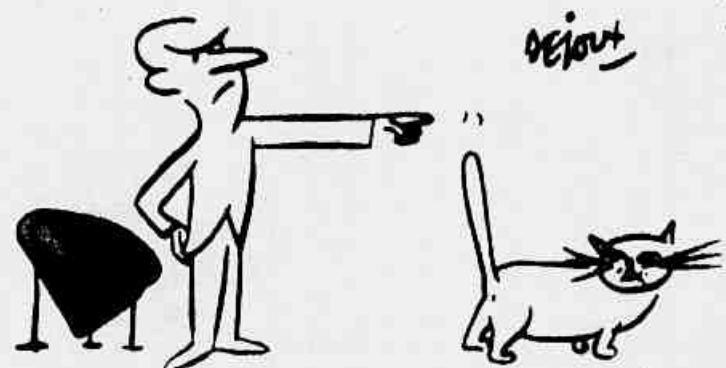
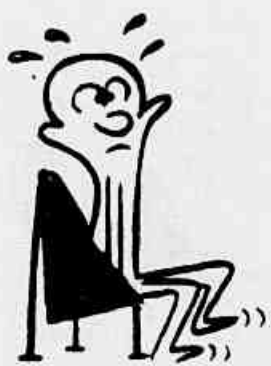
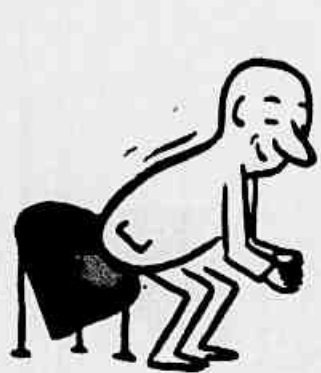
Suas diretrizes são logo seguidas.

— Somos tolerantes, escreveu Ilya Ehrembourg, seguindo as instruções recebidas. Somos talvez tolerantes em demasia. Pelo menos, naquilo que se refere às pesquisas científicas. Chegamos inclusive a admitir que a natureza terminará por nos contar os seus segredos, contanto que os homens tenham paciência e, ao mesmo tempo, ousadia, para desafiá-la. Dito o que, é bem possível que o camarada professor Alexandre Tchichewsky não seja um mau sujeito. A multidão ocorre às suas aulas, a tal ponto que os anfiteatros estão sempre cheios, quando se fala em seu nome. Só esse fato, já bastaria para provar o quanto somos tolerantes. Não podemos, porém, admitir que ele dilapide todo o dinheiro do Estado em pesquisas inúteis, onde não se sabe bem o que leva a palma — se o grotesco, ou se o inútil. Presentemente, ocupa-se ele — pasmai, gente de juízo! — em estudar a ação ionizante das fases da lua sobre o crescimento da lã dos carneiros... Reflita-se bem sobre tal ponto: tanta coisa ainda falta ao nosso mundo socialista, inclusive crianças passam ainda necessidade e sentem frio, e nosso excelente sábio continua a consultar a lua... Não é divertido?»

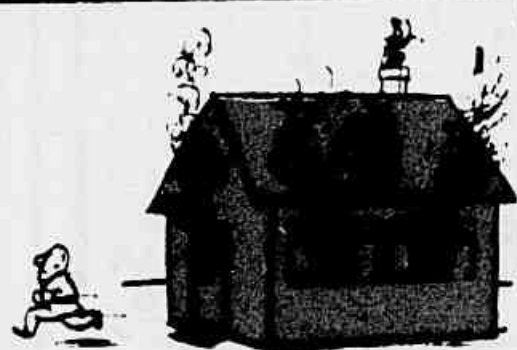
Nesses termos Ilya Ehrembourg tratava então o célebre e infeliz professor.

(Continua no próximo número)





## O RISO DOS OUTROS



2



3



5



6



7





# PUXE PELO CÉREBRO

## NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—«O bôca em tromba retorcida...» — verso de:
  - Casemiro de Abreu?
  - Cruz e Souza?
  - Raimundo Correa?
- 2—«I Lombardi alla prima crociata» é uma ópera de:
  - Belini?
  - Verdi?
  - Rossini?
- 3—Dizem ter ficado louco por não poder pintar como Van Eyck:
  - Van der Goes?
  - Van der Weyden?
  - Van Meegeren?
- 4—Darwyn viajava em que navio, ao visitar a América?
  - Titanic?
  - Beagle?
  - Nautilus?
- 5—Que língua se fala no Haiti?
  - Espanhol?
  - Francês?
  - Inglês?
- 6—Petofi foi um poeta:
  - Rumeno?
  - Tcheco?
  - Húngaro?
- 7—Raidig é a cidade natal de qual desses músicos?
  - Smetana?
  - Haydn?
  - Liszt?
- 8—Pintou «Guarnica»:
  - Dali?
  - Picasso?
  - Van Gogh?
- 9—Há pouco mais de setenta anos estreava no Rio o maestro:
  - Marinuzzi?
  - Toscanini?
  - Weingartner?
- 10—Fundou o Partido Socialista no Brasil:
  - Juarez Távora?
  - Castro Rebello?
  - Euclides da Cunha?
- 11—Trabalhou em «Um Sino para Adamo»:
  - Spencer Tracy?
  - Van Heflin?
  - John Hodiak?
- 12—É o inventor do be-bop:
  - Gillespie?
  - Goodman?
  - Artie Shaw?
- 13—«A doce sombra dos cancioneiros...» — assim começa um soneto de:
  - Péricles Eugênio da Silva Ramos?
  - Ledo Ivo?
  - Ferreira Gullar?
- 14—«Widmung» é um «lied» de:
  - Moussorgsky?
  - Beethoven?
  - Schumann?
- 15—Morreu em 1901:
  - Cezanne?
  - Lautrec?
  - Renoir?

**CLASSIFICAÇÃO:** — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

**RESPOSTAS:** 1 — Cruz e Souza; 2 — Verdi; 3 — Van der Goes; 4 — Beagle; 5 — Francês; 6 — Húngaro; 7 — Liszt; 8 — Picasso; 9 — Toscanini; 10 — Euclides da Cunha; 11 — John Hodiak; 12 — Gillespie; 13 — Ledo Ivo; 14 — Schumann; 15 — Toulouse-Lautrec.

## Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

**Ventre-Livre** tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

...

Lembre-se sempre:  
**Ventre-Livre não é purgante**

...

Tenha sempre em casa  
alguns vidros de **Ventre-Livre**

## ÓLEO DE CEDRO

**INEGAVELMENTE  
O MELHOR PARA  
OS MÓVEIS**

•

RUA MÉXICO, 111 - 21º - C/2.105

Tel.: 32-9415

**UM NOVO  
tratamento**

complexo injetável de alto valor  
anti-anêmico, anti-tóxico e reconstituente  
Injeções intra-musculares:  
1 ou 2 ampólas diariamente.

**YAKRITAMIN**



fração solúvel de extrato hepático  
concentrado com ácido fólico  
triptofano, histidina e metionina  
caixas com 3 amp - 2cc.



**INSTITUTO BIOLÓGICO do RIO de JANEIRO Ltda.**  
E.C.: Rua Santa Luzia 799-13º - fone 220902 - Lab. Alam. São Bonaventura 1087-Niterói



# ADEMIR

## ARQUIVA AS CHUTEIRAS



O Ademir de hoje, ao encerrar a carreira futebolística. «Tudo quanto consegui amedhar, lancei, agora, em um novo empreendimento, que espero seja o meu «negócio do futuro»: uma fábrica de objetos de porcelana que levarão, como marca, a estígie de um craque e o nome ADEMIR.» Boa Sorte!



TRISTONHO, DIZ ADEUS

ÀS CANCHAS ★ DEIXA O «JOGO»

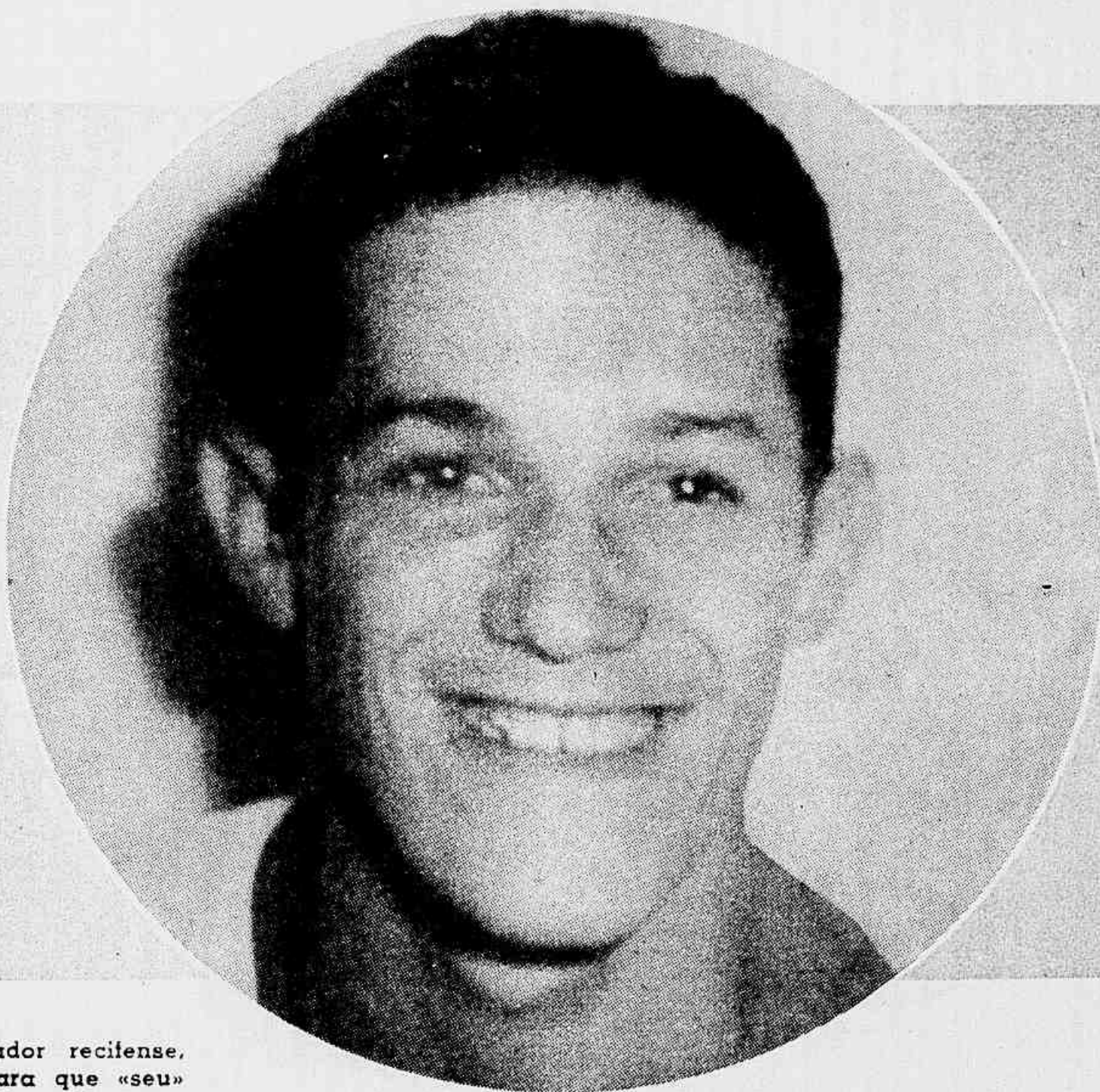
ANTES QUE ÉSTE O ABANDONE

★ HISTÓRIA DE UMA VIDA

QUE CONHECEU A GLÓRIA

★ O NEGÓCIO DO FUTURO

Reportagem de W. GUARNIERI



Ao chegar do Recife, em 42, Guaberninha, jogador recifense, arranhara a canela do queixada. Tanto bastou para que «seu» Menezes quase «endoidasse», pois já havia embolsado os 40 contos do Vasco. «Cuidado com essa canela que vale ouro, sua pestel!»

**A**DEMIR Marques de Menezes dependurou definitivamente as chuteiras, aos 33 anos de idade e aos 14 de profissionalismo, dizendo adeus ao futebol que tantas glórias lhe deu.

— Sim. Abandono de vez o futebol como profissão, mas, não como esporte. Não sei ainda resistir ao gostoso convite para uma boa «pela-da»... É que no futebol há dessas coisas. Antes que o «jogo» me abandone, eu me anticipo, abandonando o «jogo» que me resta...

O craque senta-se frente ao repórter na varanda de seu exíguo apartamento nos arredores do Rio Comprido, quase nas faldas da Tijuca, aqui no Rio. Exibe um sorriso que não nos parece de inteira satisfação. Mágoa ou decepção pode-se vislumbrar através de sua fisionomia de homem mais desiludido do que propriamente cansado. O que nos diz a seguir, vem confirmar aquela impressão:

— Não era para já... — acrescenta meio indeciso. Ainda pretendia disputar mais um Campeonato, no Vasco mesmo... Mas...

E a frase termina com um significativo esticar de lábios, e um empinar do queixo mais famoso de todo o país.

#### O MENINO, COMO ELE FOI

D. Celeste, a esposa, que se demorava lá por dentro atarefada com os preparativos do jantar do casal (apenas a cozinheira, a babá e um irmão moram na casa), aparece na varanda, puxando a mão de Cláudia Fernanda (1 ano e 8 meses). De visita, chega o velho Calocero (médio vascaíno, glória do passado). Ademir levanta e vai desligar a televisão. Um «hall» muito pequeno, um «living» um grupo estofado, e a sala de jantar de móveis coloniais, destacando-se uma gaiola metálica que encerra um triste canário belga, completam o ambiente. De colorido, apenas, o quadro a óleo com a figura do craque envergando a camisa vascaína; o resto é conforto sem muito luxo.

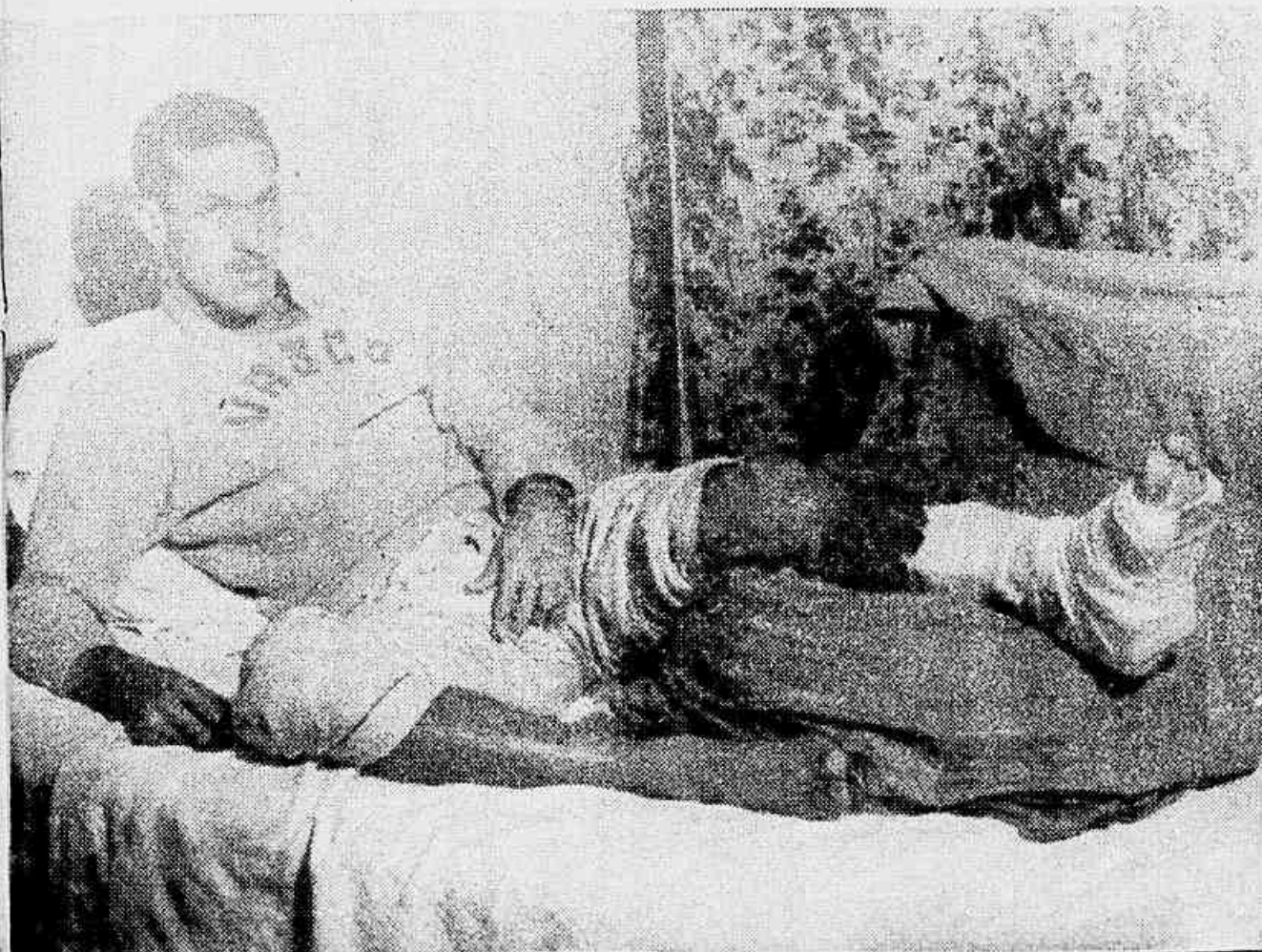
Ademir retorna e abre o primeiro sorriso des preocupado, quando ouve a pergunta:

— Do Beco do Mocotolombó, onde nasci, no Recife não me lembro de muita coisa, a não ser o jardim de infância da «Tia Laura» e de alguns puxões de orelhas, no primeiro colégio que frequentei, mal completava os 7 anos. Pouco depois, minha família mudou-se para a Praia do Piná, no bairro de Afogados, e ali então me lembro de ter visto bola de borracha pela primeira vez.

#### ACHO QUE JÁ NASCI CHUTANDO...

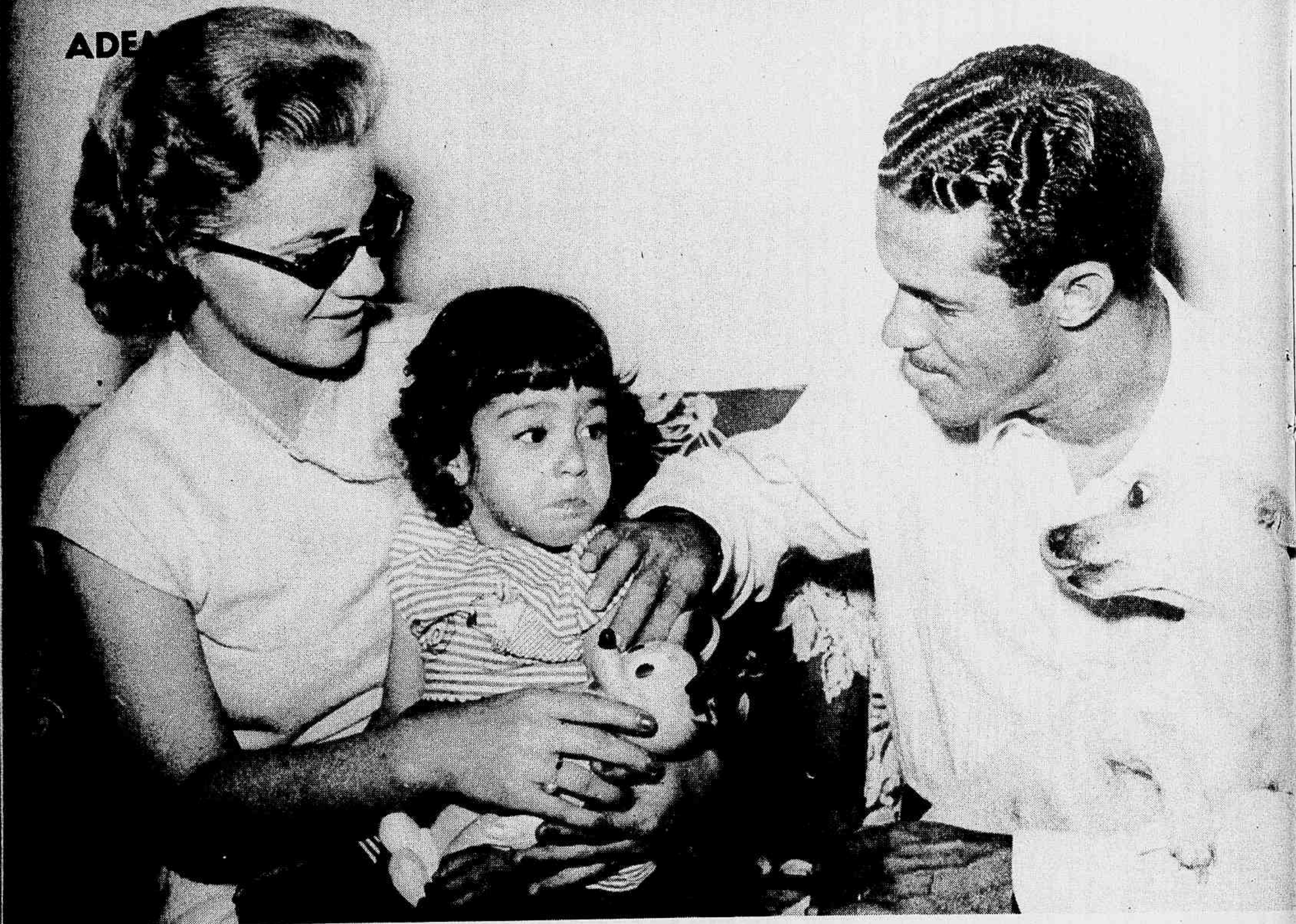
Cinco homens e duas moças formam a família Marques de Menezes. D. Otília e o «velho» Muriçoca, vendedor renitente de carros usados (quando adivinhava um possível freguês jamais o deixava de importunar, tal e qual a «muriçoca» das praias pernambucanas). Complicando a vida dos gurus, o casal Menezes imprime nomes curiosos e muito semelhantes. O recurso eram os apelidos para facilitar o trabalho de «identificação». Assim, Ademir (o mais

O primeiro acidente sério. Descansando no Grande Hotel do Recife, Ademir manda uma mensagem aos vascaínos por intermédio do «Esporte Ilustrado»: «Espero tomar parte ainda no Torneio dos Campeões!» À direita: O presidente Vargas entrega ao craque a taça que comemorava a vitória do Brasil no Campeonato Pan-Americano de 1952. Ademir era o capitão do time.





ADE



D. Celeste, Cláudia e «Tuluca» o cão «chihuauha» (miniatura) que foi um grande conto do vigário passado no craque. «Comprei o bichinho no México e quando chegou aqui começou a espichar tanto até se transformar num autêntico vira-latas.»

velho, hoje com 34 anos, casado, 3 filhos) era o «Au, Au»; Odemilda (29, casada, 2 pimpolhos) era «Nenen»; Ademilson (28, solteiro), o «Russo»; Ademilton (26, recém-casado), o «Tonta»; Ademir (25, solteiro), o «Denga»; Odemilze (24, casada, 5 filhos) «Mimize» e Ademir (33 anos)... apenas «Mi».

«Mi», de aspecto franzino, foi logo transformado em «Mosquito», quando em 1935 começou a nadar no Esporte Clube de Recife. Um olho na piscina, outro no gramado. Dentro em breve, ei-lo no infantil, na primeira posição em que jogou num «jogo de verdade, com camisa e tudo»: center-half.

— Mas, já muito antes eu era «sêco» para disputar «peladas»... Não posso me lembrar quando pus o pé, pela primeira vez, numa bola... Acho que já nasci chutando qualquer coisa...

#### A FAMÍLIA ERA CONTRA

Ademir fala com satisfação daqueles dias longínquos. Assume a iniciativa dos assuntos que aborda e discorre com desenvoltura, num desmentido loquaz as insinuações malévolas que o retratam incapaz de um raciocínio lógico, e de manter palestras interessantes. Não usa muito os termos de «gíria», o que para um jogador de futebol é de certa forma lisonjeiro.

— Na Praia do Pina, quando não estava roubando caju na chácara do Zé Pedro e levando «tiros de sal» nas pernas (não doía, mas como coçava, meu Deus!) meu passatempo era o «bate-bola», a «linha de passes» ou a «pelada» de rua.

«Mas, em casa, o estrilo era diário. Nem a «velha», nem o «velho» concordavam com a mi-

nha idéia de tornar-me craque de futebol. As minhas conversas e os meus elogios ao velho Tim (meu primeiro ídolo de menino) não raro provocavam verdadeiros sermões paternos; todos relacionados com a «pouca vergonha» que a carreira de futebolista inspirava às pacatas famílias daquela época.»

Hoje, Ademir reconhece que o conceito de jogador de futebol melhorou muito, mas naquele tempo era aquilo mesmo, pelo menos lá no Norte.

— Quando comecei a integrar o time infantil do Esporte (em 35), o «seu» Menezes, ao me ver jogar pela primeira vez com uma camisa de «verdade», passou a ficar mais calado nas discussões que jamais cessavam lá em casa.

#### PRIMEIROS SUCESSOS NA CARREIRA

Cursando o Ginásio «Carneiro Leão», Ademir passou para o juvenil e, graças a Ricardo Diaz, foi direto para o primeiro time do Esporte.

— O meu ingresso no infantil só foi possível pelos artifícios empregados para burlar o regulamento da Federação de Atletismo. Foram precisos alguns grãos de chumbo no sapato e alçar-me nas pontas dos pés para completar o peso e altura exigidos. Quando passei a jogar no primeiro time, já o «velho» começou a entusiasmar-se comigo. Nas renhidas disputas entre os «timbus» (gambás, para significar a torcida do Náutico) e os «Leões» que éramos nós do Esporte, «seu» Menezes era o primeiro a correr para a sirene, que soava ininterruptamente nos dias de vitória do Esporte, no «fla-flu» tradicional do Recife.

Ademir recorda com satisfação o trabalho de



O menisco mais discutido de toda a história do futebol brasileiro. «Todos os acidentes que sofri não chegaram a me impressionar de verdade. A maldade de alguns dirigentes esportivos, sim. Como dói...»



catequese do velho Menezes junto a D. Otília:

— Repara Otília; um craque de futebol é como um dançarino de «balleis». É uma arte, como outra qualquer. E o «Mi» já se revela um artista da pelota... — dizia papai envaidecido.

Mas, mamãe jamais se deixou convencer. Até hoje.

#### ESTUDOS E PRIMEIRO NAMÔRO

— Terminando o ginásio, abri matrícula no «Pré» (hoje científico) e mais tarde ingressei na Faculdade de Medicina do Recife. Ainda no ginásio, lembro-me bem do primeiro namôro, que é uma das coisas boas da vida da gente. Minha companheira de banco (nem me lembro mais hoje quem era) foi também minha primeira namorada. Durou pouco tempo, pois foi intempestivamente rompido por mim, quando certa feita insistiu em proporcionar-me «fila» («cola») numa prova de História Natural. Eu subia a matéria e não precisava de «cola», mas, a garôta tanto insistiu que acabou despertando a atenção do severo (?) Inspetor de Ensino, que me arrebatou a prova. O inspetor tão severo nada mais era do que o colunista da sua Revista, o Fernando Lôbo... que se tornou o responsável involuntário pela terminação do meu primeiro idílio...

#### INFLUÊNCIAS DECISIVAS

— Quando em 1942, Ricardo Diaz arranhou aquela excursão do Esporte pelas terras do sul, tive uma das maiores alegrias de minha vida. No Leão do Norte eu já fizera grandes amizades — Novamanuel, Pitota, Pitombá e Magri — principalmente Magri, esse argentino de coração grande, que foi o homem a quem devo grande parte do muito que cheguei a ser um dia.

Ademir recosta-se na cadeira, cruza as mãos segurando o joelho dobrado.

— Sim. Magri foi um dos amigos que mais influência tiveram na minha vida de profissional de futebol. Eu gostava muito de driblar. Magri, que ocupava a meia-esquerda, de início implicou comigo, porém, logo depois, começou a me dar conselhos, corrigindo-me com desvêlo incomum. Sugeriu-me a experimentação de um novo trabalho à base da «velocidade» de jogo. Desde então nos meus constantes exercícios de ginástica, passei a aplicar-me com mais afinco ao desenvolvimento da velocidade e o apuro da resistência física. Foi — repito — um dos mais sábios e úteis conselhos que recebi de um verdadeiro amigo.

(Cont. na pág. 58)



Desajeitado como êle só para os afazeres domésticos, diz que de agora em diante vai «treinar» com afinco para ajudar mamãe Celeste.



Ademir Marques de Menezes, campeão pelo Vasco em 45, bicampeão em 49-50 e outra vez campeão em 52. «Do Vasco guardo algumas alegrias e muitas tristezas», confessa hoje desiludido da política dos «cartolas».



A terceira camisa que vestiu em tôda a carreira. Um gol espetacular deu o Super-Campeonato ao Fluminense em 46. «Gentil cumpriu a promessa. (Dê-me Ademir e eu darei o Campeonato ao Fluminense.



«Tive a consciência de atingir o ápice de minha carreira na Copa do Mundo de 50. Depois, as luzes foram-se apagando... Antes que venha o «black-out» prefiro abandonar a profissão.»



**A VENDA**

# **EU SEI TUDO DE SETEMBRO**

**O CÉU JÁ É VERMELHO?**

**COMO SE ENTENDEM  
OS ANIMAIS?**

**NÃO SINTA TANTO FRIO**

**SE OS NOSSOS SENTIDOS  
FÔSSEM MESMO ACURADOS**

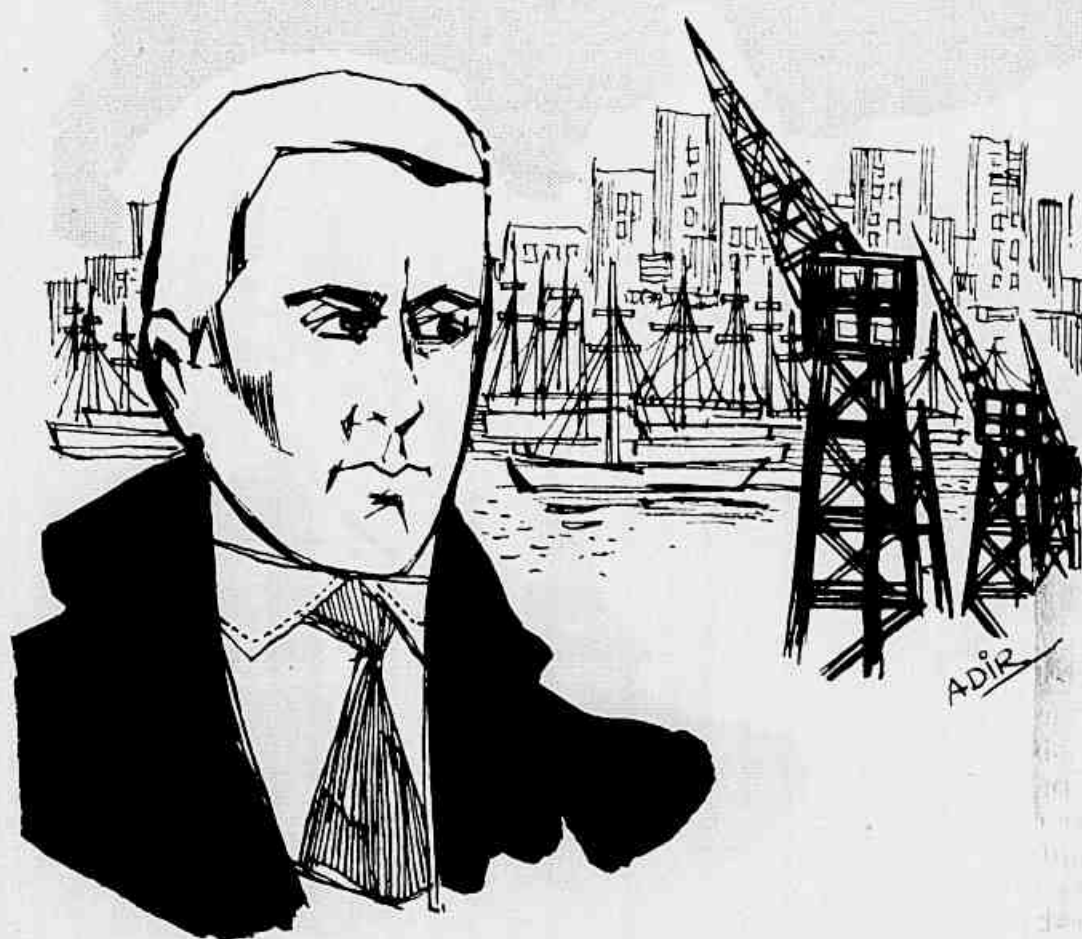
**O HOMEM SERÁ UM GIGANTE**

**E MUITOS OUTROS ASSUNTOS**

**PREÇO Cr\$ 10,00**

**EM TODO O BRASIL**

**REDAÇÃO: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa**



DESENHO DE ADIR

## **DO JULGAMENTO**

O **HOMEM** quer deslazar-se de como está, e não o consegue. Anda, gesticula, toma as coisas e até fala. Mesmo pensa. Mas, não sabe como nem por que, nêle se instalou um certo estado que, tanto menos determinado mais incompreensível é. O homem habituou-se a encontrar explicação para tudo, ou quase tudo. O que lhe acontece se explica, tem origem, desenvolvimento, fim. Todavia agora vão-lhe as pernas, braços, mãos e até a boca operando, sem que ele os sinta ou contenha, ou mesmo os possa determinar. Passos, gestos, objetos retidos e até sorrisos e beijos são nascidos e vividos do ar, como se dêle tirassem origem e sustância. Não são do homem e a êle se incorporam, levando-o a várias situações.

**VAI UM** homem e começa a andar pelo tempo. Em si vão-se incorporando maneiras de sentir, reflexo de situações vividas, que êle não retém consciente e virão a ser sua maneira de ser. Por ela, êle é isento de culpa ou indigno de louvor. Contudo, tem culpa ou louvor, conforme quem o julga. Disse um poeta de ser poeta que era sua maneira de estar sôzinho. Ser-se espontâneo, ser-se o que se é sem perguntar a fim de quê ou por quê, é nossa maneira de estar sôzinhos. Onde possível, assim, julgamento, senão em relação a um ponto estabelecido e aceito, o social, fora portanto do indivíduo?

**SO EM** relação a um interesse, que permanece isolado e pode reter valor, se o desejarem os homens, é possível julgamento. Mas nem o saber o móvel de tudo, êsse interesse, tira ao homem o amargor de ser julgado. Antes, aumento-o, pois lhe confirma a mesquinha condição humana, a que afinal pertence, e o sentimento triste de não poder evitá-la.

O **HOMEM** quer deslazar-se de como está, e não o consegue. Anda, gesticula, toma as coisas e até fala. Mesmo pensa. Mas não adianta pensar que o seu julgador afinal julga a si próprio; não é isso que o aflige, sim a extensão da miséria humana, que também o atinge. No pórtio de sua vida, os navios em que o homem embarcou o entendimento com os outros homens permanecem medrosos, a balouçar. Aquêles em que pôs a compreensão do mundo naufragou.

**ARNAUD PIERRE**



## PING-PONG

# COM GUERASSIMOV

CARLOS M. BRITO

Ping — Há na U.R.S.S. zonas áridas parecidas com as do Brasil?

Pong — Este assunto é o objeto de minha vinda ao Brasil. Entendo que no sul do Brasil há alguma zona árida parecida com as da U.R.S.S. e o estudo comparado poderá trazer algum benefício ao Brasil. Ainda não conheço o norte do Brasil.

Ping — Como se pode aproveitar essas zonas?

Pong — Falei a esse respeito em uma de minhas conferências. Como no Brasil existem zonas áridas parecidas com as russas é possível aplicar aqui nossos métodos agrotécnicos. Irrigação para a agricultura, abastecimento d'água para os rebanhos, cinturões contra a erosão, plantações de florestas e muitos outros métodos.

Ping — Existe na U.R.S.S. algum novo método de cartografia geográfica?

Pong — Existem vários. O mais importante é a aplicação em larga escala de fotografias aéreas, a chamada aerofotogrametria colorida, que nos permite estudar o solo. Eu as uso muito em meus trabalhos.

Ping — Que fazia durante a Revolução Russa?

Pong — Tinha onze anos e era estudante.

Ping — Conhece Bulganin pessoalmente?

Pong — Já fui por ele cumprimentado e condecorado.

Ping — É membro do partido comunista?

Pong — Prefiro não responder a esse tipo de pergunta.

Ping — A bomba atômica tem alguma influência no clima do mundo?

Pong — Não entendo de meteorologia.

(Neste momento o professor Davitaia, também russo e meteorologista, diz que a bomba atômica pode eventualmente causar pequenas oscilações, mas não alterar o clima).

Ping — Que pensa dos Estados Unidos?

Pong — São um país grande e rico.

Ping — Que nos diz dos discos voadores?

Pong — Nunca recebi comunicado oficial sobre eles. Já ouvi falar nêles mas na Rússia ninguém lhes dá crédito.

Ping — É possível ao homem ir à Lua ou à Marte?

Pong — Não entendo de astronomia, mas creio que só em futuro remoto.

Ping — Os russos pensam seriamente neste assunto?

Pong — Existe lá uma comissão especial internacional para esse fim.

Ping — Acha que o Brasil tem possibilidades de explorar seus depósitos de urânio?

Pong — Se existem depósitos de urânio aqui devem ser usados pelos brasileiros e outros povos para fins pacíficos.

Ping — Haverá outra guerra mundial?

Pong — Creio que todo o mundo deve fazer o possível para evitar guerras.

Ping — Que pensa do Brasil?

Pong — Conheço o sul e o oeste do Brasil e achei grande a obra dos brasileiros explorando esta parte do país. O Rio é a cidade mais bonita do mundo. Irei à Amazônia logo que acabar o Congresso.

Ping — Qual o seu autor favorito e nome de sua obra?

Pong — Dos escritores russos prefiro M. Shokolov e seu romance «Tikhij Don» («O Don Silencioso») e o estrangeiro Ernest Hemingway no seu romance «Farewell to Arms».

Ping — Qual o maior homem do mundo no passado?

Pong — Lenine.

Ping — Acha que o Brasil tem possibilidades de produzir petróleo?

Pong — Provavelmente. Do ponto de vista geológico as condições de petróleo no Brasil, são muito diferentes das da U.R.S.S.

Ping — Tem automóvel?

Pong — Tenho dois: um particular e um do Estado, mas não tenho chofer.

Ping — Tem aparelho de televisão e geladeira?



♦ O professor Inokentii Guerassimov, chefe da Delegação Russa ao 18º Congresso Internacional de Geografia, ora reunido no Rio de Janeiro, lente da cadeira de Geomorfologia da Faculdade de Moscou e membro da Academia de Ciências da Rússia, figura de grande evidência no meio intelectual do seu país, como todos os seus companheiros de delegação, foi sempre muito reservado em face da imprensa. Todavia, a muito custo, conseguimos um «tête-à-tête» com esse homem tranqüilo, que pesa muito a responsabilidade do pouco que diz.

Pong — Como todo cidadão russo, tenho um aparelho de televisão, só não tenho é tempo para apreciá-la. Quanto à geladeira, só a uso no verão.

Ping — Onde leciona?

Pong — Na Universidade de Moscou.

Ping — Que considera a melhor coisa na vida?

Pong — Meus trabalhos científicos.

Ping — Que acha da «geografia» da mulher brasileira?

Pong — É bonita nos seus costumes e na sua moda.



## O TERREMOTO DO CHILE



2 de setembro de 1906

**A CAPA** — De autoria de Amaro, uma alegoria aos grandes cataclismas e calamidades que na época aconteceram, e dos quais o terremoto de São Francisco foi o maior expoente. «É preciso não deixar que os mortaes se instruaem muito, quando não são capazes de dar cabo... de mim».

A REVISTA mostrava em suas primeiras páginas diversas fotografias do terremoto que, dias antes, havia ocorrido em Valparaíso, no Chile. E também estampava um artigo, de que estampamos a seguir os tópicos principais:

◆ Desde que foram sabidos no Rio de Janeiro os ultimos desastres de que foi theatro grande parte do territorio chileno houve, imediatamente, uma corrente de sympathia em prol das victimas que tombaram. O phenomeno scismico foi sentido em quase tôda a costa chilena e a sua violencia determinou um grande panico no paiz vizinho. A cidade de Valparaíso foi uma das que mais soffreu, ficando quasi totalmente destruida. Viña del Mar, pequena localidade perto de Valparaíso, ficou tambem completamente destruida. Na cordilheira dos Andes, em diversos pontos, fizeram-se egualmente sentir fortes tremores de terra. A REVISTA DA SEMANA, desde logo procurou obter diversas vistas, quer de Valparaíso quer das proximidades, assim como de diversos pontos pittorescos da cordilheira em territorio chileno, a fim de poder offerecer aos seus leitores todas as informações photographicas que de momento lhe pudessem ser fornecidas. Dos paizes do extremo sul do Continente Americano, o Chile é um dos mais fortes e pittorescos, e a sua população, se bem que em certos logarejos seja ainda um pouco rudimentar, tem contudo uma alma nobre e predisposta a receber com satisfação todos os elementos de progresso. O desastre que destruiu Valparaíso foi identico ao que destruiu S. Francisco da California e a sua extensão tão grande quanto o fôra nas regiões norte-americanas.

## AS REGATAS DE DOMINGO

Mais uma victoria conquistada pela Federação Brasileira das Sociedades de Remo, a regata de domingo passado, a disputa do Campeonato Rio de Janeiro. O aprazivel recanto que faz as delicias da população fluminense, a Avenida Beira-Mar encheu-se domingo de tudo que ha de mais selecto e fino na sociedade carioca, desde a primeira autoridade da Republica até as mais distinctas familias, em toilettes leves e elegantes dando um tom agradabilissimo ao esplendido jardim. A enseada de Botafogo, cujas aguas serenas rebrilhavam aos raios do sol festivo de domingo, offerecia egualmente um aspecto encantador, regorgitando de ageis e velozes embarcações, que se cruzavam celeres aos vigorosos impulsos imprimidos pelos robustos valentes rowers.

O mundo official, que compareceu à festa, assistiu a regata do Pavilhão da Federação, notando-se entre os presentes os membros do Congresso Pan Americano. Todas as provas foram disputadas com verdadeiro empenho. A prova "Federação Brasileira das Sociedades de Remo", Campeonato do Rio de Janeiro, verdadeiro sucesso de canotagem, venceu a Procelaria, do Club Vasco da Gama, que registrará mais esta brilhante palma.

EM DUAS páginas, apresentava a edição do dia 2 de setembro de 1906 uma valsa, intitulada «Revista da Semana» — homenagem de certo senhor Petit à sua revista favorita.

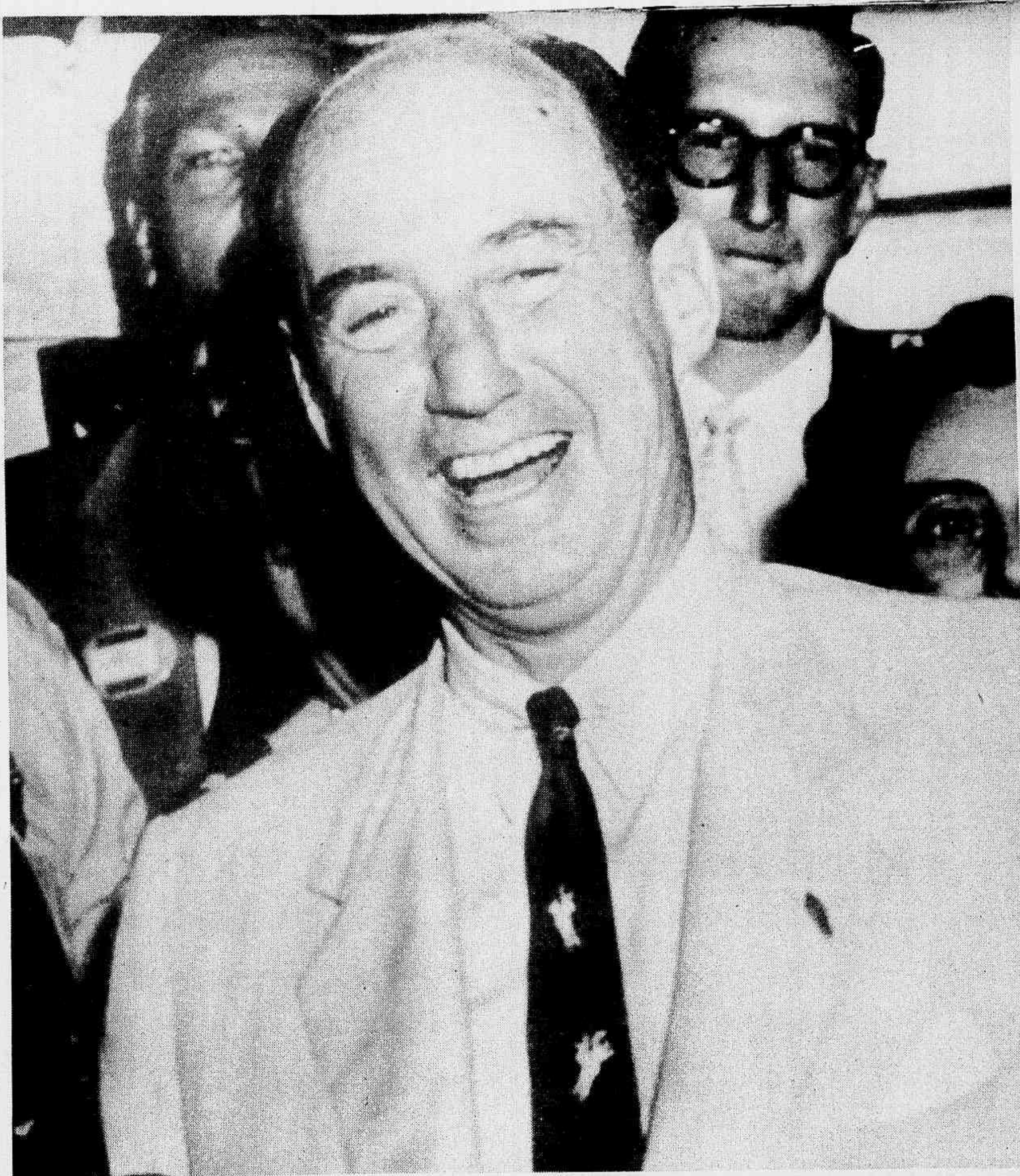
## O CASO DE SERGIPE

◆ No dia 10 do mez findo a população de Aracaju amanheceu sobressaltada com os prodromos da revolução, já esperada, e que estalou no decorrer desse dia, para deposição do governo estadual de Sergipe. O corpo de policia, postado em frente ao palacio do governo, fazia descargas successivas. O fim desse levante, dirigido segundo rezam os tellegrammas pelo deputado federal dr. Fausto Cardoso, era, como acima diziamos, depor o Presidente, dr. Guilherme de Campos, e o vice-presidente, dr. Pelino Nobre. Sob a ameaça em que estava, o presidente deixou o seu posto, juntamente com o vice-presidente, passando o governo ao Desembargador Sotêro de Menezes e refugiando-se ambos na casa do Capitão do Porto. O deputado Fausto Cardoso chegando do interior, conferenciou com os presidentes depostos, resultando d'essa conferência a renuncia d'aquellas autoridades. Assumiu depois o governo, o terceiro substituto legal, Desembargador Tavares. Estava o caso de Sergipe n'esta situação, aguardando-se de um momento para outro, a reposição das autoridades constituidas, para o que interveiu o Governo Federal, enviando força de linha a Aracaju. Autorizado pelo Congresso, o Governo determinou que partisse para Aracaju o General Firmino Lopes Rego, comandante do terceiro distrito militar, na qualidade de interventor. Chegado alli, aquelle general deu os primeiros passos para a reposição do governo deposto. O Dr. Guilherme de Campos reassumiu então o Governo, amparado pelas forças legaes, tendo antes o general Lopes Rego conferenciado com o Dr. Fausto Cardoso e próceres do partido dominante, pedindo-lhes o seu auxilio. Assim não quiz o mallogrado moço, que no dia 28, acompanhado de populares, foi para a porta do palacio, disposto a resistir, como o fez, a despeito dos conselhos que recebeu para desistir de tal proposito. Atirou contra a tropa, provocou a reacção e foi gravemente ferido, fallerendo pouco depois, bem como o secretario do governo revolucionario e um homem do povo. E terminou assim tragicamente o caso de Sergipe.



O mallogrado Fausto Cardoso





ADLAI STEVENSON. POUCO APÓS O RESULTADO DAS ELEIÇÕES QUE O APONTARAM CANDIDATO, SORRI VITORIOSO.

**NOS ESTADOS UNIDOS:**

# PÁREO ENTRE IKE E STEVENSON

POR TREMENDA MAIORIA, ADLAI STEVENSON FOI ESCOLHIDO CANDIDATO OFICIAL DOS DEMOCRATAS À PRESIDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS ★ SALIENTADO, NA CONVENÇÃO DO PARTIDO DEMOCRÁTICO, O PERIGO QUE REPRESENTA PARA A AMÉRICA A ELEIÇÃO DE EISENHOWER, ENFÉRMO HÁ TANTOS MESES

★ AVERELL NARRIMAN, O CANDIDATO DERROTADO





**AVERELL HARRIMAN**, Governador de Nova Iorque, ao lado da esposa. Foi derrotado por Adlai.

## O PÁREO ENTRE

**S**ERA DISPUTADA entre Dwight Eisenhower e Adlai Stevenson a batalha eleitoral pela posse do mais alto cargo eletivo dos Estados Unidos, a 6 do próximo mês de novembro. Isso, porque o nome de Stevenson — que já uma vez concorreu ao pleito presidencial norte-americano, tendo sido então vencido justamente por Ike — vem de ser sulragado na recente convenção do Partido Democrata, reunida em Chicago. A Stevenson foram dados 905 votos, contra 210 apenas concedidos a Averell Harriman, governador do Estado de Nova York e seu mais forte oponente. Tão logo soube do resultado, através dos altos falantes do grande estádio de Chicago onde se reuniram os democratas, Harriman, num gesto admirável, abraçou seu rival de horas antes, pedindo inclusive aos apuradores e demais membros da Mesa Diretora dos trabalhos que a vitória de Stevenson sobre seu próprio nome fôsse considerado como por unanimidade. Mais ainda: Harriman declarou-se pronto para desenvolver grande propaganda em prol de Stevenson, como se ele mesmo, e não o outro, tivesse sido o escolhido.

Em breves palavras, após agradecer aos presentes, Adlai Stevenson fez referências ao estado de saúde de Eisenhower, estado de saúde que, a seu ver (e no de milhões de norte-americanos, mesmo entre os partidários de Ike) é poderoso argumento para a sua não eleição. Com efeito, disse o antigo governador do Estado de Illinois, não convém depositar

**ROBERT TURNER**, DELEGADO DA PENSILVÂNIA, FOI O PRIMEIRO DEMOCRATA A CHEGAR AO RECINTO, QUE DEPOIS FICOU REPLETO.





## IKE E STEVENSON

tão grande parcela de responsabilidades e de esforços, num homem que, «impedido por uma vontade superior de exercer todo o seu mandato», talvez não possa arcar com elas. Observadores políticos acreditam mesmo que as palavras de agradecimento de Stevenson, na convenção democrática, encerram um velado conselho a Nixon para que assuma o comando da situação, de vez que Eisenhower, desde setembro do ano passado, quando sofreu o ataque cardíaco que quase o derrubava, já não é mais o mesmo dinâmico presidente de alguns anos atrás.

Entre os mais entusiastas propagandistas da candidatura Stevenson presentes à Convenção, encontravam-se a viúva Franklin Delano Roosevelt, Eleanor Roosevelt, e o ex-Presidente Harry S. Truman. Porém, o ponto mais interessante, não só da convenção, como de todo o longo período que a antecedeu, período dedicado à propaganda e à angariação de novos prosélitos, foram os representantes do longínquo Estado de Idaho, que compareceram aos comícios fantasiados como autênticos peles-vermelhas, com magníficos cocares à cabeça, e empunhando cartazes onde se liam os nomes de seus favoritos. Harriman parece não ter sentido muito o não ter sido escolhido para representar os democratas; quanto a Stevenson, sua primeira frase dita aos jornalistas após ter sido eleito candidato oficial dos democratas à Presidência da República, bem traduzem a satisfação que lhe ia na alma:

— Sinto-me aliviado, e sumamente feliz...



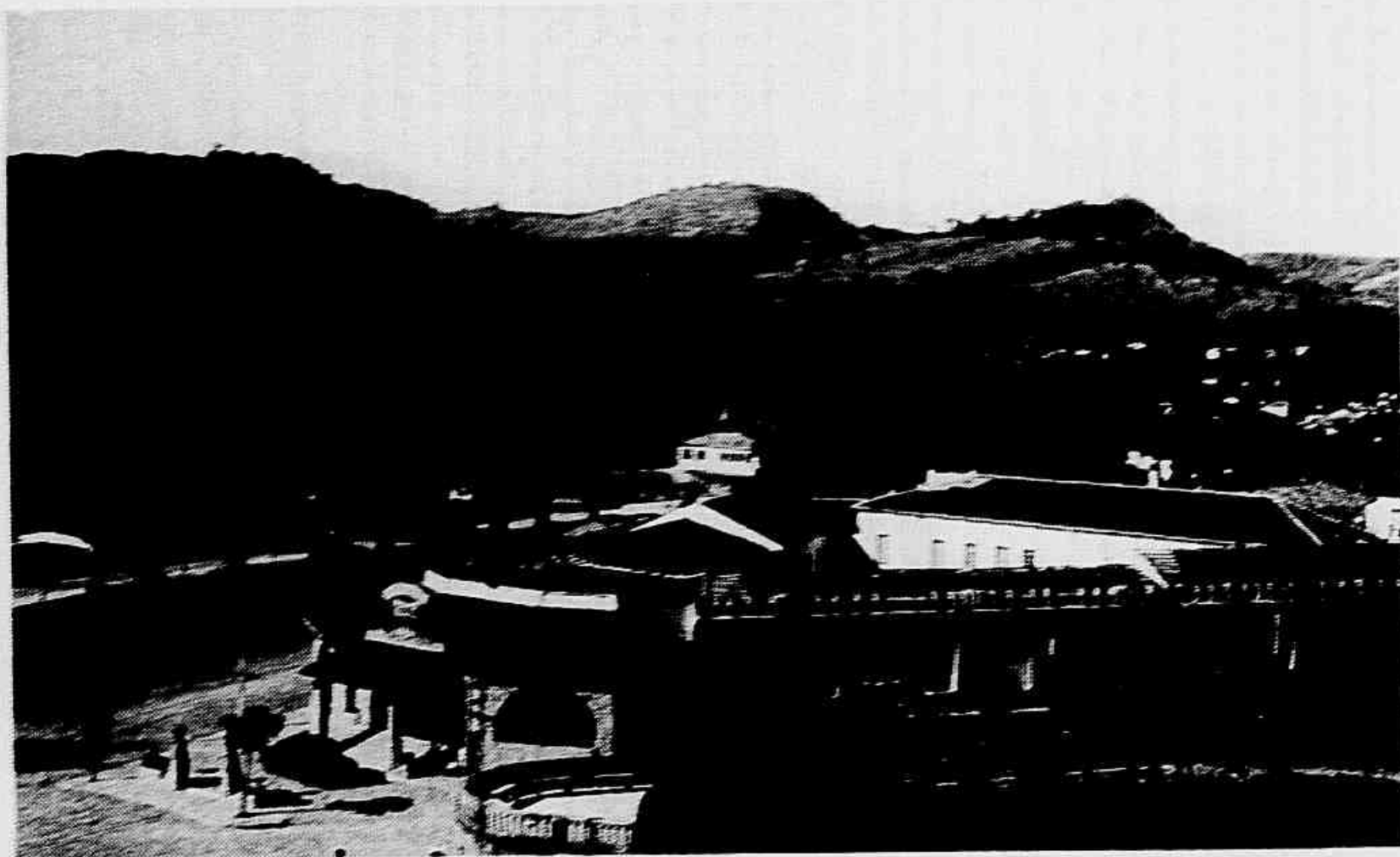
COM A insígnia ADLAI ao peito, a viúva de Franklin D. Roosevelt, ao lado do filho Elliott.

EMPUNHANDO CARTAZES DE HARRIMAN, E VESTIDOS COMO PELES-VERMELHAS, ALGUNS REPRESENTANTES DE IDAHO FAZEM GRACINHAS.





# ETERNA PRIMAVERA



Vista parcial de ÁGUAS DA PRATA e do GRANDE HOTEL PRATA.

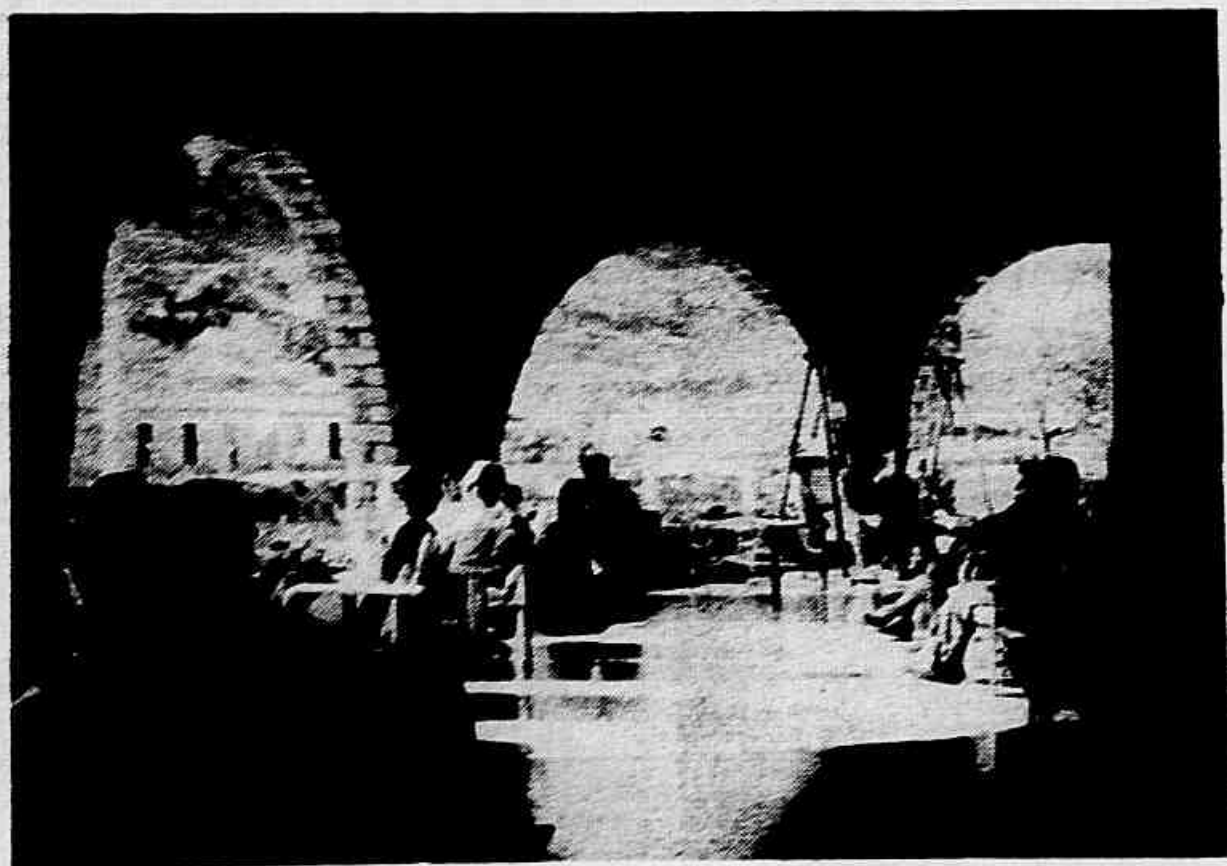
♦ Águas da Prata goza de um clima privilegiado em todos os meses do ano. Enfeitada num cenário de verdura, pródiga em águas miraculosas de temperatura primaveril mesmo na estação invernal, «ÁGUAS DA PRATA» é o recanto bucólico e maravilhoso para os doentes e para aqueles que precisam de retemperar energias gastas no bulício dos grandes centros urbanos. Situada a 818 metros de altitude, a estância de «ÁGUAS DA PRATA» é considerada por eminentes clínicos como superior a célebre Vichy, em França, pela presença dos sulfatos em suas águas generosas, sem rival na cura das moléstias do estômago, intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e poderoso auxiliar no tratamento da gota.

AS DÁDIVAS DA NATUREZA, JUNTOU O HOMEM O CONFORTO DUM GRANDE HOTEL MODERNO, FAMILIAR E ACOLHEDOR. O

## GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece instalações confortáveis — apartamentos com banheiro ou simples quartos — e uma alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

DESCONTOS de 20% NOS MESES DE MAIO A JUNHO E DE AGOSTO A DEZEMBRO



Parte da acolhedora varanda, lugar preferido pelos hóspedes. À direita, aspecto do Salão de Festas, comunicando-se com um dos grandes refeitórios.

Reservas de aposentos: «Exprinter» e outras agências de Turismo, ou diretamente com o Hotel pelos telefones 20, 29 e 4, Águas da Prata, Est. S. Paulo ♦ ÁGUAS DA PRATA é servida pelo ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair Nacional Transportes aéreos e Estrada de Ferro da Mogiana.



# QUE É UM PRESBITERIANO?

Por JOHN SUTHERLAND BONNELL

Ministro na Igreja Presbiteriana da Quinta Avenida em Nova Iorque (Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press)

**P**RESBITERIANO é o protestante que pertence a um ramo particular da organização clerical. A palavra **Presbiteriano** diz respeito não a um sistema de doutrina ou de culto, porém a uma forma representativa de govêrno eclesiástico. Em grego, **presbyteros** quer dizer: «mais velho». A Igreja Presbiteriana é governada pelos mais idosos, distribuídos em dois grupos, o dos ministros e o dos pastôres. Os membros mais idosos são escolhidos da comunidade da Igreja.

Os Presbiterianos acreditam que o Velho e o Novo Testamento são a Palavra de Deus, e a «única regra infalível de fé e de culto». Acreditam na inspiração divina das Escrituras; que Deus pode falar a seus filhos, através de certos homens a quem iluminou com Sua graça. Não acreditam, porém, em homens inspirados, mas em palavras inspiradas.

Exceto para uma minoria insignificante, a tradição representa muito pouco para os Presbiterianos. Por isso, eles não acreditam na interpretação literal da Bíblia.

Em 1643, o Parlamento Inglês escolheu 151 homens — entre leigos, clérigos e teólogos — para elaborar um sistema de doutrina e de administração baseado na religião Reformada, e a ela adaptado. Trabalharam aqueles homens seis anos seguidos, tendo sido realizadas 1.163 reuniões, e entre outros importantes trabalhos religiosos, criaram a «Westminster Confession of Faith», que é atualmente reconhecida como o Credo dos Presbiterianos de língua inglesa. Porém, inúmeros Presbiterianos aceitam igualmente os credos dos dois grandes grupos em que está subdividida a cristandade: o de Nicenas e o dos Apóstolos.

Poucos são os Presbiterianos que acreditam ainda num céu e num inferno materiais. Quem ainda admite um céu que é ao mesmo tempo um lugar de prazeres, onde existem lagos de leite e ruas de ouro? ... Também são raros hoje em dia os que admitem um Inferno como Dante descreveu o céu, há setecentos anos, em versos imortais embora. Tais descrições são simbólicas, apenas, e nem por isso deixam de ter valor. Porém, a existência de Céu e Inferno é uma existência espiritual.

A Bíblia e a experiência humana nos dizem que vivemos num universo moral; o pecado acarreta, em si mesmo, sua própria punição, e as boas ações são ao mesmo tempo a sua própria recompensa.

Os Presbiterianos observam apenas dois sacramentos, a Santa Comunhão e o Batismo. Eles, como a imensa maioria dos Protestantes, acham que, como Jesus Cristo apenas instituiu esses dois sacramentos, não há razão para que a cristandade obedeça a mais cinco, instituídos por homens iguais a nós todos.

O Batismo, segundo os Presbiterianos, não é suficientemente necessário para a salvação. Aceitam esse rito, ordinariamente realizado pela aspersão de água na pessoa que se vai batizar, como sinal sagrado de que a Graça acaba de penetrar naquela alma, que assim está livre da impureza espiritual. Embora seja recomendado veementemente pela Igreja Presbiteriana, e embora sua omissão seja considerada grave falta de zelo religioso, o Batismo não é necessário à salvação.

A Confissão de Fé de Westminster afirma: «A graça e a salvação não são de tal modo inseparáveis, a ponto de uma pessoa não conseguir, sem ela, a salvação».

Os Presbiterianos costumam batizar as crianças. Querem com isso fazer com que também elas se tornem membros da Igreja, em união com Cristo. Quando essas crianças porém atingem a idade da razão, reassumem as obrigações contraídas por seus pais, por ocasião do Batismo. Porém os Presbiterianos não podem de modo algum admitir que as crianças que morrem sem ter tido tempo de receber o Batismo, vão por essa falta involuntária e impossível de ser sanada por suas próprias débeis forças para o Limbo, sucursal odienta do Purgatório, onde ficarão para sempre privadas da Visão Divina.

Os Presbiterianos afirmam que Deus Cristo está presente, espiritualmente, na Santa Comunhão. Porém, não acreditam num sacrifício real de Cristo novamente sobre o altar, em intenção a seu Pai, de cada vez que pelo mundo agora se celebra uma Consagração, com a posterior Comunhão. Essa, é apenas uma celebração comemorativa do Sacrifício que Cristo uma vez ofereceu pela redenção dos homens no Calvário.

Jesus Cristo é para nós, Presbiterianos, verdadeiramente o Filho de Deus. Isso é um ponto fundamental na doutrina Presbiteriana, que ensina que Cristo, o Eterno Filho de Deus, tornou-se, por nossa causa, e a fim de nos redimir, Humano. Todavia, Cristo foi um Deus verdadeiro, e um verdadeiro Homem: Enviado de Deus Padre, e Salvador dos Homens.

A Santíssima Trindade é igualmente uma realidade para os Presbiterianos. E é por eles invocada com freqüência nas cerimônias do culto, a começar pelo Batismo, iniciado — como em geral todas as cerimônias cristãs — com a invocação: «Em nome do Padre, e do Filho e do Espírito Santo». Porém, sabem os Presbiterianos que só existe um Deus, e não três individualidades Divinas. Um Deus que se revela de acórdio com três naturezas.

Grande maioria de Presbiterianos acreditam no modo pelo qual Mateus e São Lucas descrevem o nascimento de Cristo, de uma virgem, Maria. E todos acreditam numa Incarnação — Deus tornado Carne e personificado em Jesus.

Porém há quem ache que tal nascimento ilibado de Cristo é mais simbólico do que real. E afirmam que dados físicos sobre o nascimento de Jesus Cristo não aparecem na narrativa evangélica de São Lucas, nem na de São Mateus. O próprio Jesus nunca se referiu a respeito. Somente para uma pequena parcela da comunidade presbiteriana, a virgindade de Maria é ainda reconhecida como prova de ortodoxia cristã.

Maria é contudo honrada, pelos Presbiterianos, do modo mais elevado — com relêvo que nenhum outro ser humano jamais mereceu deles. Não é ela acaso a Mãe de Deus Filho? Porém, eles rejeitam as tradições que se acumularam, em torno de seu nome, durante tantos séculos de cristianismo. Foi de tais tradições que resultaram, por exemplo, o dogma da Imaculada Conceição, e o da Assunção, os quais, segundo os Presbiterianos, não encontram qualquer espécie de apoio nas páginas das Sagradas Escrituras.

(Continua)

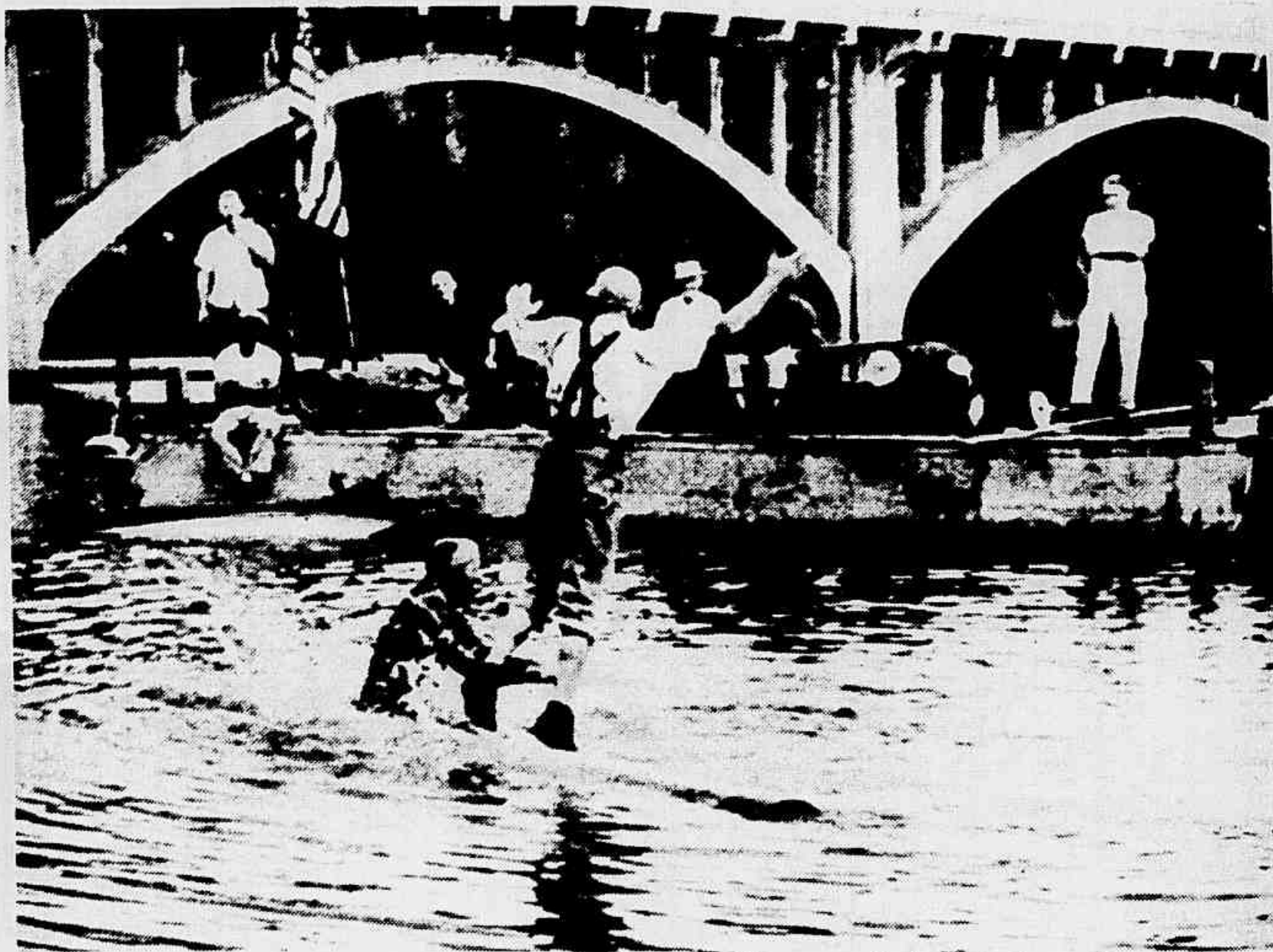




BRIGITTE BARDOT está filmando a película «E Deus criou a mulher», sob a direção de seu próprio marido, Vadim. Durante uma cena, ela dança um mambo, que o compositor Misraki escreveu especialmente para ela: é o Mambo Bardot, que vai pegar.

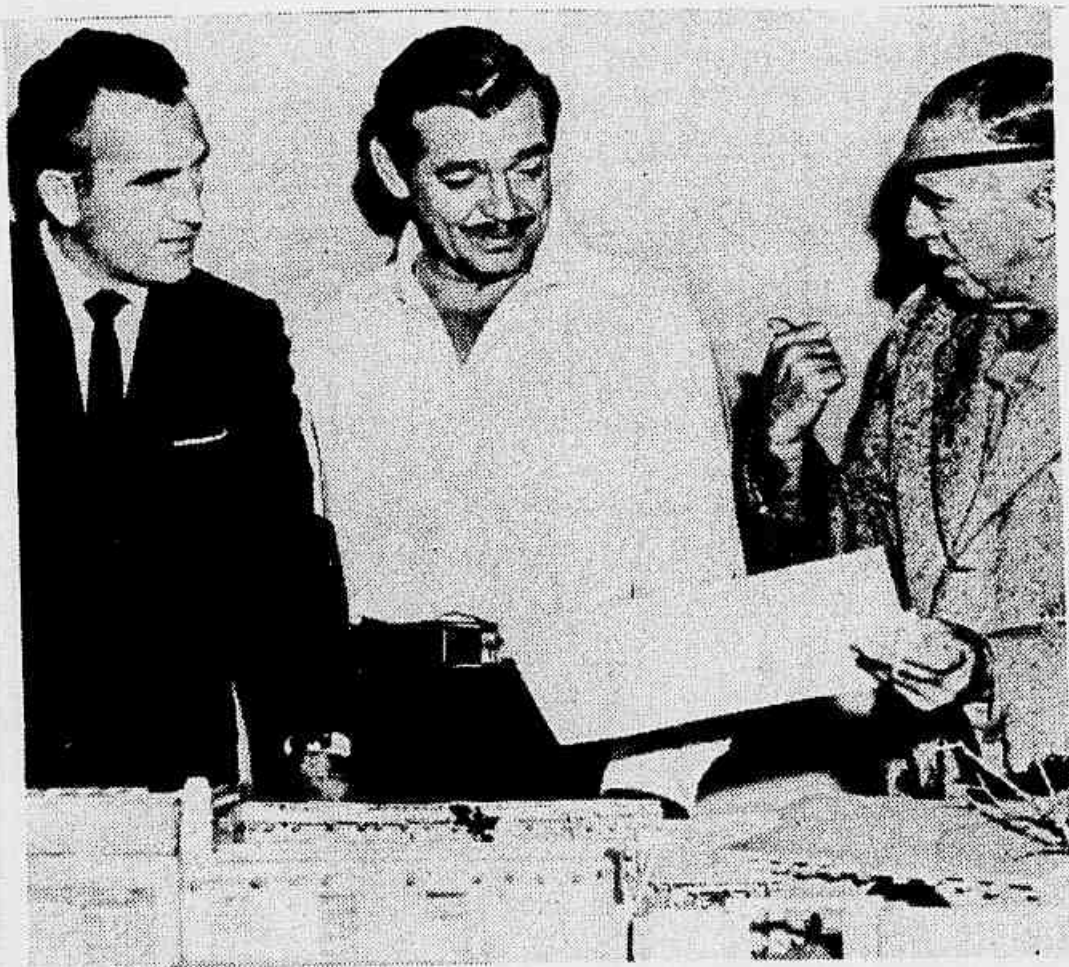
## POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

MAY BRITT é uma atriz sueca que há quatro anos mora na Itália, onde trabalha no cinema. Mora próximo a Roma, em um romântico hotel no lago de Vico. Todas as manhãs, vai pescar. E aí faz as delícias dos demais hóspedes do hotel, que não se fartam de ver o «peixeão».



NOS ESTADOS Unidos, são comuns essas competições sobre troncos de árvores. Dois homens competem, vendo quem possui mais equilíbrio. Esse ano, as festas esportivas no rio Hudson terminaram com a trágica morte de um dos participantes. Ei-lo no instante em que submergia.





CLARK GABLE aqui aparece entre o campeão de «rugby» Bob Waterfield e o diretor Raoul Welsh. Gable, aos 56 anos de idade, resolveu virar produtor cinematográfico.



«SARGENT YORK», o cão mais famoso dos Estados Unidos, herói da guerra coreana, está velho e com reumatismo. Vai ser enviado para um asilo canino.



ESTHER WILLIAMS ladeada por seus filhos, Kimball, de 5 anos, Susan, de 3, e Benjamin, de 6. Esther vai em breve abandonar o cinema. Ainda bem...



ESSA CRIANÇA de um ano, Marjory Cahill, resolveu, sem querer, o difícil problema das vestimentas de verão, quando brincava no quintal de sua residência em Harrisburg. E tudo com umas folhinhas exíguas. Tomara que a moda pegue o quanto antes entre os adultos...





# JUNDIAI

## 36

### VIAGENS POR DIA

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885  
Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 65  
Fones 34-2399 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092  
Fones 32-8733 e 34-5393

JUNDIAI

Rua do Rosário, 277 - Fone 1111

das 6,30  
até 21,30 hrs.  
de hora em hora



## VÁ PELO MELHOR!



### EXPRESSO BRASILEIRO

VIACÃO Lida.

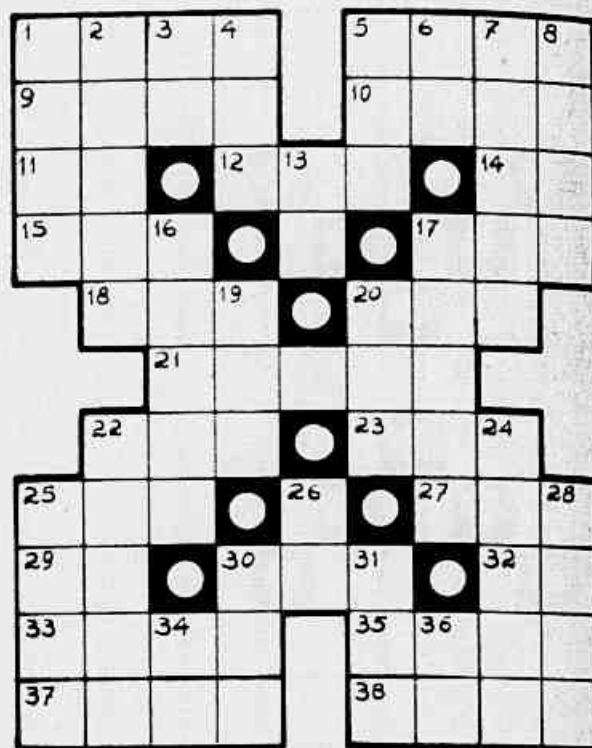
AZASO - EB-4

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 134

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Manifesto — 5. Pedraço — 9. Minha (ant.) — 10. Sufixo designativo de momento atual — 11. Vigésima letra do alfabeto gótico — 12. Lago da Coreia — 14. Distinção — 15. Altar gentilício — 17. Ilho — 18. Planta salvadora — 20. Carreira — 21. Espécie de jangada — 22. Povoação de Portugal, na freg. de Beça — 23. Guia — 25. Figura — 27. Pergaminho — 29. Árvore sempre verde — 30. Espécie de tecido antigo — 32. Deus solar dos Nobeus — 33. Circo — 35. Pequena porção — 37. Revés — 38. Inclinação arraigada.

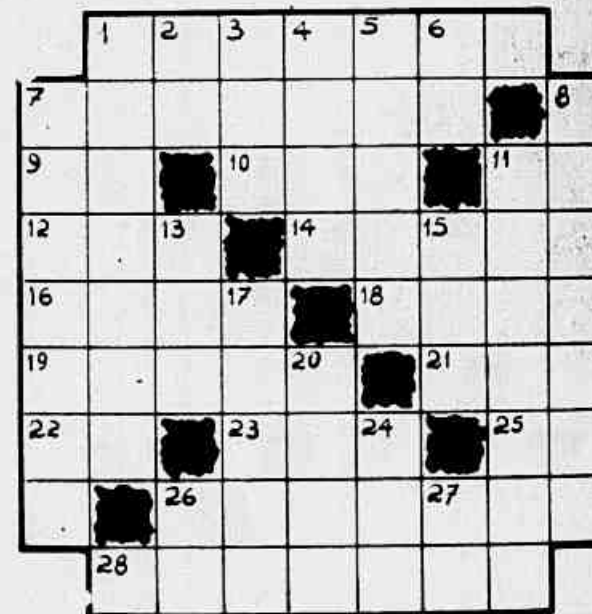


Stamer - Rio

VERTICAIS: 1. Rêde de arrastar — 2. Vexa — 3. Símbolo do metal raro de peso atômico 232 — 4. Fem. plural de ão — 5. Lago da Noruega — 6. Cidade do Egito, mencionada no Antigo Testamento — 7. Dor nos rins — 8. Macaco americano — 13. A pessoa consciente — 16. Arquejar de fadiga — 17. Renque — 19. Cinzas — 20. Constelação astral — 22. De baixo preço — 24. Morte — 25. Deusa indiana — 26. Postura — 28. Cheiro — 30. Pandeiro muçulmano — 31. Nome de mulher — 34. Papagaio do Amazonas — 36. Sufixo que traz a ideia de diminuição.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Da cor de ouro — 7. Réu — 9. Símbolo do gálio — 10. Nome de homem — 11. Prefixo que denota aproximação — 12. Gemido — 14. Muito bom — 16. Querer bem — 18. Rezar — 19. Alegrias — 21. Departamento da França — 22. Concede — 23. Retira-se — 25. Em a — 26. O mesmo que baratear — 28. Espécie de polvo, também chamado rãe-do-camarão.



Stamer - Rio

VERTICAIS: 1. Período de repouso momentâneo que se segue a outro de agitação — 2. Filho de burro e égua — 3. Membro de ave — 4. Pouco comum — 5. Decreto — 6. Tecido finíssimo — 7. Espera — 8. Enfeitar — 11. Acalmar — 13. Feminino plural de ão — 15. Raiva — 17. Roseiral — 20. Cura — 24. Seguiam — 26. Ama-sêca — 27. Basta!

## SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS Nº 133

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: dram — acaí — ripa — rala — sca — Inn — gaipiros — As — abg — sã — rau — ma — Ana — El — astrólogo — Rta — ric — erra — fada — loio — arel.

VERTICAIS: droga — ricas — apaí — Ma — Ar — cair — alnos — lansa — parar — ébano — igual — marel — astro — égide — local — tari — orar — ao — fa.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: Peru — Lima — are — nus — ramificam — elemi — uni — ita — douda — amansadas — ter — ora — alar — arar.

VERTICAIS: Pará — era — remendara — incitador — mua — asma — ife — ilion — imita — lata — uso — asar — mel — ara.





DUAS JOVENS INTÉRPRETES DA OPERETA «SHOW BOAT», DE JEROME KERN, DIVERTEM-SE NO PIQUENIQUE REALIZADO EM JONES BEACH.

# “SHOW-BOAT”

## “SHOW” EXTRA EM

### JONES BEACH

OS INTÉRPRETES DA OPERETA DE JEROME KERN ORGANIZAM UM PIQUENIQUE A CARÁTER, NUMA PRAIA DE NOVA IORQUE







## "SHOW BOAT" E SHOW EXTRA

LILLIAN D'HANNAU, que representa o papel da sensual bailarina Fátima, sentiu-se mais do que à vontade para, com suas roupas, improvisar um festival de danças orientais. «Show Boat», orquestrada por Guy Lombardo, é o grande êxito atual da estação teatral de Nova Iorque.







**U**M PIQUENIQUE na praia, eis aí uma idéia que os intérpretes de "Show Boat", a opereta de Jerome Kern que Nova Iorque está assistindo mais uma vez, não poderiam desprezar. Assim, organizaram um. E, em se tratando de praias novaiorquinas, nenhuma melhor do que a de Jones. Nada mau, um mergulhozinho no oceano, em Jones Beach. Mas, para darem côr local ao banho, imaginaram levar para o mar as mesmas vestimentas com que se apresentam em cena — os longos vestidos de algodão, para as jovens, os uniformes vistosos, para os rapazes. Na teoria, tudo ia bem. Mas, na hora de dar o mergulho, viram todos que a coisa seria algo difícil. E daí terem as moças abandonado os longos trajes do início do século por maiôs atuais. Uma delas, porém, Lillian D'Hannau, que na peça desempenha o papel de Fátima, a bailarina árabe cheia de "sex-appeal", sentiu-se perfeitamente à vontade em seus sumários trajes de odalisca, e ali mesmo na praia improvisou uma seqüência de danças orientais impres-





## "SHOW BOAT" E SHOW EXTRA



IMPOSSÍVEL CONCILIAR os trajes de 1893 com as ondas do mar. Por isso, Anita Albert apenas aprecia Judy Rawlins brincar alegremente na água.



BEM. COM um pouco de boa vontade, até mesmo no melhor rigor da moda de fins do século passado se pode bancar a banhista...

sionantes, que certamente tão cedo Jones Beach não presenciará de novo.

"Show Boat", que, como já dissemos, é de Jerome Kern (quem não conhece o "Ol' Man River"?), está sendo levado à cena com grande êxito em Nova Iorque, a ponto de os mais severos críticos norte-americanos terem-no proclamado "A maior produção de todos os tempos, na Broadway". Os principais intérpretes da atual versão são Paul Hartmann e Guy Lombardo, que conduz sua famosa orquestra dos "Royal Canadians" de maneira inconfundível. O que mais valoriza o espetáculo, porém, é que a peça é levada a efeito não num palco, mas no tombadilho de pequeno barco — o "Cotton Blossom", — ancorado próximo a Jones Beach, a alguns minutos da grandiosa cidade de Nova Iorque. Em noites esteladas, é simplesmente fascinante o espetáculo que se desfruta da praia — a natureza e a arte teatral se completando de uma maneira total. (I.N.S.)



## MARIA TEREZA, MINHA SANTA!

FERNANDO LOBO

Maria Tereza era o nome de batismo. Dois nomes juntos formando um nome bonito. Maria de santa e Tereza de santa Tereza. Nasceu como a simplicidade de seu nome, mas em terras distantes, longe dêsse sol do Brasil, que somente provou depois que o navio veio trazendo seus pais e irmãos fugidos de um campo de concentração qualquer, na guerra passada. Maria Tereza, era o mesmo nome no seu idioma, mas para vencer melhor os obstáculos iniciais traduzido, era mais facilidade. Tinha os olhos claros, os cabelos louros, a pele suave, documentos que provavam bem ter provocado o clima europeu, o vento frio do inverno, o sol morno do verão de meses curtos. A vida de trabalho começou dentro de sua casa humilde. Quem era de poder trabalhar e tinha braços foi começando a labuta. O velho mercou a princípio, depois abriu uma pequenina tenda de sapateiro e o que dava era bom para que não faltasse a sôpa grossa o pão e em bons dias uma garrafa de vinho. Maria Tereza foi para o balcão de uma loja, de uma loja suburbana, mas o encanto de seus olhos e a beleza de seu porte conseguiram transferência para a casa de moda que faz desfiles elegantes, para as moças elegantes.

Vestida nos vestidos que não eram seus, enfiada no «vison» que jamais lhe pertenceria Maria Tereza era um ponto claro e brilhante para os olhos do homem pagador, uma inveja para as senhoras da «alta», muitas pelancudas e centenárias. Nunca pensou que dali subisse ao palco de uma «boite», também elegante. Alguém insinuou a sua beleza e ela falou de arte como um documento que não possuía. Mas ficou sabendo que não era preciso, que era apenas desfilhar, mostrar um pouco o corpo, sorri, desfilou e trocar a madrugada por uma palestra. E seguiu Maria Tereza para os olhos dos da noite.

O refletor aponta agora o seu corpo que não é mais de Maria Tereza que nome banal achou o homem da casa. Passou a ser Suzy Cloé, a das pernas encantadoras. Entendeu que estava num caminho noturno, de horas longas e fumaças grossas. Mas era bom o que ganhava e farta estava a mesa de casa, sem que as mãos estivessem sujas nem o corpo vendido. Suzy Cloé passou as manchetes dos jornais, as crônicas insinuosas, as legendas dos cronistas noturnos e passou a ser vista, notada, assoviada. Foi aquele milionário de São Paulo quem lhe acenou um mundo novo. Abriu o jogo franco e belo, sem rodeios nem mentiras. Era um homem casado em terras paulistas mas poderia ser de seu amor dentro das fronteiras cariocas, mas bem longe da zona norte e sim e somente num apartamento de boa paisagem, quartos largos e entrada franca, só para ele, nos dias que aqui viesse «a negócios».

Nasceu vida nova para a família européia. Os menores criaram côres com os banhos de mar e a fartura e, uma espécie de felicidade caída do céu invadia tôdas as almas que naquele teto limpo e colorido habitavam. A madrugada tinha uma bruma seca — essa que faz medo aos aviadores. Quando o carro de chapa S. P. entrou na curva a bruma cegou o seu motorista. Foi tudo rápido e sem ruído. Suzy Cloé foi para os jornais como a moça quase sem vida, sem esperanças, ou uma esperança muito distante. Sobreviveu. Quando abriu os olhos para o seu novo mundo ele estava feio e triste. Era um nada. Voltou a «boite» em busca de alguma coisa perdida. Encontrou à sua porta o homem de cigarro arrogante que apenas lhe disse: boa noite Maria Tereza. Boa noite. Morta estava Suzy Cloé, agora sem corpo, ou com corpo apenas para Maria Tereza ser.



♦ ANA GLOZ — É tcheca de nascimento. Fala vários idiomas e é também professora de canto e de música. A sua vida é de trabalho intenso, pois tem gente para sustentar. Durante todo o dia leciona a vários alunos. Durante a noite canta e canta bonito na «boite» «Arpège». Uma figura noturna para quem a noite é um prolongamento do trabalho e nunca um cenário boêmio.

## O POETA PAU DE ARARA

Aldair Soares, o Pau de Arara, está de volta e cantando dentro das noites do «Cabeça Chata». Na mesa rabiscou êsses versos que ele diz que serão famosos, daqui a cem anos:

*Tenho o meu cérebro cansado  
Só o destino me salvará,  
As minhas dúvidas  
me abandonaram  
O que me resta agora  
É o passado de outrora  
Das auroras lindas que voaram...*

♦ ROTEIRINHO — Dentro das noites é mais ou menos isso o que há para ver: «La Crémallière»: Verônica Beck, Dick Farney, Inesita Barroso. ★ «Club 36»: Dorival Caymmi, Elizete Cardoso, em dias alternados. ★ «No Little Bar»: Helena de Lima. ★ «Bacará»: Gigi, Bola Sete e piano de Valter. ★ «Ma Griffe»: Chuca Chuca e Ted. ★ «Arpege»: três cantoras magníficas e o piano de Valdir Calmon. ★ «Drink»: Djalma Ferreira e seu órgão eletrônico, orquestra e Fernando Barreto.



ZACCARIAS, que tem um conjunto dos melhores dentro das noites dali do «Studio».



SÉRGIO PORTO — Com duzentos mil cruzeiros vai até o limite do céu. Ao fundo, Lúcio Rangel, o que sabe de música popular.

para ela ouvir o criador do «bebop». Novidade foi para os grantas ouvir samba, coisa que eles não sabem o que é, nunca viram nem nunca citaram nas suas preferências. O que eu menos ouvi foi samba, disse Kostelanetz ao passar recentemente pelo Rio.

♦ SÉRGIO VAI AO LIMITE? — Sérgio Porto, o mesmo Stanislau que os da noite temem e respeitam, está no programa «O Céu É O Limite», em São Paulo e já vai entrando para a casa dos 200 mil cruzeiros. Ele que instituiu a «Ordem da Arara» para os jornalistas demitidos pela força dos «noturnos» lançará dentro em breve um livro de crônicas.



# Literatura e arte

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

## LIVROS EM DESFILE

**ARGEU GUIMARÃES** vem de editar «Cafarnaüm», livro de memórias sobre a vida diplomática. Diplomata desde 1920 Argeu Guimarães recorda, neste volume, os vultos que passaram pelo seu caminho, nos vários locais em que serviu, e até mesmo alguns que não chegou a conhecer senão por referências. Reminiscências, indiscreções e reflexões sobre a carreira diplomática, tudo aparece nestas páginas que se lêem com sabor: a coragem de José Maria do Amaral, a coleção de selos de Muniz de Aragão, Benitez, o ministro espanhol cometedor de terríveis «gaffes», os palavrões de Frederico de Carvalho, amizades e amores de Souza Dantas, o início da hoje célebre carreira de Cícero Dias, o «douanier Rousseau» das caatingas, como o chamava Dantas, o poeta simbolista Guerra Duval, às voltas com sete abóboras, etc. etc. (Organização Simões Editôra, Rio de Janeiro, 1956).

**ÁLVARO LINS** editou, pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, o «Discurso sobre Camões e Portugal», que pronunciou a dez de junho do corrente no Real Gabinete Português de Leitura. Nêle se mostra um camonista de méritos, num país que sempre os teve em número e em qualidade. (Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1956).

**PAULO MENDES CAMPOS** vem de publicar, pelos «Cadernos de Cultura», em dois volumes, «Páginas de Humor e de Humorismo», interessante antologia do Humor brasileiro, com ilustrações de ótima qualidade, de Carlos Thiré. (Cadernos de Cultura, M.E.C., Serviço de Documentação, Rio, 1956).

**TAMBÉM PELOS** «Cadernos de Cultura» acaba de aparecer «Pedro Salinas» — «Ensaio sobre sua Poesia Amorosa», tese de doutoramento de Hécio Martins, na Faculdade Nacional de Filosofia. Não é somente um ensaio sobre a poesia amorosa de Salinas: é mais, é um ótimo ensaio sobre a poética de Salinas, sobre sua estilística, e ao que nos consta, possui, além do mais, a vantagem de ter sido a primeira obra a ser escrita, a respeito deste poeta, no Brasil (Cadernos de Cultura, M.E.C., Serviço de Documentação, Rio, 1956).

## ARTES

### Casaes Monteiro e a Arte Moderna

♦ O CONHECIDO escritor português Adolfo Casaes Monteiro, que há tempos mora no Brasil, acaba de publicar, pelos «Cadernos de Cultura», um livrinho denominado «Uma Tese e Algumas Notas sobre a Arte Moderna». É livro que não se destina a especialistas, mas a todos aqueles que se interessam pela Arte Moderna, e cujo número, graças a Deus, cresce a cada dia.

Os trechos que seguem são parte do volume, e por eles podemos apreciar algumas das idéias de Casaes Monteiro:

«A crítica não compete exercer uma função histórica, porque esta deve ser reservada à história da arte. A crítica precisa da história da arte, mas não se pode identificar com ela sem perigo de vida. Não significa isto que fique ela com o presente, e a história com o passado; seria concluir erradamente pensar que só o presente lhe importe; mas é-nos hoje possível reconhecer que as obras de arte têm uma vida independente da sua função histórica, das condições em que foram produzidas e do seu significado segundo essas condições, que possuem outra dimensão, e que têm um valor próprio» (pág. 8-9).

«Assim, o grande trabalho educativo em favor da arte moderna deve ser, se não estourar em erro, levar o público a vê-la com os seus olhos, e não com as suas idéias, que são, afinal, não as suas, e muito menos idéias, mas só a ilusão de ter pensado qualquer coisa» (pág. 30).

«A reação corrente do público perante a pintura moderna é equivalente àquela que teria se, não sabendo ler, o lisessem convencido do seu direito a julgar a literatura — que outra coisa poderia ele fazer senão achá-la incompreensível? Antes de tentar compreender, ele precisa portanto de aprender a ver. Mas como convencê-lo de que se encontra em estado de cegueira total, pois que julga realmente ver aquilo que tem diante dos olhos?» (pág. 35).

Porque a abstração em pintura não pode ser o caminho da arte moderna, mas um dos seus dois caminhos. Não será lícito afirmar que a pintura figurativa seja o outro — pois essas duas linhas fundamentais ao longo das quais, e pelo choque e interpretação das quais, se realiza a evolução da pintura, não se identificam com o figurativo e o abstrato, que seriam antes dois limites ideais e teóricos. Com efeito, a figuração pura não seria senão uma imitação tal que se confundiria com, e seria portanto a própria coisa figurada, e a abstração pura seria... (perdoem-me os admiradores de Mondrian e dos demasiado puros abstratos!) uma demonstração geométrica.

E eu não digo que a geometria não seja bela; mas é bela como geometria; em meu entender a cosamentale só é pintura quando for também coisa sensorial. É claro que não posso recusar a capacidade dos espíritos geométricos para sentirem a beleza dum quadro de Mondrian; mas não terá ele passado a linha para além da qual a pintura fica reduzida apenas à investigação? (pág. 38).

«E aprende-se a ver... vindo, pela mesma razão que não se chega a gostar de música por se saber marcar o compasso, ou por saber distinguir uma colcheia de uma semifusa. Como tampouco é preciso saber contar as sílabas para se gostar de bons versos, e para os distinguir dos maus» (pág. 41).

«Nem sequer se exige especial inteligência para entender a arte moderna; pede-se apenas boa vontade; mas sucede precisamente que as pessoas que se julgam inteligentes, que não sabem ver, que não têm o menor amor a nada que seja arte, são exatamente aquelas que mais carecem dessa boa vontade, pois são destituídas da humildade sem a qual não se pode receber a dádiva do amor pela arte. Porque é tudo uma questão de amor, não se esqueçam...» (pág. 43).

«As pessoas que se julgam no direito e com a necessidade de pedir tais explicações supõem não precisar delas pelo que respeita à arte antiga... ou à moda antiga. Estão convictas de que percebem perfeitamente Fidias, Velazques ou Poussin. Exatamente aí é que está o mal. Pois que, se tal acontecesse, não precisariam de pedir explicações sobre Braque, Klee ou Calder. Na verdade, tudo anda à volta das palavras explicar, compreender e outras quejandas.» (pág. 48).

E aí fica um resumo de alguns tópicos do livrinho de Casaes Monteiro; parece-nos que dele captamos o essencial, ou pelo menos o que nos pareceu essencial. Embora não estejamos de acordo com todas as idéias aí expandidas, não há dúvida que são pontos de vista respeitáveis, dignos de serem levados em consideração e debatidos.

## Notinhas

♦ OSWALDO GOELDI prepara uma Exposição, para outubro, no Museu de Arte Moderna ♦ MÁRIO BARATA pensa em viajar, proximoamente, pela Europa. Tenciona especializar-se, em Paris provavelmente, em Sociologia da Arte ♦ A EXPOSIÇÃO de arte etrusca, que há tempos o noticiário artístico anunciou viria ao Brasil, parece que terá de ser cancelada ♦ TIZIANA BUONAZZOLA também prepara para outubro uma exposição de suas pinturas, na «Petite Galerie».



## MORREU POLLOCK

UM LACÔNICO despacho telegráfico, proveniente dos Estados Unidos, noticiava a morte, ocorrida em um desastre de automóvel, do famoso pintor abstracionista norte-americano Jackson Pollock, que, com o também célebre de Kooning, formava a dupla de maior relêvo da pintura abstrata nos Estados Unidos.

Pollock nascera em 1912, o que significa que falece com cerca de 44 anos. Suas telas estão em vários museus, sendo que o Metropolitano de Arte, de Nova Iorque, possui 3.

A maneira peculiar de pintar por que Pollock se tornou conhecido, surgiu em 1948, com sua tela «Number One». Até então, ele utilizara os processos habitualmente usados pelos demais pintores, em tôdas as partes do mundo e em tôdas as épocas: passando sobre a superfície branca da tela os pincéis impregnados de tinta. Depois daquele ano, porém, ao invés de colocar os quadros em cavaletes, punha-os no chão, e passeava em torno deles, atirando — virtualmente atirando — manchas de tintas com os pincéis nos lugares que desejava salientar plásticamente. Uma tela exigia-lhe assim infinitas caminhadas, infinitas horas de trabalho. O resultado era um emaranhado de cores e de linhos, que se entrecruzavam como cipós numa densa floresta onde apenas aqui e ali se perde a luz do sol, em mínimos orifícios cheios de claridade, resultado repleto de incomparável beleza.

Willem de Kooning fica sendo, assim, o sobrevivente da famosa dupla de abstratos da América do Norte, o que vem ainda aumentar a sua responsabilidade, e o seu prestígio.

## Notas & Informações



A LIVRARIA de José Olympio está festejando 25 anos de fundação, e seu proprietário, ao invés de receber merecidos presentes... oferece-os. Agora mesmo, recebemos utilíssima espátula comemorativa do jubileu, que já entrou no serviço penoso e ao mesmo tempo ameno de desbravar páginas.

ABRAÃO DE CARVALHO, que conseguiu reunir no Brasil uma das maiores bibliotecas musicais da América, vendeu-a em 1949 ao Governo Brasileiro, a despeito de ter recebido do estrangeiro propostas muito mais tentadoras. É que desejava, patrioticamente, conservar o precioso acervo dentro de nossas fronteiras. Mas, sete anos se passaram, e os livros não foram pagos ainda... E como Abraão não possui a paciência daquele Jacó celebrizado no soneto de Camões, está movendo uma ação contra o Governo, para receber o dinheiro, ou recuperar os livros. Só esperamos é que a ação não vá durar outros sete anos...

O SENAC instituiu um concurso de monografias sobre o Visconde de Cairu. O prêmio é de cinquenta mil cruzeiros. As inscrições estão abertas até 15 de dezembro.

## POESIA

### Fala ao irmão que nasce

VILMAR FERREIRA RANGEL



*Chegaste assim como chega  
um novo pássaro à vida:  
o canto ainda esboçado  
— não de todo florescido —,  
sol inaugurando auroras.  
Na face aquela procura,  
clara pergunta, o olhar,  
o leigo olhar imergido  
no abstrato, pois não sabes  
aonde vais, a que vieses.*

*De tua chegada guardo  
o doce pressentimento,  
o frêmito do teu sangue  
no meu sangue, como se eu  
fôra nascer, e não tu.  
(És puro prolongamento  
do que em sonhos entrevi)*

*Ouçó o rumor do teu passo  
nos muros de tua infância,  
e no idioma dos grilos  
tua cantiga extraviada.  
Nos muros de tua infância,  
vejo gravada a lembrança  
dos anos que vais amar,  
que vais sofrer e perder;  
do breve quinhão de tempo  
que te foi dado viver;  
do eterno que te precede  
e aquele que te sucede.  
Nos muros de tua infância  
os mistérios vejo escritos  
a giz, pela mão do tempo.*

*Ah irmão — é bom que saibas —,  
tua estrêla de papel,  
feita de arroz e de flecha,  
também penderá nos fios  
implacáveis de algum poste  
cravado em tua saudade.  
Sobretudo é bom que vejas,  
este é o mundo que te cerca:  
tuas paredes, teu chão,  
os quadros sempre empinados  
(vovô mais vovó, tão moços!);  
teu medo, tua coragem,  
teu estoque de perguntas,  
tua estrêla de sonhar,  
teu país do faz de conta.*

*Irmão, se em mim não achares  
uma palavra de afago,  
algum vestígio de adeus,  
teu nome sequer na boca,  
mesmo assim escolhe em mim  
esses rios, essa aurora,  
essas montanhas severas  
de não sei quanta esperança.  
Escolhe em mim a ternura  
dos instantes de verdade  
no desamado perfil.  
Se ainda assim nada achares,  
então acolhe de mim  
apenas a vaga mão  
pousada em teu ombro, irmão.*



A qualquer hora  
do dia  
ou da noite  
a  
**RÁDIO RECORD**  
de São Paulo  
tem um PROGRAMA  
que VOCÊ ouvirá  
perfeitamente  
em qualquer  
ponto do país  
**EXPERIMENTE!**

ondas médias: 1 000 kcs. 50 000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

**Record**

## SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 1 E 7 DE SETEMBRO DE 1956  
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — Ponha-se em evidência, coloque-se na primeira fila, fale alto e reclame seus direitos. A penumbra e o silêncio poderão prejudicá-lo enormemente. Seja um inconformado nos próximos sete dias.
- ★ **TOURO** (21/10 — 20/11) Os influxos planetários da semana serão muito bons para o leitor. Além de favorecerem os negócios profissionais, ainda poderão provocar surpresas agradáveis. Nada haverá a temer.
- ★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — O novo período facilitará a realização das promessas que lhe tenham sido feitas. Será bom, igualmente, para reencontros e para a recuperação do que se houver perdido. Seus direitos e suas vantagens serão respeitados.
- ★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — A propositura de ações, em qualquer juízo, não terá andamento nem êxito, sendo levada a efeito nos próximos sete dias. A semana favorecerá somente a vida doméstica e a especulação.
- ★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — O espírito de ambição de que se sentirá animado durante a semana, prejudicará, além do seu real interesse, as relações de amizade. A paz doméstica estará fortemente ameaçada no dia quatro.
- ★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — Não haverá clima para grandes realizações, para grandes empreendimentos. As viagens igualmente, estarão prejudicadas. Seja prático e prudente, contentando-se com o que aparecer. Não contrarie as forças em curso.
- ★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — No curso da semana o leitor poderá experimentar uma grande emoção. O acontecimento aqui previsto será favorável e influirá muito no seu futuro. A semana será propícia em todos os sentidos.
- ★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — Em negócios não ande pelos atalhos. Vá direto ao assunto e seja positivo. As circunstâncias militarão ao seu lado, dando-lhe chance e oportunidades as melhores. Os melhores dias serão 1, 3, 4 e 6.
- ★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — Não solicite favores nem peça algo emprestado. Um mundo de má vontade estará voltado contra suas pretensões. Fique no ofício ordinário, arrumando-se com o que tiver. Será melhor assim. O tempo voará.
- ★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — Todas as suas pretensões estarão bem astralizadas no curso da semana. Suas iniciativas terão o maior êxito, sendo bem recebida a atitude que tomar nessa ou naquela questão. Saúde inalterada.
- ★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — Certos acontecimentos inesperados o forçarão a grandes despesas, alterando-lhe o orçamento. Haverá acentuado desequilíbrio financeiro. Previna-se em tempo.
- ★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — O leitor contará com a maior cooperação dos seus. A vida doméstica estará favoravelmente influenciada e bem postas as atividades profissionais. O período será de chance. Saiba aproveitá-lo.

### OS NOMES DA SEMANA

|             |   |           |   |            |
|-------------|---|-----------|---|------------|
| Setembro, 1 | — | Ildo      | — | Levinda.   |
| " 2         | — | Frederico | — | Emília.    |
| " 3         | — | Faustino  | — | Elisa.     |
| " 4         | — | Herculano | — | Hortência. |
| " 5         | — | Wilson    | — | Zaira.     |
| " 6         | — | Hermes    | — | Eulália.   |
| " 7         | — | Eulápio   | — | Ambrosina. |

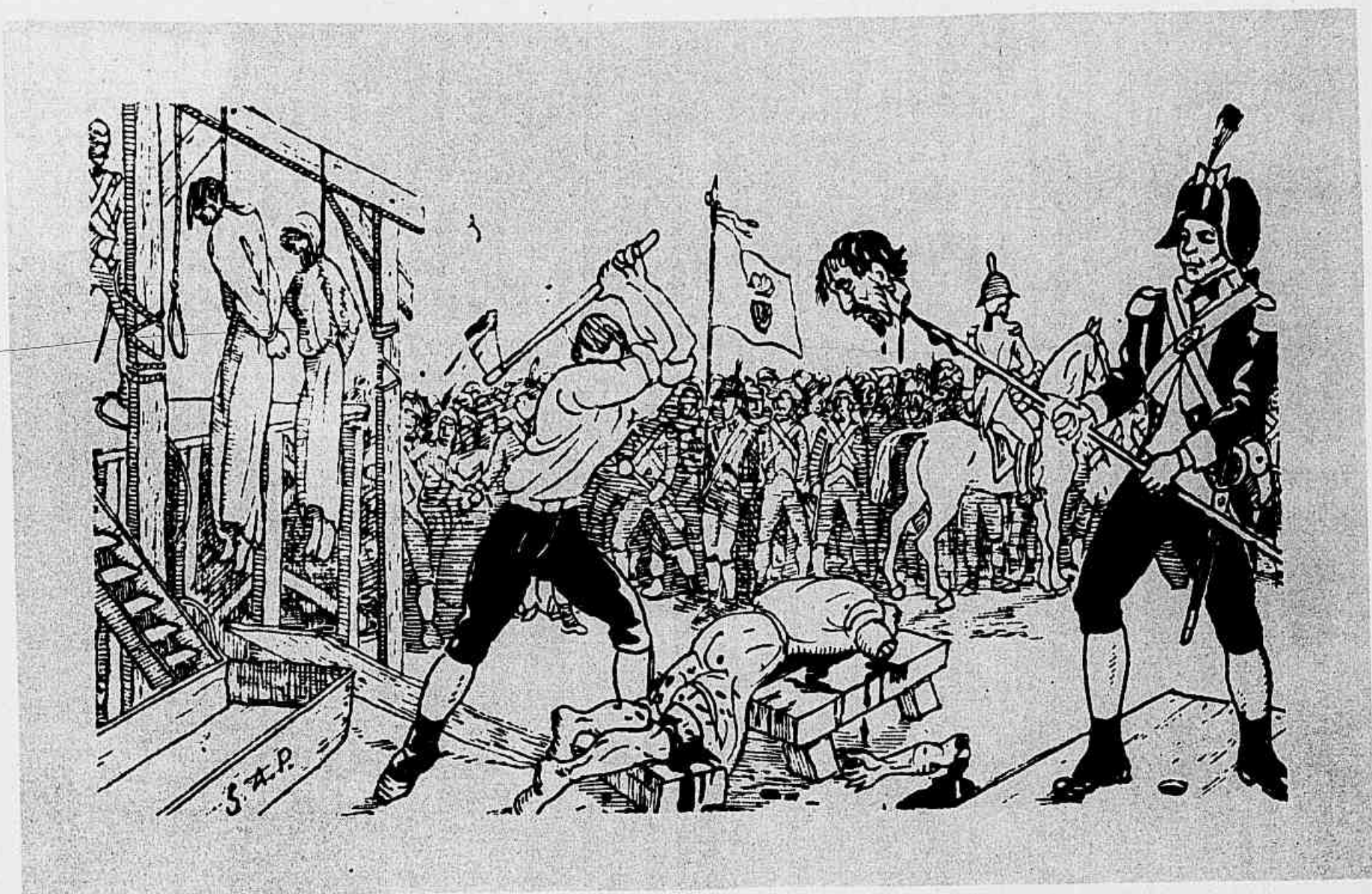
### EFEMÉRIDE DA SEMANA

(Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich)

|             |             |                   |
|-------------|-------------|-------------------|
| Setembro, 1 | 9h 00' 20"  | (Signo da Virgem) |
| " 2         | 9h 58' 27"  | " " "             |
| " 3         | 10h 56' 36" | " " "             |
| " 4         | 11h 54' 47" | " " "             |
| " 5         | 12h 52' 59" | " " "             |
| " 6         | 13h 51' 14" | " " "             |
| " 7         | 14h 49' 30" | " " "             |

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.





No Largo da Piedade, assim foram punidos pela justiça d'el-rei os que sonhavam com o «tempo em que todos seremos irmãos; em que todos seremos iguais...»

## A “CONSPIRAÇÃO REPUBLICANA” DA BAHIA

EDUARDO TOURINHO

A idéia de República vagamente mesclou-se, no Brasil, às primeiras agitações do período colonial. Refletiu-se na revolta de 1684, no Maranhão; nas de 1708 e 1720, em Minas; na de 1710, em Pernambuco; na de 1798, na Bahia. No Brasil Reino e no Brasil Império, está nas insurreições pernambucanas de 1817 e 1824; no **Federalismo** baiano de 1831 e na **Sabinada** de 1837; nos **Farroupilhas** de 1835, no Rio Grande do Sul.

A **Conspiração Republicana** de 1798, na Bahia, é pouco conhecida. Encerra, entretanto, largo significado econômico e político. Destacaram-na Melo Moraes, Acióli e Borges de Barros. Mas é a Braz do Amaral que se deve a melhor contribuição à crítica dessa luta de que participaram todas as classes sociais da Bahia desse tempo. Para que os «falsos princípios» implicados na conspiração não contaminassem os outros fiéis súditos da coroa portuguesa, o governo metropolitano fê-la julgar sem alardes. Aos «Avisos ao povo bahiense» de que estava para chegar «o tempo em que todos seremos irmãos; o tempo em que todos seremos iguais», clérigos, oficiais de Linha e oficiais de Milícias, «homens graduados em postos e cargos», mercadores e licenciados em leis, interiores e praças, artífices e escravos alistaram-se na revolução. Seiscentas e setenta pessoas foram apontadas como implicadas na trama.

Os conspiradores queriam a República.

Em casa de muitos deles — o soldado Luís Gonzaga das Virgens e o escrevente Domingos da Silva Lisboa, por exemplo — encontraram-se livros e escritos que propagavam as doutrinas «perigosas, revolucionárias e libertinas» que a Revolução Francesa oferecera aos povos.

Lá estava também o Hino revolucionário escrito por Moniz Parreto de Aragão — professor no Rio das Contas — que assim começava:

Igualdade e liberdade  
No sacrário da razão.  
Ao lado da sã justiça,  
Preenchem meu coração.

Os conjurados sabiam esse hino de cor. Amavam a liberdade, desejavam melhor cota dos bens deste mundo. Como Luís Dantas, pardo de vinte anos e soldado dos corpos de artilharia, diziam: — «Queremos a República para respirar livremente».

Governava a Bahia de então, D. Fernando José de Portugal, que não perseguia leitores de Rousseau... Mas eram públicos os rumores sobre a insurreição. O padre José Fonseca Neves apontara Cipriano Barata como um dos **cabeças**. Para o Reino, dizia-se estar «a cidade da Bahia cheia de jacobinos que faziam descaradamente casas de sembléa»... A 13 de agosto de 1798, apareceram nas esquinas das ruas da Cidade de Salvador os primeiros cartazes incitando o povo ao levante. No convento da Lapa, no dos Capuchos e no dos Agostinhos, mensagens vermelhas tinham sido atiradas. O solicitador Domingos da Silva Lisboa — que vivia de escrever petições — foi logo suspeitado. O soldado Luís Gonzaga das Virgens — do 7º de Linha — foi de pronto recolhido à enxovia. Temendo malogros, os conjurados precipitaram a revolta. E logo João de Deus do Nascimento, pardo, alfaiate, morador na Rua Direita do Palácio, pôs-se a aliciar gente. Após uma reunião no Campo do Dique do Destêrro, foi preso com Caetano Veloso e o soldado Lucas Dantas. E mais quarenta e nove pessoas — entre as quais três mulheres e nove escravos — foram parar nos cárceres.

Os rebeldes, na maioria, tinham entre dezessete e trinta e cinco anos. O mais velho — que contava trinta e oito — era o tenente Hermógenes de Aguiar Pantoja, que servia no 2º Regimento de Linha. Os revolucionários pensavam em conservar D. Fernando José de Portugal à frente do governo. Queriam a imediata alforria dos escravos. Aspiravam a instituição de um regime onde todos os homens — conforme o merecimento — pudessem elevar-se a qualquer posição social. A bandeira da República fôra escolhida: uma faixa branca entre duas azuis, tendo ao centro uma estrela vermelha rodeada de outras cinco — menores — entre os raios. E uma legenda: — «Surge, nec mergitur».

Reconheciam-se os conjurados pela barba crescida, por uma argolinha nas orelhas, por búzios de Angola na corrente do relógio. Empregavam uma linguagem convencional: — **dietas** em vez de assembleias e **entes** em vez de homens.

Dellagrada a revolução, de Lisboa e a 23 de maio de 1799 recomendou D. Rodrigo de Souza Coutinho o maior rigor no julgamento dos implicados. Não houve indultos, como na Inconfidência Mineira. O menor castigo foi

(Cont. na pág. 58)





JENNIFER JONES e Gregory Peck, os principais intérpretes de «O Homem de Terno Cinzento», da 20th Century-Fox.

## CINE-ROMANCE

◆ DIFICILMENTE ALGUÉM em dia com a Literatura, nos Estados Unidos, ignora a novela «The Man in the Gray Flannel Suit», de autoria de Sloan Wilson. Dela já se fizeram, em poucos anos, dezenas de edições. Agora, Darryl F. Zanuck produziu para a Twentieth Century-Fox um filme baseado nesse sensacional «best-seller», estrelado por Gregory Peck, Jennifer Jones e Fredric March. Outro escritor de talento, Nunnally Johnson, dirigiu a produção. É o resumo da novela de Sloan Wilson, feito por Nunnally Johnson, que começamos a publicar neste número.

### (THE MAN IN THE GRAY FLANNEL SUIT)

#### CAPITULO 1

#### ELENCO:

|                      |                  |
|----------------------|------------------|
| Tom Rath .....       | GREGORY PECK     |
| Betsy .....          | JENNIFER JONES   |
| Hopkins .....        | FREDRIC MARCH    |
| Maria .....          | MARISA PAVAN     |
| Juiz Bernstein ..... | LEE J. COBB      |
| Mrs. Hopkins .....   | ANN HARDING      |
| Cesar Gardella ..... | KEENAN WYNN      |
| Hawthorne .....      | GENE LOCKHART    |
| Susan Hopkins .....  | GIGI PERREAU     |
| Janie .....          | PORTLAND MASON   |
| Walker .....         | ARTHUR O'CONNELL |
| Mrs. Manter .....    | CONNIE GILCHRIST |



|                            |                   |
|----------------------------|-------------------|
| Produtor .....             | DARRYL F. ZANUCK  |
| Diretor .....              | NUNNALLY JOHNSON  |
| Roteiro .....              | NUNNALLY JOHNSON  |
| Novela Original .....      | SLOAN WILSON      |
| Música .....               | BERNARD HERRMANN  |
| Fotografia .....           | CHARLES G. CLARKE |
| Trajes .....               | CHARLES LE MAIRE  |
| Consultor de Cêres .....   | LEONARD DOSS      |
| Produção e distribuição .. | 20TH CENTURY-FOX  |

# O HOMEM DO TERNO CINZENTO

**D**URANTE OS sete anos em que Betsy e Tom Rath viveram numa pequenina casa em Westport, no Connecticut, ambos a detestavam. Sua intenção original era de passar apenas 2 anos ali, porém cedo vieram as crianças: Bárbara, agora com 6 anos; Janey, com 5, e Peter, com 4. E com as crianças dentro, quem consegue manter uma casa em ordem?

Tom adquirira a casa em 1946, pouco depois de ter deixado o Exército e de, a conselho da avó, se ter empregado como assistente do Diretor da Fundação Schanzenhauser de Nova York, organização mantida por um milionário e destinada a auxiliar financeiramente a pesquisa científica e as artes. Ganhava bem — sete mil dólares por ano —, porém ainda não era suficiente para eles, que descarregavam seu mau humor sobre a casa. Algum dia, porém (costumavam dizer) haveria de acontecer qualquer coisa que viesse mudar a situação presente.

Foi em junho de 1953 que Tom ouviu falar de uma vaga no quadro de «public-relations» da United Broadcasting Company. E, para ir

tratar do assunto, vestiu-se com seu melhor terno, um traje de flanela cinzenta. No prédio em que funcionava a companhia existiam dezotto elevadores dourados, e louros eram os cabelos do recepcionista que o atendeu. Tom preencheu um formulário que lhe entregou um homem vestido igualmente de cinzento. «O uniforme do dia», pensou Tom. «Alguém deve ter baixado portaria a respeito...»

Pediram-lhe que escrevesse sua autobiografia em umas poucas linhas. Relembrou alguns instantes os dados gerais de sua vida, e viu que não havia muito o que escrever. Tinha trinta e três anos, seis pés de altura, pesava cerca de oitenta e cinco quilos, e durante quatro anos e meio, servira ao Exército. Matara então dezessete homens. Conhecerá na Itália a uma jovem chamada Maria. Mas nenhum de tais fatos poderiam dar-lhe o emprego que desejava. Escreveu somente algumas linhas, e por isso ficou surpreso quando, uma semana depois, foi chamado de novo ao gabinete do secretário.

Desta vez, Tom saltou do elevador no vigésimo andar, não sem que tivesse ficado bastante intrigado com a face evidentemente italiana do



ascensorista, que lhe parecia bastante familiar, embora não soubesse lembrar-se de onde a vira pela primeira vez.

Na sala o aguardava certo Gordon Walker. E a seu lado, o corpulento e glacial Bill Ogden, que não disse uma só palavra, nem tirou por um só momento seus olhos de cima de Tom, durante todo o tempo que durou a entrevista. Walker falou ao rapaz que precisavam de alguém que não teria de executar uma tarefa comum. Precisavam de um auxiliar para trabalhar com Mr. Hopkins, Presidente da Companhia, em um projeto especial. Hopkins fora sondado no sentido da possibilidade de fundação de um Comitê Nacional de Saúde Mental — projeto que tinha muito pouca afinidade com as finalidades da companhia. Tom, porém, que trabalhara em uma fundação especializada em tais assuntos, estava talhado por encomenda para o caso, e esperavam todos que tudo saísse a contento.

— Um Comitê de Saúde Mental? perguntou Tom, ingenuamente, quebrando o silêncio, após alguns instantes de mutismo.

— Sim, Mr. Hopkins tenciona reunir quarenta ou cinquenta pessoas de influência, nos Estados Unidos, vindas dos mais diferentes estados, para com elas organizar os métodos que possam encorajar o povo dos Estados Unidos a trabalhar por sua própria saúde mental.

Parou por instantes, para observar o efeito de suas palavras no rosto do rapaz. E prosseguiu:

— Não sabemos se devemos aumentar o número de hospitais para os doentes nervosos, ou o de clínicas preventivas. Qualquer coisa, porém, teremos de fazer, no sentido de combater as doenças mentais — qualquer coisa no sentido de se conseguir os resultados alcançados pela Campanha contra a poliomielite.

Tom reparou que deveria fazer uma expressão de entusiasmo, e foi o que fez. Satisfeito, ao menos aparentemente, Walker marcou um dia para que Tom e Mr. Hopkins pudessem vir a encontrar-se. Tom abandonou a sala não sabendo exatamente o que teria de fazer, mas absolutamente determinado a fazer qualquer coisa para arranjar aquele emprego. Em casa, telefonou para Bill Hawthorne, amigo seu antigo, que trabalhara para a United Broadcasting. Marcaram um encontro num pequeno bar das imediações, e Bill foi logo dizendo, após ter sido posto a par do que se passara no escritório:

— Você ainda não viu claro em tudo isso, mas eu já lhe esclarecerei. Ponha-se no lugar de Hopkins. Dentro da companhia, ele é o maioral, mas do lado de fora, ninguém o conhece. Mas, se a campanha que estão fazendo der certo, ele será conhecido pelo país inteiro, até no estrangeiro. O homem tem cinquenta anos e ganha duzentos mil dólares por ano, logo não liga para o dinheiro. Mas quem não liga para a lama?...

— Estou começando a perceber.

— Pois é isso. O negócio das doenças mentais há de colocar o nome de Hopkins na ordem do dia. Você será uma das peças com que conta para tanto.

— Mas, para que desejará Hopkins essa publicidade em causa própria?

— É o que não sabemos ainda. De qualquer modo, uma coisa lhe digo mais: ele terá todo o interesse em que nada lhe falte para bem cumprir sua missão. Mas, se você falhar nela, será implacável. Você comerá fogo com o homem.

No dia marcado para o encontro, Tom conheceu afinal Ralph Hopkins. Achou-o um homem trivial, com um sorriso infantil nos lábios. Lancharam juntos, num clube luxuoso, e Tom não pôde deixar de estranhar que a conversa apenas por uns poucos instantes versasse sobre o projeto das doenças mentais. Pensou então que Hopkins estava a experimentá-lo. Conversaram sobre iates e jogos esportivos, bem como sobre a nova residência que o milionário acabara de construir, em South Bay, no Connecticut. Tom e o pai haviam nascido naquele lugar, onde aliás a sua avó ainda vivia. Foi duro para Tom reconhecer



**BETSY ALTERCA com o marido, Tom. «Será que perdeste a coragem na guerra? Tom resolve mudar-se, afinal, de casa.**

o todo poderoso Hopkins naquele homenzinho calmo, de gestos tímidos, diante de si. E, quando o lanche terminou, Tom ainda sabia menos sobre seu futuro emprego do que a princípio.

Poucos dias depois, chegou a notícia chocante de que a avó do rapaz tinha morrido. Vivia sôzinha em sua mansão de South Bay, cercada de reminiscências de quando fora uma grande dama. Tom considerara sempre aquele casarão um verdadeiro absurdo, um monstro de mau gosto, numa época como a em que vivemos, porém a velhota fez questão de nela morar até seus últimos dias, e foi o que fez. Vivia ali em companhia de um único criado, Edward Schultz, que há muito tempo executava todo o serviço da casa. Parecia que a velha senhora achava algum prazer em viver naquele mundo fantasmagórico, por entre retratos antigos e móveis coloniais.

Após a morte da avó, Tom foi procurar um advogado, Alfred J. Sims, um velhote que vivia numa cadeira de rodas, e dele ouviu o que esperava ouvir: a senhora lhe deixara não só a mansão, com também cerca de dez mil dólares, de que um terço teria de ser entregue a Edward.

(Cont. na página 58)



**TOM RATH (Gregory Peck) trava afinal conhecimento com o patrão, Hopkins (Frederic March). Foi contratado para a vaga.**



## NOVOS SUCESSOS DE "BRASILIANA"

SPECTATOR



**ESSE É** Baia, norte-americano, ex-componente do grupo de Katherine Dunham, e atualmente mestre de dança de Brasiliana.

Antes de partir para Montevideu, Askanasy fechou contrato com a TV-Tupi de S. Paulo para apresentar a «Brasiliana» no programa «Música e fantasia», produção de Teófilo de Barros.

Trata-se do mais caro programa de TV em S. Paulo e custará, excluindo orquestra, cenários, etc, Cr\$ 70.000,00; seu custo total ascenderá a Cr\$ 160.000,00. Data de apresentação: 23 de setembro, quando a «Brasiliana» estará de volta da primeira etapa da sua segunda excursão pelo exterior, ou seja: Montevideu, Buenos Aires, e províncias argentinas.

O programa terá a duração de 80 minutos, dando aos artistas, dançarinos e cantores a oportunidade para demonstrarem seu virtuosismo, exaltado agora, mais uma vez, pela imprensa estrangeira.

Depois de pequeno estágio no Brasil, o conjunto sairá a cumprir longo contrato no Canadá e Estados Unidos. O empresário Norsky encontra-se na Europa ultimando preparativos para apresentação da «Brasiliana» naquele continente. Já em Londres a «Brasiliana» apresentou-se diante de 11.000.000 de espectadores da BBC; na França, na

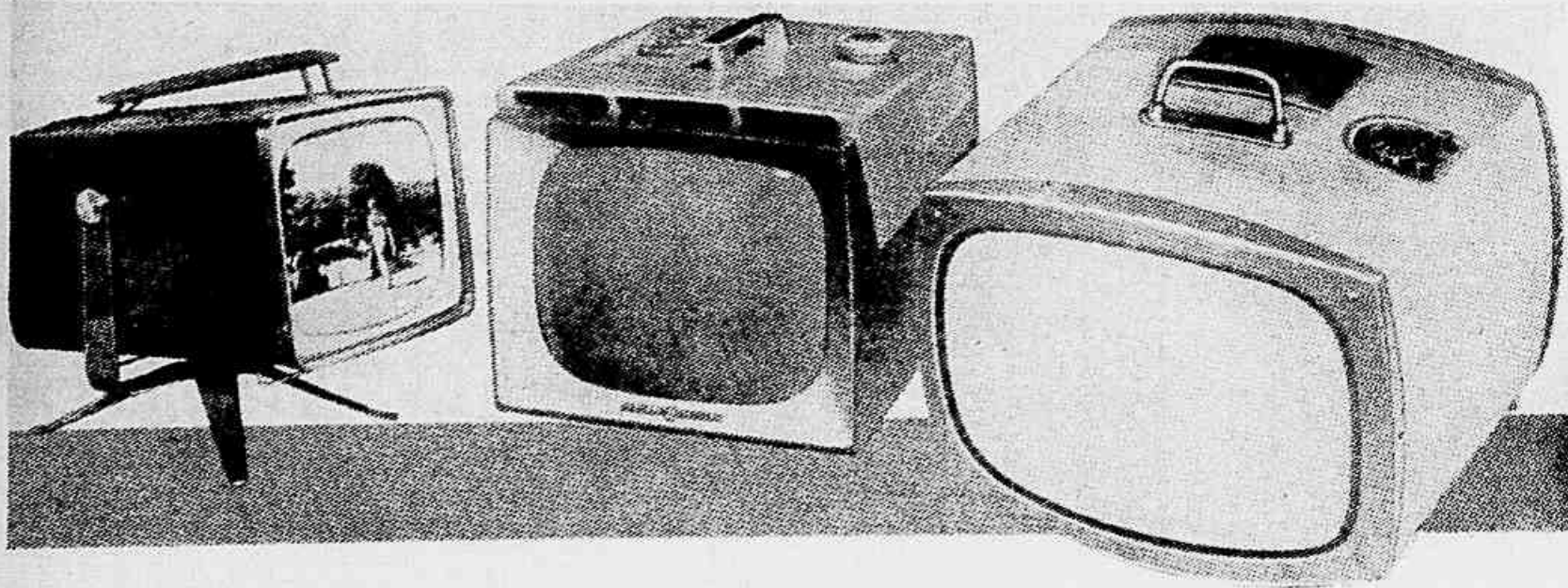
Holanda e na Alemanha esteve ante às câmaras inúmeras vezes, o que a torna internacional não só em teatro como também em televisão.

## APARELHOS PORTÁTEIS

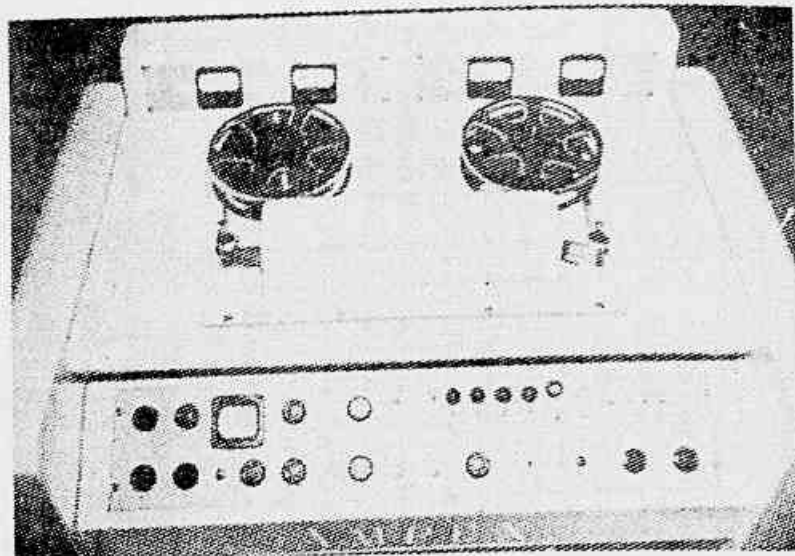
Apesar de haver mais de 33 milhões de aparelhos receptores nos lares norte-americanos, os fabricantes especializados decidiram de um momento para outro produzir aparelhos menores e de custo mais baixo, com telas de pequenas proporções, como as que apareciam nos primeiros receptores confeccionados nos primórdios da TV. Os fabricantes tomaram essa atitude, embora a procura de aparelhos com telas de 21 polegadas seja bastante grande. O formato dos pequenos receptores é resultado de profundos estudos e testes feitos pelos líderes da indústria de TV que descobriram que existe um grande mercado para esses aparelhos.

Em áreas em que existem muitos canais transmissores, os receptores portáteis terão grande aceitação uma vez que irão solucionar o problema de família que surge com frequência quando cada um dos seus membros, à mesma hora resolve ouvir um programa diferente. Do mesmo modo, homens e mulheres que vivem sôzinhos, enfermos e viajantes, não terão mais necessidade de adquirir aparelhos com telas de grandes dimensões; basta que possuam um receptor que lhes permita acompanhar as suas audições preferidas. As TV portáteis poderão ser usadas em qualquer dependência da casa. São fáceis de transportar e muitas delas possuirão antenas internas, o que evitará os costumeiros problemas com a instalação.

Os primeiros aparelhos desse gênero, já tão difundidos nos Estados Unidos, chegam agora ao Brasil e, por certo, aqui também terão boa aceitação. No momento em que, no Rio, fala-se da inauguração de duas outras estações de TV, além dos dois canais já em funcionamento, sem contar os que se multiplicam pelos estados, possibilitando cada vez mais as transmissões feitas em conjugação entre os diversos estados, a venda desses pequenos receptores virá facilitar aos telespectadores, principalmente resolvendo o problema de conciliar o divertimento com os afazeres executados em peças da casa nas quais não esteja localizado o aparelho de TV ou na solução das discussões familiares que em breve aqui existirão, quando cada um dos membros desejar, no mesmo momento, assistir a um programa diferente.



Três dos mais recentes e aperfeiçoados modelos portáteis.



O «Ampex», gravador em fita magnética para o som e imagem de TV.

## PROGRAMAS DE TV EM FITA MAGNÉTICA

◆ Um novo processo para gravar e reproduzir programas de TV em fita magnética foi demonstrado publicamente nos Estados Unidos. A invenção permite que um programa de uma hora de duração possa ser gravado em 14 polegadas de fita magnética.

O novo sistema grava tanto o som quanto a imagem numa simples fita magnética de duas polegadas de largura. A qualidade da fotografia é considerada muito melhor do que a obtida através do uso de filmes fotográficos. A reprodução do sombreado e a iluminação também são perfeitas nesse sistema. Agora, os programas podem ser gravados diretamente do campo de área da TV, de um aparelho receptor das transmissões de linhas de TV ou pelo sistema das microondas, poderá igualmente ser imediatamente representado, sem dificuldades de nenhuma espécie podendo a mesma fita ser usada por muitas vezes, para novas gravações.

## TV EM CÔRES

Finalmente, depois de mais de dois anos de experiências secretas, a «Philco Corporation» divulgou os princípios e o progresso já alcançado pelo seu sistema de TV em cores. Ao mesmo tempo, a companhia divulgou também o conhecimento do simples tubo de borracha que possibilita as transmissões em cores. Com o advento da TV em cores, todos os produtores de aparelhos técnicos especializados na América do Norte estão trabalhando no aperfeiçoamento dos seus sistemas e, dia a dia, são apresentadas ao público grandes novidades cada uma com técnica mais apurada. Naturalmente todas as experiências são feitas com grande sigilo, até que a sua eficácia seja comprovada, quando então as inovações começam a ser utilizadas, cada vez com maiores aperfeiçoamentos que tendem a facilitar e resolver os problemas que surgiram quando das primeiras experiências.

## VAMOS MELHORAR?

Parece não ser das mais perfeitas a organização do programa «Resposta ao Rei da Voz». Principalmente a exigência de que os candidatos respondam às perguntas que lhes são formuladas somente depois de permanecerem durante alguns segundos dentro da cabine envidraçada, irrita não só a eles que muitas vezes sabem prontamente a resposta, sem necessidade de pensar por mais tempo, como aos levedos que acabam cansados de acompanhar aquele constante entrar e sair da cabine.

Por que não guardar esse recurso para os casos realmente necessários, isto é, quando o candidato precisar redigir a resposta ou de algum tempo mais para respondê-la?



# MÚSICA

BOLIVAR COSTA

## LA BOHÈME

◇ Leve, saltitante, melódica, atingindo, em certos momentos, os limites da opereta, «La Bohème» de Puccini quase nunca está ausente dos repertórios das temporadas líricas, sendo mesmo uma das obras mais representativas da ópera italiana. Baseada no romance «La Vie de Bohème» de Murger e plasmada em libreto de Illica e Giacosa, ganhou fama logo em seguida à sua estréia, entrando para o rol das óperas preferidas por tôdas as platéias. De um modo geral, êste melodrama reflete muito bem as características musicais do autor, quer pela discrição da faceta cênica. Na realidade, o que em Rossini é evidência do elemento rítmico concretamente elaborado e em Verdi lânguida melódiosidade, em Giacomo Puccini é depressão nas linhas sonoras, é construção formal à base de freqüentes pianísimos, é distensão e aproveitamento da temática.

«La Bohème» da sétima récita da assinatura de gala não esteve excepcional. Integrou-se, entretanto, no nível geral da temporada. A sua maior vantagem talvez tenha sido proporcionar o retorno de Ferruccio Tagliavini, até então deslocado por falta de uma oportunidade que lhe exigisse mais esforço. Neste passo, notou-se uma emissão mais perfeita dos agudos. Os pianísimos, de grande força impressiva, formaram o ponto alto de sua produção vocal. E os insistentes aplausos do público reconheceram em Tagliavini o angustiado poeta do Quartier Latin. Mais relêvo ainda adquiria o tenor quando ao lado do soprano Lia Salgado, cuja voz deficiente não merecia a colocação que teve, no papel de Mimi, e logo numa temporada internacional. A atuação da sra. Lia Salgado foi fraca. A preocupação excessiva pelo aspecto vocal anula completamente a sua movimentação cênica. E como sente uma profunda dificuldade na emissão das notas agudas, sobrevém o fracasso total de sua conduta no palco.

O barítono Gian Giacomo Guelfi em Marcelo — o pintor — esteve em excelente forma. Voz privilegiada e emitida com grande facilidade, a par de uma gesticulação larga, autêntica, e desembaraçada. E Guelfi foi, sem dúvida alguma, a maior figura do quarteto masculino.

Completando o grupo central, tivemos Boris Christoff no papel do filósofo e Paulo Fortes em Schaunard. O primeiro, que já angariou a simpatia do nosso público, manteve o ritmo das récitas anteriores. Instado por veementes aplausos repetiu três vezes (!) a ária «Vecchia Zimarra». O segundo teve atuação satisfatória, em que pese a pouca saliência do papel que desempenhou.

Guilherme Damiano, como sempre, esteve a contento, em ambos os papéis que lhe foram confiados. A orquestra boa, sob a regência do Maestro Juan Emilio Martini, do Teatro Colón de Buenos Aires. E cenários antigos de Franco Cenni.

## NOTICIÁRIO

Seguiu para Buenos Aires, a fim de reger a temporada de concertos da Orquestra Sinfônica Nacional, o compositor Camargo Guarnieri.

Subiu à cena na oitava récita da assinatura de gala da Temporada Lírica, a ópera «Carmen» de George Bizet. Interpretaram-na Mario del Monaco, Giulietta Simionato, Gian Giacomo Guelfi e Lia Salgado. Foi grande o sucesso, provavelmente o maior da presente temporada.

Apresentou-se no Teatro Municipal, sob o patrocínio da cultura artística, a violoncelista canadense Zara Nelsova, que ainda recentemente obteve tão expressivo êxito, como solista da Orquestra Sinfônica Brasileira.

## EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE  
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



## COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

## EM QUALQUER PONTO DO BRASIL QUE V. S. RESIDA

# O MUNDO

PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Tôdas as Semanas ao Seu Alcance. Seja Assinante Dêste Moderno Semanário e Esteja em Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499  
RIO DE JANEIRO

## “Mil” lhe oferece:



Aparelhos de  
SEGURANÇA  
Contra Roubo  
Todos os carros

CHAVE SECRETA-BATERIA

Pessoal Técnico Especializado  
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98A  
52-1046 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

Só na  
**Mil**





ESSA MÃE PIGMEU, COM O FILHINHO AO COLO, ESTÁ INTRIGADÍSSIMA COM O ESPELHO QUE UM CIVILIZADO ACABA DE LHE OFERTAR.

# OS PIGMEUS DA FLORESTA ITURI



## COMO VIVEM ÊSSES DIMINUTOS COMPONENTES DA EXÓTICA FAMÍLIA HUMANA ★ CAÇAR E DANÇAR, SUAS OCUPAÇÕES

Texto de GEORGINA MASSON

Fotos KEYSTONE

◇ OS PIGMEUS são fósseis vivos, cujos hábitos não se modificaram desde os tempos pré-históricos, e que, descobertos pelo sábio alemão Schweinfurth em 1870, constituíram em todo o mundo motivo de admiração sem limites. Também Stanley, o famoso explorador, seguiu as pegadas do alemão, e a descrição da travessia que fez da terrível selva de Ituri é uma das mais famosas passagens de seu livro «In Darkest Africa». Stanley, que capturou a mulher de um chefe pigmeu, desenhou-a e publicou no seu volume o esbôço. Mas, a bem dizer a verdade, os exploradores do século passado apenas fizeram redescobrir os pigmeus, cuja existência já era asseverada pelos antigos egípcios e gregos. Aliás, também os europeus que andaram explorando a África no século XVI, principalmente os portugueses, a eles se referiram. Dois pigmeus parece terem vivido na corte de um faraó, dois mil e quatrocentos anos antes de Cristo. E há um papiro, no Museu Britânico, que afirma a alegria do Faraó, por ter uma sua expedição trazido, de volta de uma lendária terra das Ávores, dois homenzinhos de muitos anos de idade, excelentes dançarinos.

Vemos pois que, já há quatro mil anos atrás, as aptidões dos pigmeus de Ituri para a dança eram notáveis. Não foi à-toa que foram nomeados, na corte egípcia, dançarinos divinos, aqueles que ainda atualmente atraem a atenção de todas as tribos das redondezas, quando organizam, várias vezes por ano, aliás, seus grandes festejos religiosos. Esses festivais de dança são como que fantásticas e absurdas reuniões de gnomos; pequeninos, mas com grandes abdomens, e dotados de pernas finíssimas e ágeis, fazem êles círculos diminutos, e dançam, desenfreados, por horas e horas seguidas. Seus gritos ecoam, terríveis, por toda a imensa floresta.

Caçar é a segunda de suas paixões, quase tão forte quanto a de dançar. Não caçam para viver — pois possuem seus animais domésticos: vivem para caçar, isso sim. E caçam seja o que for, de coelhos a elefantes. Sua arma favorita é um diminuto arco, com o qual disparam dardos envenenados, capazes de matar em poucos minutos o mais possante dos animais. Para os elefantes, porém, êles utilizam lanças, e são inúmeros os pigmeus que perecem, na luta desigual con-



É DE PEQUENO que se aprende, e por isso, esse pigmeuzinho já anda de arco e flechas à mão, caçando pequenos animais.



OS PIGMEUS estão sempre inclinados a tomar parte em alguma dança. De dia e de noite, com sol ou com chuva, êles formam seu círculo de dançarinos, e durante horas e horas se entregam à sua ocupação favorita. A dança, mais do que uma diversão, é para os pigmeus parte do culto.

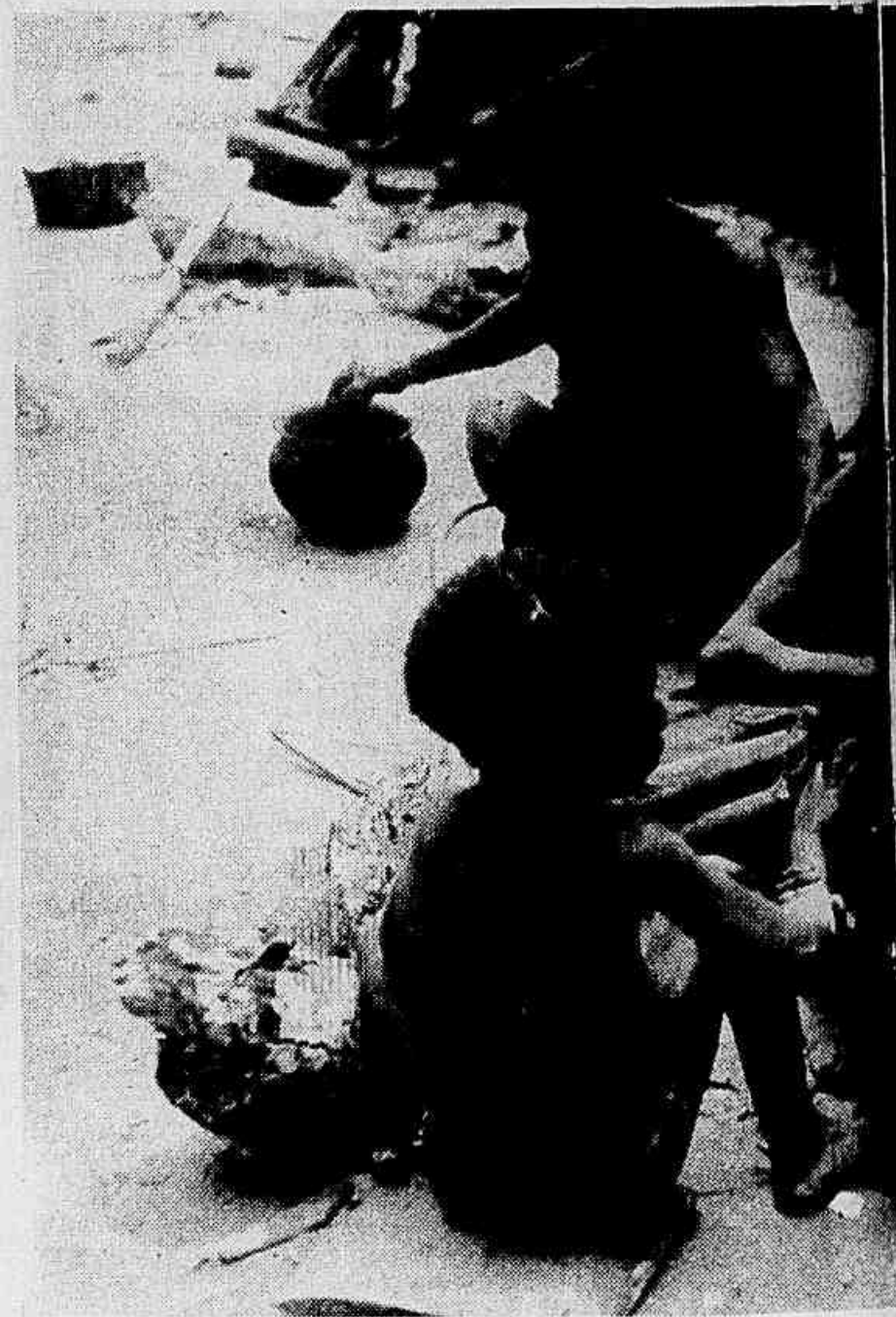




NUNCA, ANTES DA CHEGADA DE UM PRIMEIRO ESPELHO ÊSSES HOMENS TINHAM TIDO O ENSEJO DE CONTEMPLAREM O PRÓPRIO ROSTO.



DE CAÇA, vivem os pigmeus. Essa velha mulher cozinha, por métodos primitivos, utilizando-se de velhas achas para fazer fogo. A vida é dura e implacável para com êsses diminutos habitantes das florestas. As dificuldades são imensas.



CAÇAR, E DANÇAR, eis no que se resume, desde a infância, a vida de um pigmeu. Os que aqui aparecem descansam da labuta, ou-

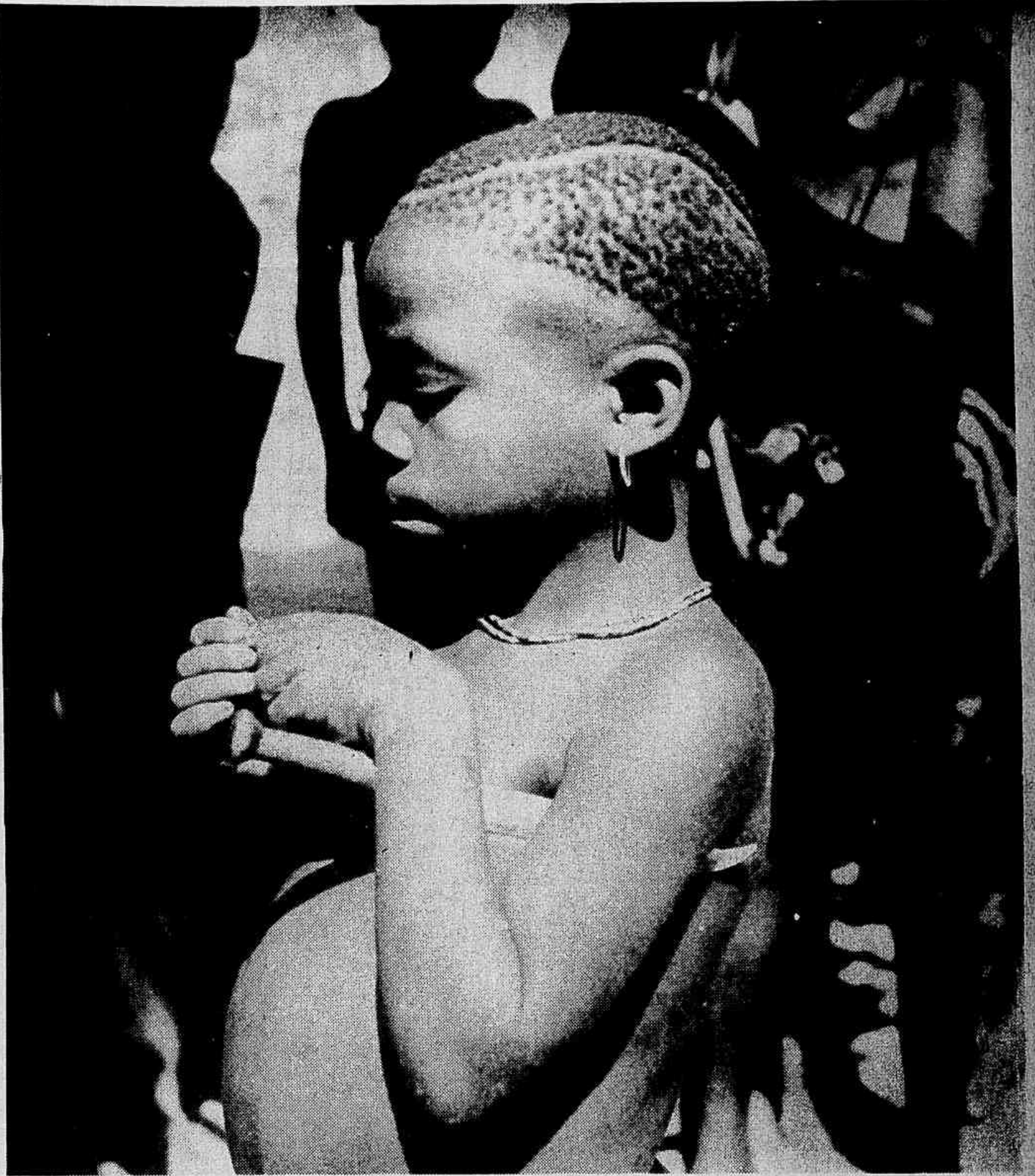


## OS PIGMEUS DA FLORESTA ITURI

tra o gigantesco paquiderme. Essa luta requer grande coragem e muita inteligência — porém inteligência e coragem é o que não falta aos pigmeus. Para matar um elefante, é preciso que os caçadores se aproximem a poucos metros de onde está. Imprescentidos, eles se postam debaixo da barriga do animal, e abrem-na com um lançaço. Muitas vezes, com facões afiados, eles cortam os ligamentos das pernas traseiras do grande animal, que perde assim a mobilidade, constituindo-se em fácil presa para os demoníacos habitantes da floresta de Ituri.

Os quitutes mais apreciados pelos pigmeus são as formigas e os besouros. A despeito de viverem em uma sociedade de tipo comunista, isto é, que desconhece a propriedade privada, se um deles descobre um ninho de marimbondos, ou um formigueiro, esse formigueiro ou esse ninho passam a ser de sua exclusiva propriedade.

Cada tribo de pigmeus tem seu território próprio para caçadas, estabelecido pelo Governo Belga. Nenhum membro de outras tribos pode entrar nesses territórios, sob pena de ser sumariamente eliminado. Aliás, os pigmeus, que foram outrora guerreiros terríveis, são hoje pacíficos e ordeiros habitantes da floresta, que tudo lhes dá, desde o primeiro dia de vida até ao último, que lhes serve de nascedouro e de cemitério, de fonte de vida e, tantas vezes, de causa da morte.



COMO TÓDAS AS CRIANÇAS DE SUA TRIBO, ESSE MENINO TEM O VENTRE IMENSO.



vindo os sons de pequeno tambor. Ao lado, uma beldade da tribo, em atitude de grande «sex-appeal», escuta, atentamente, uma serenata...







"FIESTA" — É A NOVA "BOITE" "SUSPENSE" LOCALIZADA EM COPACABANA PARA MOVIMENTAR A "SOIRÉE-SNOB" CARIOCA. NO PRÓXIMO NÚMERO JEFF THOMAS DARÁ DETALHES SOBRE A ABERTURA DESTA NOVA "BOITE"

## Grand Monde internacional

## Gossips



Oleg Cassini tem um novo «date» que é a recém-divorciada Jeanne Crain.

♦ A RECENTE-divorciada Jeanne Crain, cujo divórcio foi noticiado em «pre-view» por minha coluna, tem agora novo «date»: nosso conhecido Oleg Cassini. Se vocês estão lembrados do famoso avião das celebridades que nos visitou no ano passado, certamente saberão que Jeanne e Oleg foram dois de seus muitos passageiros. Ela era nessa época a devotada esposa de Paul Brickmann. Ele, o então candidato à mão da atual princesa Grace Kelly. Por várias vezes estive conversando com Oleg, que me disse achar maravilhosa a maneira como a imprensa costumava explorar sua vida amorosa. Oleg é irmão de meu famoso colega Cholly Knickerbocker, que também esteve no Rio, na mesma ocasião. ★ A substituta de Grace Kelly na Metro será Laureen Bacall, cujo manequim é idêntico ao de Grace. Portanto, o guarda-roupa que a

conhecida costureira da Metro, Helen Rose fez para a protagonista do filme «Designing Woman», será aproveitado por Laureen. O astro do filme em questão será Gregory Peck. ★ Há poucos dias anunciei para vocês que Elizabeth Taylor havia tido um romance de «quatro paredes» com Victor Mature, e estava prestes a se divorciar do esposo, o ator Michael Wilding. Agora, vejo meu fato confirmado. Pois Lyt e Michael já estão praticamente divorciados.

♦ A FIGURA — mais comentada atualmente em minhas colunas de «gossips» — é a muito «beaut» Lillian de Souza Campos. A «boneca» Lillian é atualmente a mais «suspense» jovem do «High-Society» carioca. Vocês sabem quem é o atual «date» dessa «boneca»? Se não sabem, esta coluna depois revelará. ★ No último número desta Revista apresentei para vocês uma foto do senhor Jorginho Dória com a senhorita Marina Tenanni. Agora, segunda observação de «Gossips», parece que a jovem Marina não é mais o «date» do meu amigo Jorginho. ★ Parece que existe mesmo grande semelhança entre a palavra PRATELEIRA e a jovem Zaida Saldanha. ★ Vocês já notaram como um conhecido colunista resolveu adotar em sua coluna uma seção sobre «gossips»? Esse tipo de colunismo foi lançado no Brasil por Jeff Thomas. Por isso, estou feliz em verhoar que meus lançamentos estão sendo adotados por outras colunas. Estou verdadeiramente fazendo escola. ★ Uma jovem paulista que esteve recentemente aqui no Rio, está prestes a figurar na prateleira. Seu nome é Baby Moraes Pinto. ★ A «beaut» senhorita Grey Lafer continua nos «Stories». ★ Albino Avelar e Maria Laura Duarte devem tomar o conselho deste colunista, e ficar logo noivos. ★ Ela continua figurando na PRATELEIRA.



Lillian de Souza Campos, a mais «beaut» jovem do «high-society» carioca.

## Pequenos Flashes

♦ NO ÚLTIMO sábado foi apresentada na «Maison de France» a «avant-première» do filme italiano «La Strada», patrocinada pela Sociedade Teatro de Arte. ♦ Quarta-feira foi a inauguração da «Boite Fiesta». No próximo número darei detalhes sobre este acontecimento que foi realmente «suspense». ♦ A SENHORA paulista Maria (Scarlett) Augusta convidou-me para o «cocktail» e o desfile de modas que vai organizar dia onze de setembro em sua moderna casa de modas «Scarlett», em homenagem à imprensa e à sociedade paulistas. Se não estiver muito ocupada, darei um pulo até ao pódium. Atenção, Tavares de Miranda! ♦ A senhora Elza Hounche vai realizar um grande desfile de modas no próximo dia onze de setembro, nas salubres salas do Copacabana Palace. ♦ O senhor Raul («O Maluco») Guastini, de São Paulo, anunciou vir de Londres um «classico» «jeitô» para apresentar a

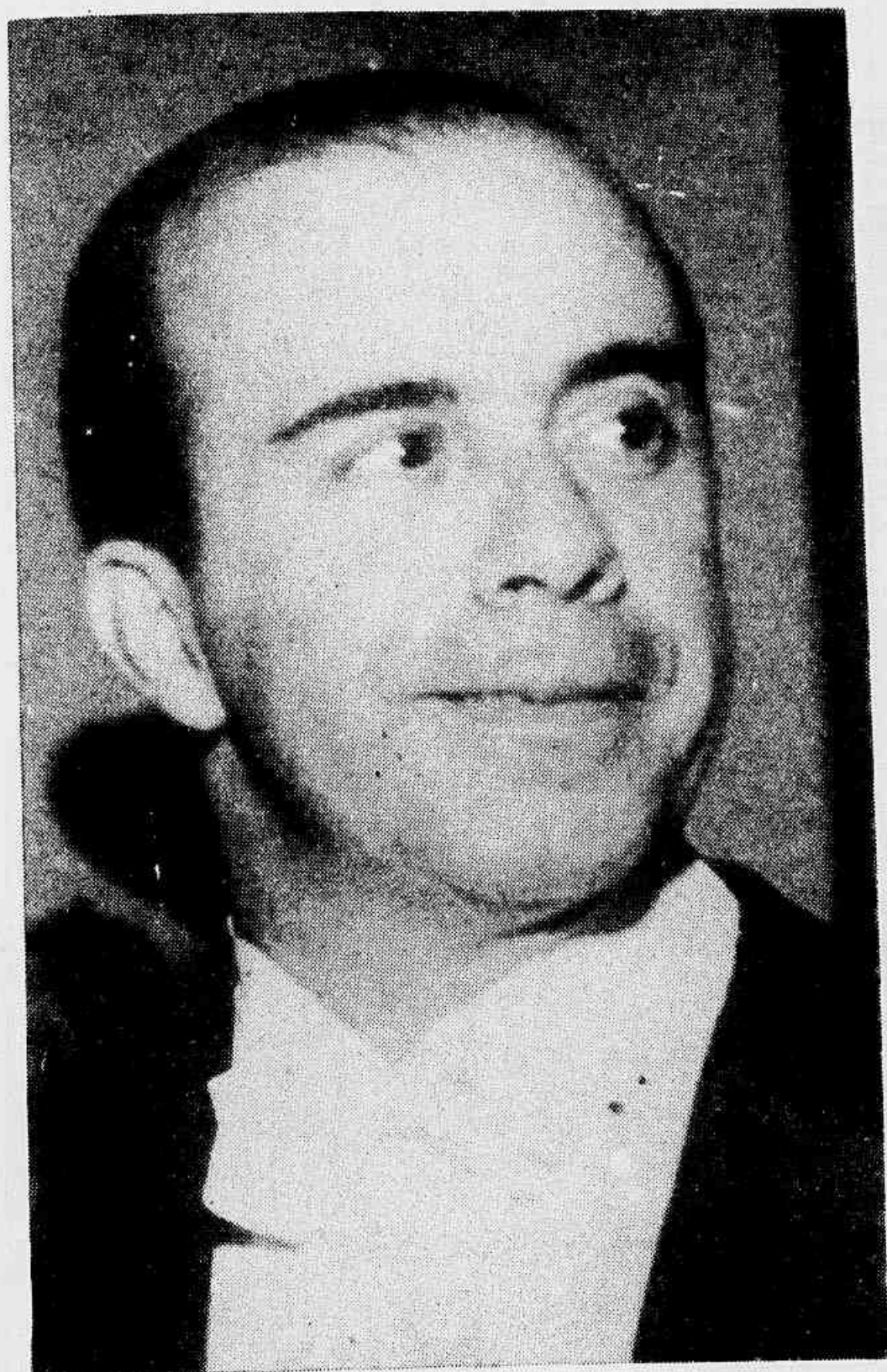


O colunista Jeff Thomas conversa com a senhora Maria Crespo e o senhor João Alberto Leite Barbosa.

este colunista. Merce. ♦ Poderá gente saber que o senhor Horácio Elblin é cantor

amador realmente «suspense». ♦ O Lagoinha Country Club está realizando às quintas-feiras seu semanal jantar dançante. O jovem clube de Santa Tereza tem agora um eficiente diretor social, que é o senhor Paulo Penha. ♦ Há poucos dias recebi uma carta do senhor Rômulo Maiorana, cronista social em Belém do Pará, que me convida para ir até lá participar de um acontecimento social realmente «suspense», que ele está organizando. O Rômulo diz em sua carta que é leitor assíduo desta coluna, e usa nas suas crônicas vários termos lançados por este colunista. Quanto ao convite, terei prazer em aceitar. Mas, vamos acertar as possibilidades, porque atualmente não posso afastar-me do Rio por mais de 24 horas. A não ser que seja num «week-end». Já noticiei seu convite na minha «suspense» coluna num vespertino carioca. ♦ Até à próxima. ♦ O «gêol» continua em cima. ♦ JT





EMBAIXADOR HUGO GOUTHIER

O ACONTECIMENTO mais comentado e elogiado pela imprensa nacional foi a aprovação, por unanimidade, no Senado Federal, do nome do diplomata Hugo Gouthier para o cargo de Embaixador em Bruxelas. Confesso a vocês que fiquei muito e muito feliz ao tomar conhecimento da notícia, pois meu amigo Gouthier bem merece esse brilhante gesto que a alta Câmara do país acaba de ter para com ele. Desejo a Hugo e Laiz toneladas de felicidades e êxito na nova missão. E até Bruxelas.

EMBAIXATRIZ LAIZ GOUTHIER





# O CANTO DO

Conto de MAXIMO GORKI  
Desenho de JERONYMO RIBEIRO

**A** DORMECE o mar. Imenso, suspirando preguiçosamente ao largo da praia, entregou-se ao repouso, tranqüilo na sua vasta extensão, banhada pelos azulados raios do lua.

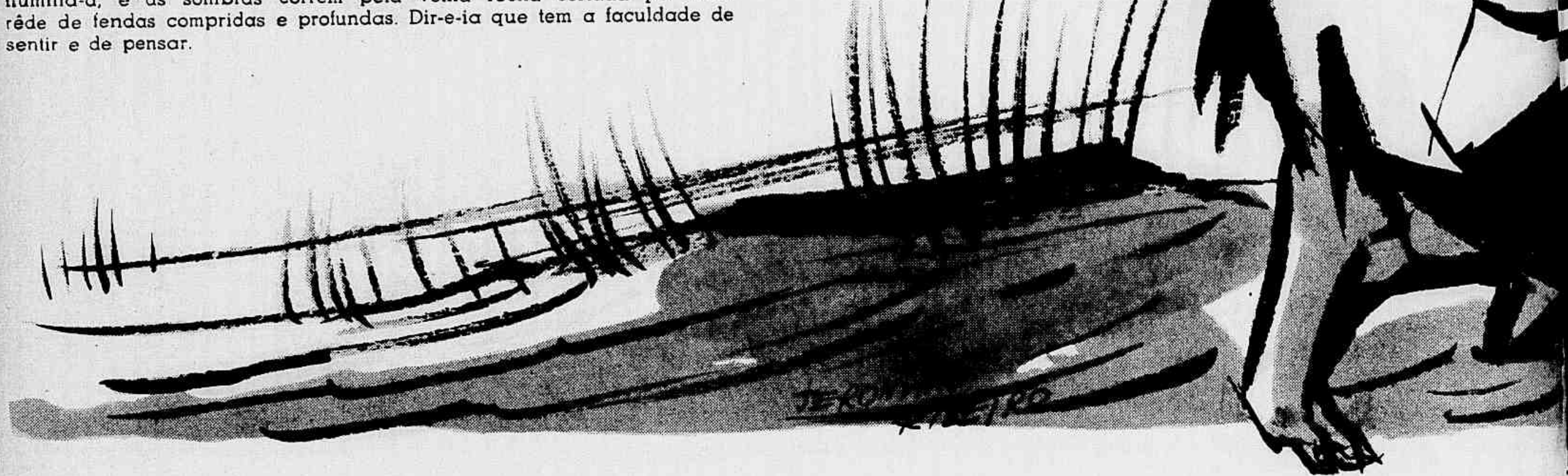
Suave como o veludo e escuro como a noite, confunde-se com o céu azul do hemisfério meridional, e dorme profundamente, refletindo o transparente tecido das nuvens imóveis, onde brilha a dourada figura dos astros. Parece que o céu se inclina cada vez mais para o mar, como se desejasse surpreender o que segredam as ondas entre si, quando, infatigáveis, num ar de surpresa, sobem pela praia, umas atrás das outras.

As montanhas estão graves e pensativas. Batidas rigidamente pelos ventos do primeiro quadrante, elevam com majestade os seus cumes no deserto azul que as rodeia. Os seus contornos angulosos e severos suavizam-se e arredondam-se envoltos pelas trevas da noite austral. Sobre as ondas esplêndidas de verdoso reflexo, deixam cair as negras sombras que as cobrem, como se quisessem deter aquele movimento e atogar o murmúrio incessante da água e os suspiros da espuma, todos esses ruídos que turbam o silêncio misterioso espargido na paisagem, por onde se eleva o disco da lua, oculta ainda pelo cume das montanhas.

— A-ala-akh-a-akbar... — suspira docemente Nadier-Raghim-Oggli, velho pastor da Criméia, corpulento, sêco, sagaz, queimado pelo sol meridional, e sempre de mau humor.

Encontrávamos-nos deitados na areia perto de uma rocha imensa, que um dia se desligou da montanha e se ergue hoje triste e sombria, coberta de musgo.

Sobre o lado que dá para o mar, as ondas têm arrojado plantas e lodo, e a rocha assim atapetada parece suspensa sobre a estreita faixa arenosa que separa o mar das montanhas. A chama da nossa fogueira ilumina-a, e as sombras correm pela velha rocha cortada por uma rede de fendas compridas e profundas. Dir-e-ia que tem a faculdade de sentir e de pensar.



Raghim e eu fazíamos uma sopa com os pescados que acabávamos de apanhar, e ambos nos encontrávamos nesse estado de espírito em que tudo parece ideal, em que o coração está puro e em que não se deseja viver senão para pensar e sonhar.

O mar acaricia a praia, e as ondas ciam tão melancolicamente, que, parece, pedem licença para virem acalantar-se junto à fogueira. Algumas vezes, na harmonia geral, ouve-se uma nota mais elevada, alguma coisa assim como uma nota muito alegre e buliçosa. É uma das ondas que atrevidamente deslizam até perto de nós.

Raghim compara as ondas com as mulheres e supõe-lhes o desejo de nos virem abraçar. Está estendido de bruços na areia e a cabeça para o mar. Olha, pensativo, o horizonte confuso, apoiado em ambos os cotovelos e descansando a cabeça nas palmas das mãos. O seu felpudo gorro de peles de carneiro descansa na nuca e o hálito fresco do mar sopra a sua alta fronte, semeada de finas rugas. Filosofia sem preocupar-se de que eu o escute ou não. Não me presta atenção alguma, e fala como se falasse com o mar.

— O homem que é fiel a Deus vai ao Paraíso. E o que não é fiel a Deus, nem ao profeta? Talvez se ache nessa espuma... Talvez seja essa mancha argentada que se vê sobre a água...

Quem é capaz de averiguar?

O mar, sombrio, largo e poderoso, aclara-se. Raios de lua, arrastam-se por aqui e por ali como deixados cair descuidadamente. A lua elevou-se já sobre a crista das montanhas cobertas de árvores, e, poeticamente,

derrama agora os seus raios sobre o mar, que suspira docemente, saindo ao seu encontro.

— Raghim, conta-me uma história.

— Para que? — respondeu Raghim, sem voltar a cabeça.

— Pela razão muito simples de que me agradam as tuas histórias.

— Já contei todas... Não conheço mais nenhuma...

— Queres fazer-te rogado, mas repito a minha súplica.

— Se queres, cantar-te-ei uma canção, — disse Raghim, condescendendo.

— Pois claro que quero! E canta em forma de triste narração, procurando dar-lhe a melancolia singular do ritmo.

I

No alto das montanhas rastejava a serpente. Dormia no fundo de um vale estreito, úmido, enroscada em círculo e olhando para o mar.

No alto do céu brilhava o sol, e as montanhas respiravam o seu hálito cálido, enquanto que em baixo as ondas chocavam-se contra a rocha.

No fundo da garganta, na escuridão, a torrente que saltava em cachões por cima das pedras, precipitava-se ao encontro do mar.

Convertida em espuma branca e gris, parece cortar a montanha em duas, e cai ao mar uivando com furor. De repente, e no mesmo vale em que a serpente se arrastava, caiu do céu um falcão, com o peito aberto e as penas ensanguentadas.

Num grito rouco, caiu sobre a terra, e com raiva, impotente, despedaçou o peito contra a dura pedra.





Assustada, a serpente atastou-se, rastejando com rapidez, compreendendo, no entanto, que a ave não viveria mais de dois ou três minutos. Voltou aonde estava o falcão ferido e silvou em direção a seus olhos.

— Tu morres?

— Sim, morro, — respondeu o falcão, suspirando profundamente. Tenho vivido com glória. Conheci a felicidade, combati com valor, vi o céu...

— Já não o tornas a ver, pobre criatura!

— Mas, que é o céu? Um lugar vazio... Como e de que modo poderia agora arrastar-me até êle? Aqui estou bem. Há calor e umidade.

Assim falava a serpente à ave livre, mas interiormente zombava dela, e pensava:

— Aos vãos ou de rastos, o fim será sempre o mesmo. Todos iremos parar de baixo da terra. Tudo será reduzido a pó.

O falcão, valente, sacudiu súbitamente as asas, levantou-se um pouco e passou o seu olhar pelo espaço.

Através da rocha, corria a água, e no vale estreito e sombrio fazia um calor sufocante.

Reunindo tôdas as suas forças disse o falcão com tristeza:

— Oh! se eu pudesse elevar-me ao céu uma vez mais... Esmagaria o meu inimigo contra as feridas do meu peito..... Afogá-lo-ia no meu sangue... Oh! o prazer da luta!...

E a serpente pensava:

— Muito agradável deve ser a vida no céu, visto que de tal modo geme por ela.

E fez à ave livre a seguinte proposição:

— Aproxima-te da borda do precipício e despenha-te. É possível que as tuas asas te elevem e que possas viver mais algum tempo no teu elemento.

O falcão estremeceu e, soltando um débil grito, arrastou-se até à borda daquela garganta, agarrando-se com as unhas à terra que cobria a pedra.

Quando chegou, tornou a estender as asas, respirou com tôdas as suas forças, brilharam os seus olhos, e arrojou-se no abismo.

Como pedra caída do alto, precipitando-se de rocha em rocha, assim caiu o falcão, dilacerando as asas, perdendo as suas penas.

A água da torrente recebeu o seu corpo, lavou o seu sangue, cobriu-o de espuma e levou-o até o mar.

E na imensidade ninguém percebeu o cadáver da ave...

## II

Enroscada na garganta, a serpente pensou, durante muito tempo na morte da ave e na sua paixão pelo céu, e olhava para êle, numa visão de felicidade.

— Ninguém viu o falcão morto no deserto sem fundo e sem margem. Mas por que razão outros, como êle, mortos como êle turvavam as suas almas com a paixão de voar ao céu?... Eu poderia sabê-lo, se tivesse já subido também, quanto mais não fôsse, por pouco tempo.

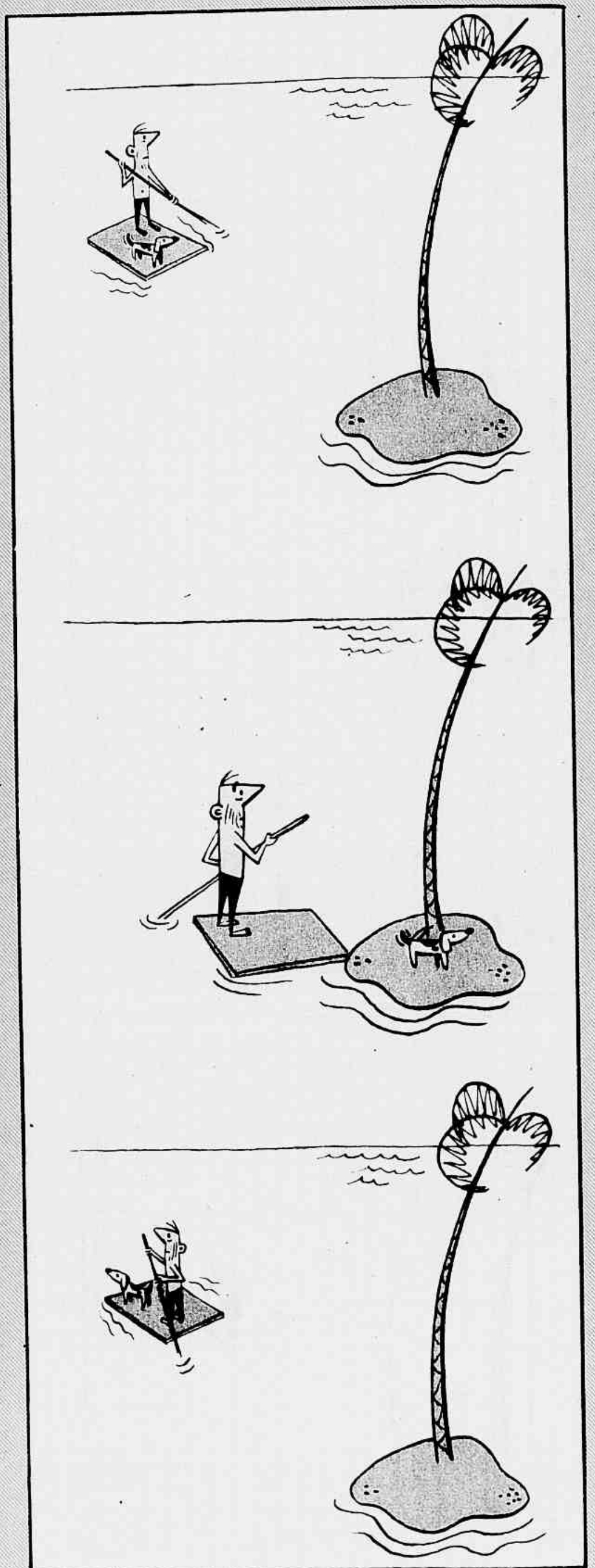
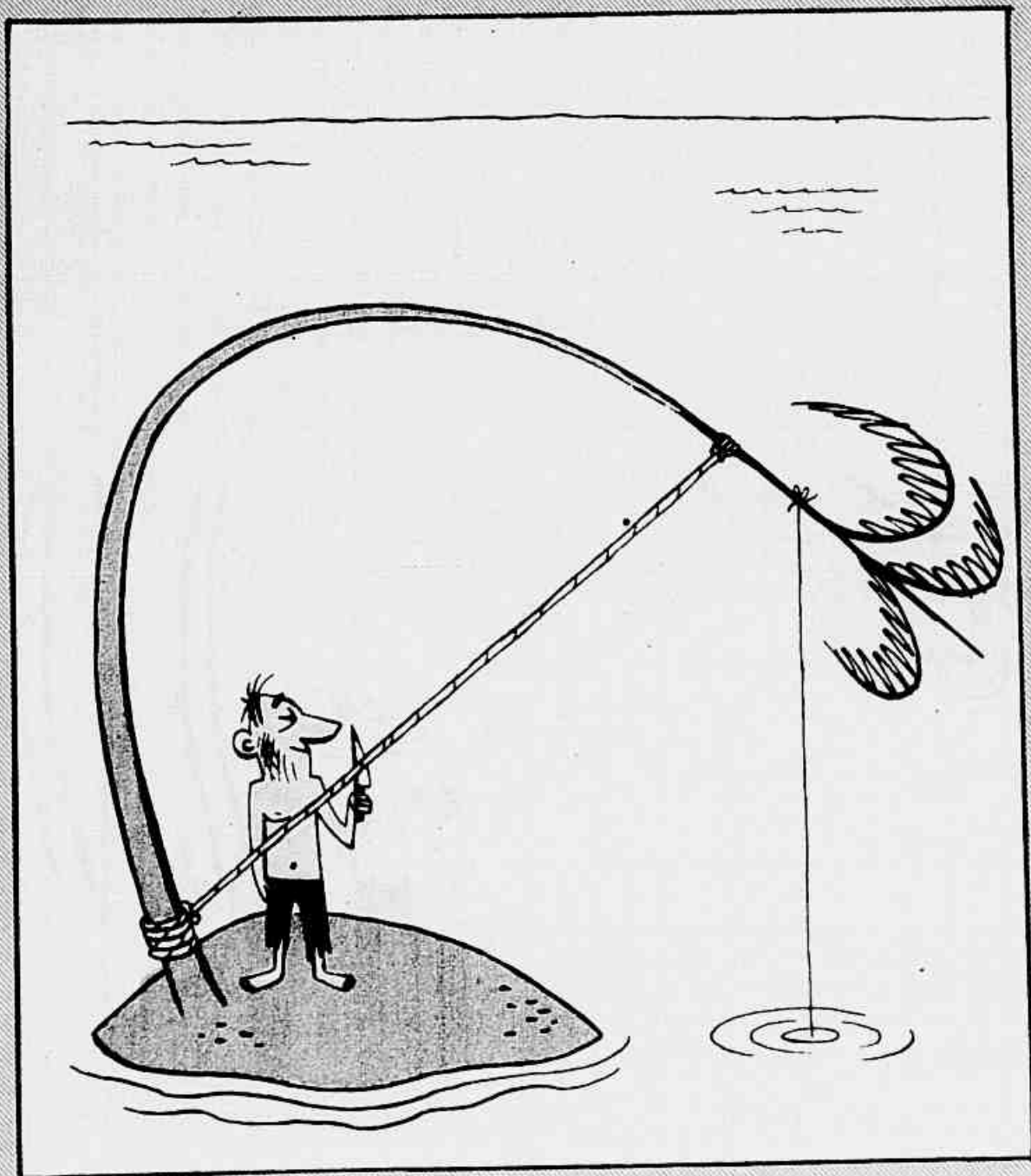
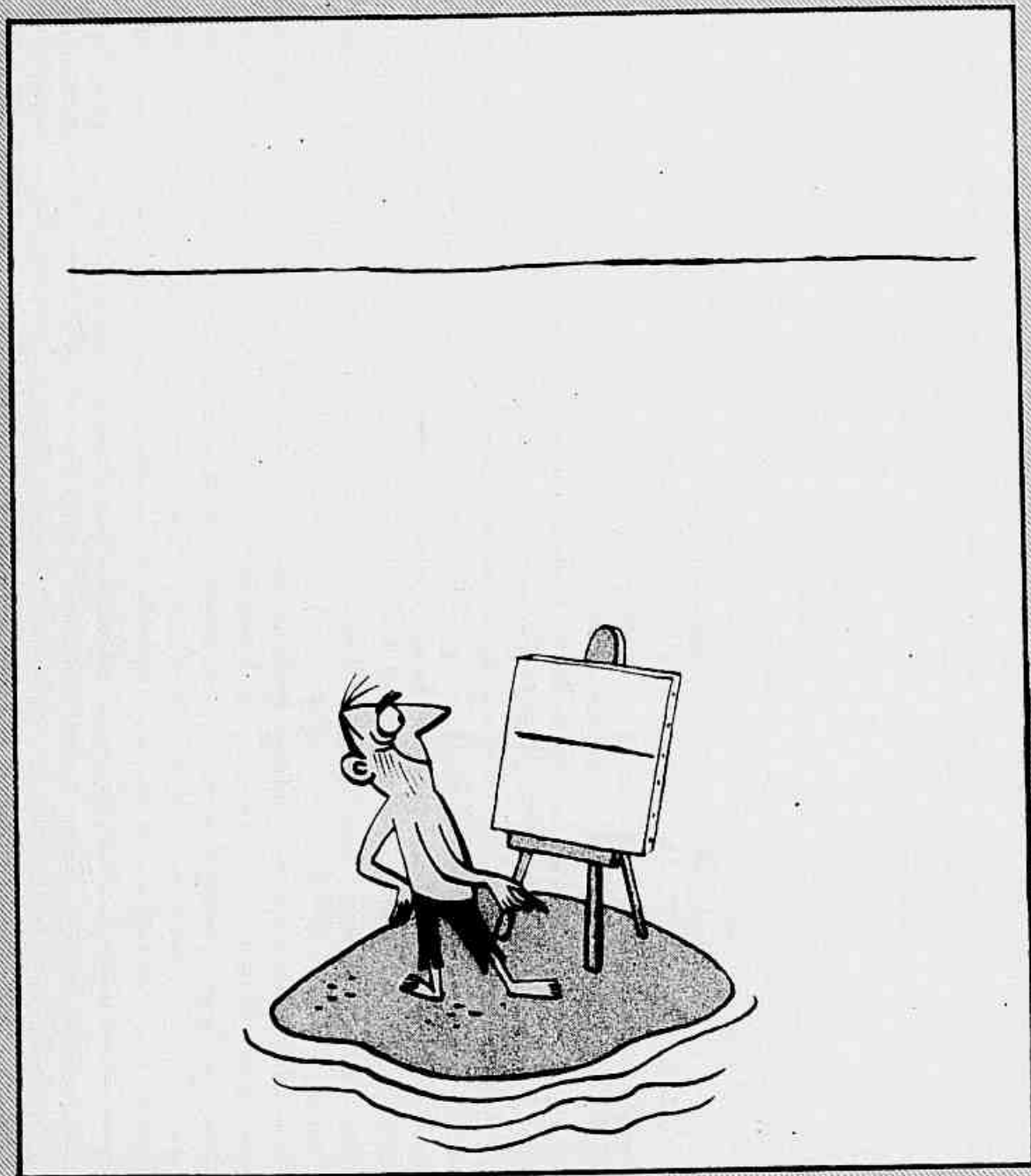
Como pensou — assim fez!

(Cont. na pág. 58)

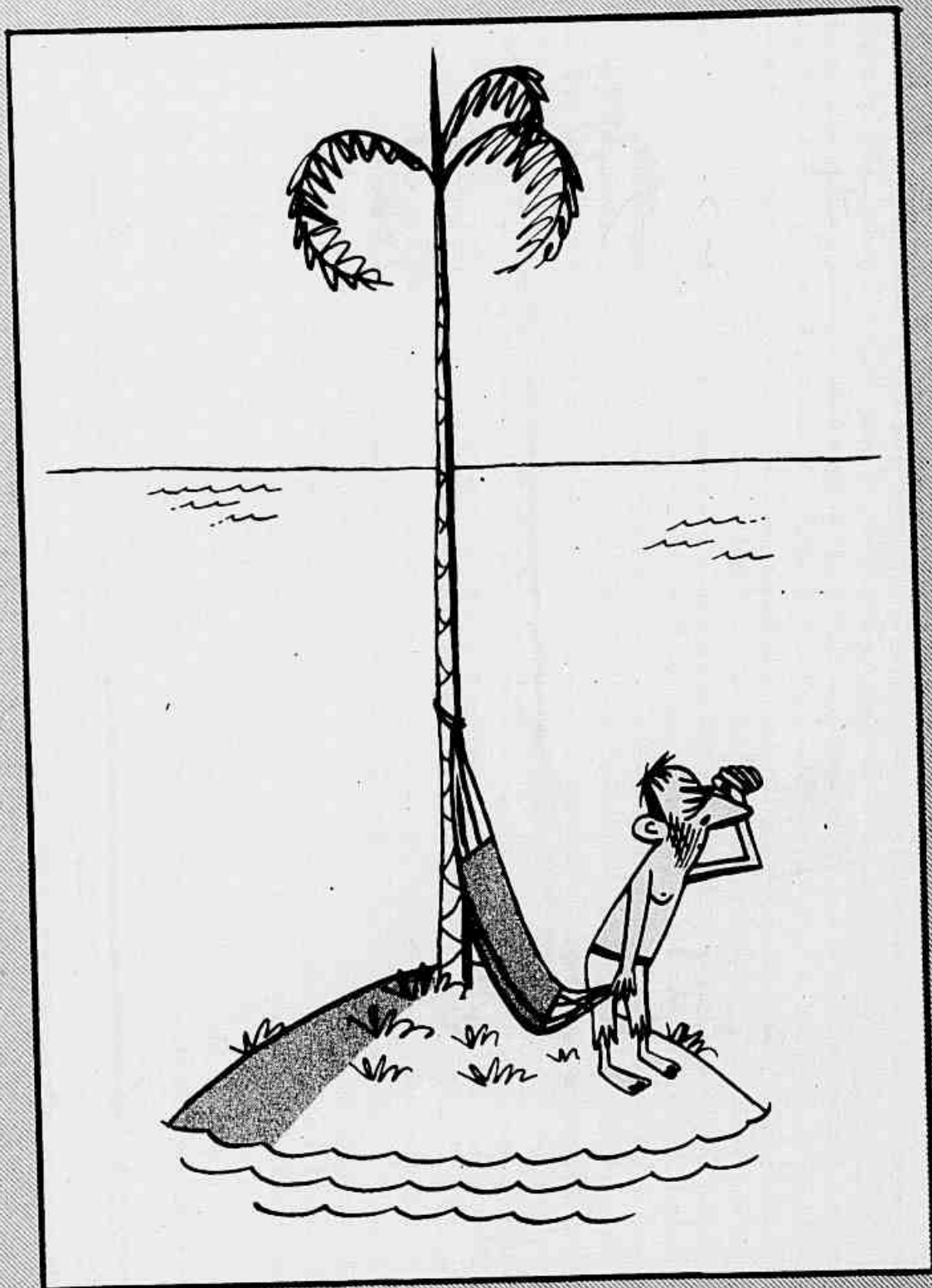
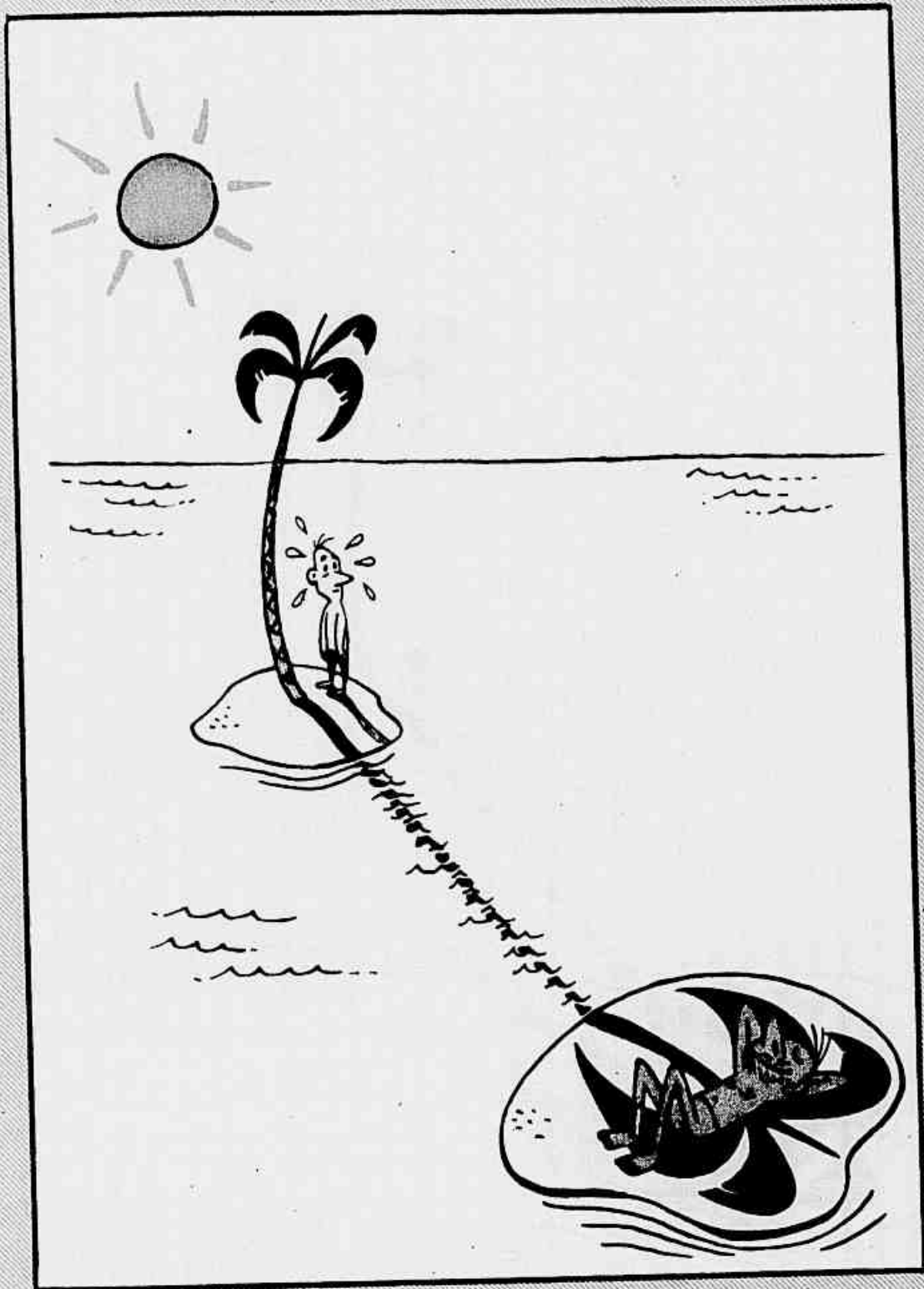


**FORTUNA** (Natural de São Luís, Ma.) **APRESENTA**

# Uma Ilha Esquecida









# CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

## O TRABALHO É NECESSÁRIO À FELICIDADE

♦ O trabalho não é um sacrifício para quem sabe dar-lhe o justo valor para quem não o suporta como uma obrigação a que não pode fugir mas nêle encontra uma expressão de sua própria personalidade e uma prova de sua capacidade. Não nos referimos apenas ao trabalho intelectual como fonte de satisfação, mas ao trabalho mais terra a terra, manual, que é sempre uma força, porque dá a certeza de que se pode ganhar a própria vida, sem ter que aceitar compromissos humilhantes, apenas pela necessidade de ter casa e comida. Toda mulher deveria preferir trabalhar algumas horas por dia para ser financeiramente independente, em vez de casar-se por cálculo e dever suportar durante todos os dias de toda sua existência a presença, a intimidade, de um homem a quem não ama, isto é, sentimentalmente estranho.

Diante disso, o trabalho, por mais cansativo que seja, é ainda um preço baixo que se paga para se ter o luxo de viver a vida que se deseja. Com o passar dos anos a mulher que trabalha dá maior valor ainda a tarefa a que se dedicou; é no início da velhice que colhe os seus melhores frutos. Quando a beleza já deixou de existir, quando o amor (mesmo o amor feliz e realizado num matrimônio harmonioso) se transforma em calmo afeto familiar, quando os amigos se tornam menos assíduos e os filhos crescem, casam-se e se vão, então, ter um trabalho, uma tarefa a que se dedicar, é fugir da monotonia e da solidão, é afirmar a personalidade. O trabalho, obrigando-nos sempre a cumprir os compromissos para com nós mesmos e para com terceiros, distrai-nos de nossos problemas melancólicos; dará uma finalidade aos dias que a solidão faria opressivos e tristes.

## SUA BELEZA

O "rouge" deve ser aplicado no rosto de forma o mais natural possível. Para delimitar exatamente a área a ser recoberta esboce um sorriso: as partes das faces salientes são as que devem levar "rouge". Aplique uma tênue camada com as pontas dos dedos e esbata em direção das têmporas e das orelhas, evitando uma linha definida de demarcação. Hoje em dia usa-se o "rouge" na cor a mais natural possível próxima do natural.

★

Nessa época do ano as chuvas chegam de repente pegando-nos desprevenidas, sem capa ou guarda-chuva. À volta das compras na cidade ou à saída do escritório, uma pancada d'água nos encharca até os ossos, trazendo um resfriado. Quando você chegar em casa ensopada, faça em todo o corpo uma boa fricção com água de Colônia. Comece a esfregar os pés e chegue até ao pescoço. Dessa maneira estimula a circulação e se livra do resfriamento certo.

★

Hoje em dia são muitos os fatores que tornam as mãos femininas manchadas: tinta de escrever, cigarros, preparação de alimentos na cozinha. Se você quer que as suas se mostrem sempre claras e sem manchas passe pedra pomes "todas as noites" antes de se deitar. Em seguida, aplique um bom creme para as mãos à base de limão ou pepino.

★

Se tem os pés grandes use salto alto que, dando uma certa curvatura aos pés, faz com que estes pareçam menores. Ao escolher sandálias, prefira os modelos abertos dos lados. Com vestidos de noite use sapatos sem pontas. Se não pode passar sem sapatos rasos escolha aqueles que tiverem enfeites, como pespontas, biqueiras em couro diferente, etc. para que a frente do pé pareça menor.



ANITA EBERHART



## WEEK-END NA COZINHA

♦ Eis algumas idéias para os sanduiches que você gosta de oferecer a seus convidados, por ocasião de uma festinha familiar ou simplesmente no lanche da tarde. Para maior variedade utilize pão de forma branco e preto, podendo mesmo combinar os dois num mesmo sanduiche.

♦ O queijo constitui base para uma porção de deliciosos recheios de sanduiches: combinado com pimentão, ou tomate, ou azeitonas picadas muito miudinhas, resulta em salgadinhos deliciosos. Queijo um pouco picante, como o "provolone", é o mais aconselhado para salgados; já o tipo creme dá ótimas combinações com geléias e doces de frutas.

♦ Salmão, atum, ou mesmo sardinha, em lata, misturado a um pouco de manteiga, temperado com pimenta e noz moscada, tudo passado por uma peneira, dá uma ótima massa para sanduiches de pão preto. Acrescente algumas folhinhas de salsa como ornamento e... está pronta uma iguaria que não lhe deu muito trabalho para preparar.

♦ Cenoura ralada, amassada com manteiga e pimenta pode ser passada sobre o pão, enfeitado com folhinhas de agrião; cebola frita é o tempero ideal para sanduiches de salame, salsicha, ou frita é o tempero ideal para sanduiches de salame, salsicha, ou carne assada.



Sobre um pulôver negro em malha de lã, Gingers Rogers sugere um casaco largo, sem mangas com vistoso debum bordado em rafia. O conjunto é muito elegante para uma tarde de frio em Copacabana, ou para as férias nas montanhas (Foto Paramount).





AGORA, PORÉM, APÓS A RESTAURAÇÃO, NO EDIFÍCIO ELABORADO POR GRANDJEAN DE MONTIGNY FUNCIONA O 2º TRIBUNAL DO JÚRI.

CENTO E CINQUENTA ANOS DE HISTÓRIA:

# DE JUNTA DE COMÉRCIO A TRIBUNAL DO JÚRI

PROJETO DE GRANDJEAN DE MONTIGNY — RESTAURADO EM 1860 E EM 1956, FOI SEDE DA REAL JUNTA DE COMÉRCIO, ATÉ 1821, E ANTES DE SER TRANSFORMADO NO SEGUNDO TRIBUNAL DO JÚRI, CONSTITUIU POR QUASE CEM ANOS A ALFÂNDEGA NACIONAL — QUASE DEMOLIDA QUANDO DA ABERTURA DA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, POR ORDEM DA PREFEITURA.

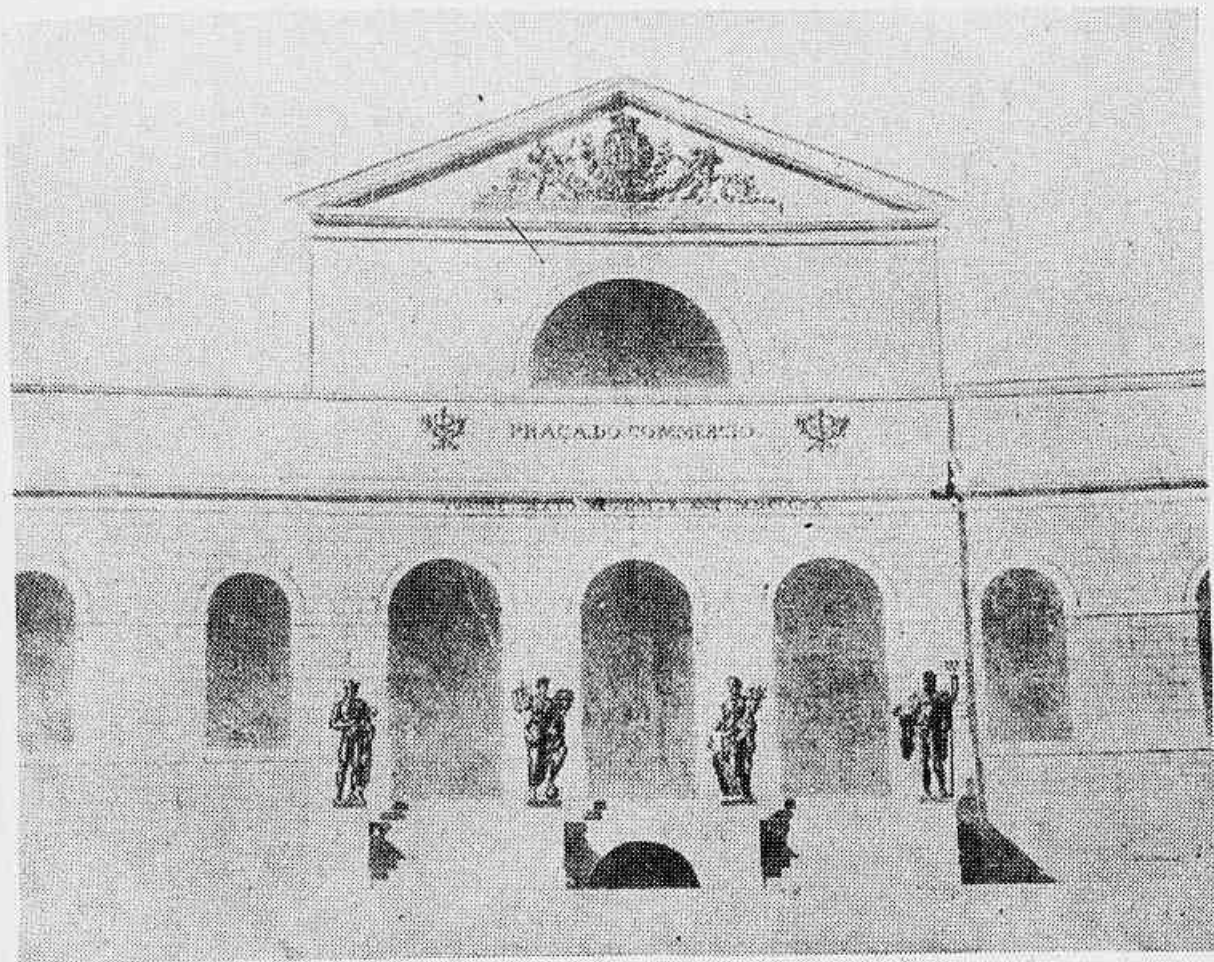
Reportagem de MARY WESP

♦ O VELHO PRÉDIO em que funcionou, até bem pouco, a Alfândega do Rio de Janeiro, e onde agora trabalha o 2º Tribunal do Júri do Distrito Federal, após uma completa obra de

restauração em que tomaram parte algumas dezenas de sentenciados da Penitenciária Central da rua Frei Caneca, foi o primeiro a ser construído, na capital brasileira, no famoso es-

tilo Império. Até então, todas as construções erigidas no Rio seguiam os moldes da escola Colonial, que já cansara totalmente arquitetos e habitantes. Calcule-se, pois, qual não foi a





VELHA GRAVURA em que aparece, em inícios do século passado, o prédio em que funcionava a Real Junta de Comércio.



JÁ COMO Alfândega do Rio de Janeiro, o casarão da rua Visconde de Itaboraí foi ameaçado pelos tratores da PDF.

surpresa dos moradores, ao ver que Dom João VI aprovava o projeto de Grandjean de Montigny, o ilustre chefe da Missão Francesa, que tanta influência exerceu no ensino das Artes no Brasil, destinado à reforma do antigo prédio em que, por alvará de 23 de agosto do ano de 1808, passou a funcionar a Real Junta de Comércio. Havia, àquela época, cerca de cento e cinquenta comerciantes apenas, em toda a cidade. Mas, pouco mais de dez anos após, esse número tinha praticamente duplicado, com a chegada de vários negociantes estrangeiros, principalmente ingleses. A solução encontrada por João VI foi o alargamento do prédio, e para isso o Rei do Brasil fez questão de ouvir a opinião de Montigny, que havia pouco chegara, precedido de grande fama, da longínqua França.

Tão satisfeito ficou Dom João VI, ao ver o prédio concluído, que concedeu a Grandjean de Montigny o hábito da Ordem de Cristo, e garantiu-lhe, outrossim, o direito — na época realmente extraordinário — de sentar-se em sua presença, quando assim o desejasse.

Foi a vinte e um de abril de 1821, cinco dias antes do regresso de João VI a Portugal, que os eleitores se reuniram no velho casarão, a fim de interpelar o monarca. Achavam que a partida real viria acarretar para o país uma série de distúrbios, e também não viam com bons olhos a ascensão ao trono do jovem e turbulento Pedro Primeiro. Todos sabem como terminou a reunião: João VI mandou que suas tropas dispersassem os eleitores a espadadas, e não se tocou mais no assunto. Nunca mais, porém, os comerciantes cariocas penetraram de novo no interior do edifício, que a seu ver a prepotência do soberano conspurcava para todo o sempre.

Ficou assim sem uso o antigo núcleo da Real Junta de Comércio, até que Pedro Segundo, ascendendo ao trono do Brasil como seu segundo Imperador, mandou que fôsse o imóvel utilizado como sede da Alfândega Nacional — o que, com efeito, aconteceu até bem pouco.

Com a abertura da grandiosa Avenida Presidente Vargas, há poucos anos, ainda houve quem falasse da demolição do edifício, que era o único impecilho a que a grande artéria chegasse até ao mar. O Patrimônio Histórico e Artístico Nacional rebelou-se, porém, contra a idéia, que afinal viria privar a cidade, já tão escassa de monumentos históricos, de um de seus melhores documentos arquitetônicos do passado. E a velha Alfândega continuou de pé, a despeito de sua feia aparência exterior.

A reforma de há pouco foi precidida por outra, em 1860, efetuada por Rafael Castro, engenheiro português de nomeada. Nem ela, nem a anterior, modificaram grandemente a aparência do imóvel, que, quando inaugurado, osten-

tava na face externa quatro pedestais, sobre os quais assentavam estatuetas representando o Comércio, a Agricultura, a Indústria e a Navegação. Na cornija, lia-se a inscrição latina: «JOANNE SEXTO REGNANT — ANNO ..... MDCCCXX», e no ático: «PRAÇA DO COMÉRCIO». Na parte superior viam-se as armas dos Reinos de Portugal, Brasil e Algarve, por entre baixos relevos representando dragões.

O que tinha (e tem) o edifício de desagradável, do lado de fora, possui de suntuoso em seu interior. Pedro Calmon já afirmou que Grandjean de Montigny fizera questão de erguer uma fachada de armazém, encobrindo um interior digno de um palácio. O salão, imenso, tem formato de cruz, e está cercado por vinte e quatro colunas dóricas, sustentando uma abóbada encimada por uma clarabóia. O pavimen-

to é de mosaicos de mármore, e ao fundo estão as armas imperiais.

Hoje, transformações radicais se operaram no seio do venerável prédio. Para desempenhar as funções que lhe foram não faz muito apontadas, o salão foi em parte modificado, tendo recebido bancadas, poltronas, e demais partes de mobiliário comumente encontrado nos júris.

Vemos, assim, que em quase 150 anos de existência, o casarão da rua Visconde de Itaboraí sofreu inúmeras e radicais transformações, não somente em sua estrutura, como também em suas atribuições. Está intimamente ligado à história econômica, política e à estrutura jurídica — de agora por diante — da cidade, de que constitui, de há muito, uma das principais atrações arquitetônicas.



ALEGAVAM OS propugnadores pela destruição da Alfândega que esse prédio, juntamente com o seu vizinho, impediam o acesso da Avenida Presidente Vargas até à orla marítima.



## BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembolsos Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME ..... Nº .....  
RUA .....  
CIDADE .....  
ESTADO .....

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00



## LEIAM

# ESPORTE ILUSTRADO



TÓDAS AS  
QUARTAS-FEIRAS

PREÇO CR\$ 5,00

## ADEMIR...

(Cont. da pág. 19)

«Anos mais tarde — continua — por curiosa coincidência do destino, o primeiro jogo de que participei aqui no Rio, foi justamente contra o América, (no «Clássico da Paz») ocupando Magri o ataque do time rubro. Doía-me o coração, naquela tarde, disputar a pelota com o argentino. «Aumenta a velocidade, que o caminho é longo...» — disse-me ele ao terminar minha peleja de estréia.

«Eram bons tempos aqueles do Recife. A gente jogava um futebol mais «sólto», muito mais bonito e gostoso do que agora. Hoje, nem bem se acaba de sair do túnel... e já se encontra o «homem marcando» a gente, como cão de fila.

### A EXCURSÃO DO LEÃO

O craque sorri, num trejeito expressivo que indica conformismo em face do inevitável.

— Papai acompanhou-me na excursão do Esporte e passou a gerir todos os meus negócios desde o momento que largamos do Recife. Sempre acreditei no «velho» como bom em matéria de finanças, e nem ousava formular críticas às suas inúmeras contra-propostas. A primeira exibição do Leão aqui no Rio não despertou interesse. Ninguém por aqui acreditava em time do Norte... naquela época. Mas, antes de embarcarmos para S. Paulo e depois rumo a Porto Alegre, senti o «velho» meio fechado. Ia preocupado com alguma coisa que não quis me dizer logo de início. Na volta, minutos depois do desembarque, o velho Canor Simões Coelho (que chefia a delegação) chamou meu pai a um canto e falou-lhe baixinho qualquer coisa que determinou uma explosão de entusiasmo em «seu» Menezes. Aproximei-me e levei tão violenta «cutucada» no estômago, que até hoje sinto a dor...

Foram os 40 contos de luvas que fizeram história no futebol brasileiro e que marcaram o início da carreira de um dos craques mais admirados do cenário esportivo do país.

— Bem... 40 contos e 360 mil réis de ordenado representavam alguma coisa em 1942... Papai botou a mão na «grana» e não vi um tostão, a não ser algum tempo depois, quando fui «presenteado» com o primeiro bem de raiz que adquiri em minha vida.

### DECEPÇÕES

— Apesar da enormidade de dinheiro, não correspondi em jogo à intensa expectativa da torcida e dos dirigentes vascainos que me pagavam tão bem. O meu rebaixamento para a categoria de aspirante serviu no entanto como uma reprimenda moral que reagiu com inteira satisfação, graças a Deus. Essa foi a minha primeira decepção. A outra... bem, a outra...

O «queixada» cala-se por instantes. Sorri meio desajeitado e retoma o fio da conversa:

— Foi quando saí «acabado» (como todo mundo me dizia) do grêmio cruzmaltino, em 1946. Conlesso, hoje, que pela primeira vez em minha vida apavorei-me com a situação. Moralmente, estava quase liquidado ao ingressar no Fluminense F. C. De uma simples erupção da pele fizeram um cemitério de cruces no meu sangue. Ame-

drantei-me seriamente. De uma conferência médica secreta a que me submeti, a verdade surgiu para reanimar-me. Compreendi também que política em futebol pode arrasar qualquer jogador, por muito bom que ele seja. Mais uma vez, com meu amor próprio ferido, reagi com ânimo incomum. E a palavra mais bonita que ouvi naquele ano foi o xingamento do goleiro quando marquei o gol que deu o supercampeonato ao tricolor. Cumpria-se a promessa de Gentil Cardoso feita no início do certame: «Dê-me o Ademir e eu darei o campeonato ao Fluminense».

### A MELHOR FASE

Volta o craque a referir-se aos primeiros momentos de sua carreira como profissional.

— Magri, Ondino Viera e Gentil são três figuras que não poderei esquecer como bons amigos e conselheiros. De todos os conjuntos que participei, talvez a ala com Jair no Sul-Americano do Chile em 45 tenha sido uma das melhores formações em que entrei.

Recorda, contando pelos dedos:

— Tesourinha, Zizinho, Heleno, Jair e eu. Só comparável mesmo a da Copa do Mundo em 50. Friaça, Ziza, eu, Jair e Chico. Foi na Copa do Mundo de 50 que tive consciência que havia atingido o apogeu de minha carreira. Daí para cá, as luzes vieram apagando-se aos poucos... — conclui com melancolia.

Mas, logo recobra o bom humor:

— E agora, antes que chegue o «black-out», resolvo abandonar a chuteira. Bem a tempo, suponho...

### O HOMEM, COMO ELE É

Um cafêzinho é servido e a conversa muda de rumo. Chega de futebol.

— E os estudos?

Enquanto mexe vagarosamente o café, depois de ensaiar uma recusa, já «estavam pondo a mesa para o jantar», o Queixada meneia a cabeça.

— Completei o 1º ano na Faculdade do Recife e como lá era Estadual não consegui matricular-me aqui no Rio, por isso obtive transferência para Niterói, resolvendo, porém, seguir Odontologia. Até 1944, ainda tentei continuar; mas, aquele negócio de atravessar a baía todos os dias não me deixava tempo para coisa alguma. O próprio técnico achava que eu não poderia arranjar jeito de conciliar as duas coisas ao mesmo tempo. Não tive outro jeito...

Usando do prestígio pessoal de

### ITINERÁRIO DO BRASIL

o degrêdo: na África, fora das colônias portuguesas; no Brasil, em Fernando de Noronha. A 5 de novembro desse ano de 89, a Relação da Bahia mandava enforcar na Praça da Piedade os réus Lucas Dentês de Amorim Torres, João de Deus do Nascimento e Manoel Faustino dos Santos Lira. Tiveram os corpos «feitos em quartos» e as cabeças expostas na via pública. Executados foram, também, Luís Pires, Manoel Pinheiro, Inácio da Silva Pimentel, José do Sacramento, José Félix da Costa, Manoel de Sant'Ana, José de Freitas Sacoto e o professor Francisco Moniz Barreto de Aragão, o Roger de Lisle da revolução. O tenente Aguiar Pantoja foi, por dez anos, degredado para Benguela. Por cinco, para Angola, Cosme Damião Ferreira Bastos. Por três, para Fernando de Noronha, José Raimundo Barata. Os escravos pardos Inácio Pires e Manoel José Vera Cruz receberam, no Pelourinho, quinhentos açoites. Só Antônio José outro escravo, que se matara na prisão — foi declarado sem culpa. A Luís Gonzaga das Virgens — implicado nos «Avisos ao povo bahiense» — deceparam as mãos após a morte na fôrca.

Em vão apelara para a Relação o advogado da Misericórdia José Barbosa de Oliveira, patrono dos réus.

Mas Cipriano Barata foi absolvido ante «a nímia debilidade» das provas. Em 1817, figurou na revolução pernambucana. Em 1821, na deposição do conde de Palma do governo da Bahia. Sentar-se-á, depois, como deputado na Constituinte de Lisboa.

que destruíra, tentou o popular jogador algumas investidas no setor das atividades comerciais.

— Primeiro, fui corretor de seguros (fiz bons negócios); depois, de títulos (melhores ainda), mais tarde investi-me de proprietário de Revista... e me dei muito mal.

### O NEGÓCIO DO FUTURO

Fala-se muito na fortuna que o consagrado artilheiro conseguiu amedilhar, mas ele desconversa amavelmente.

— Todas as minhas economias lancei, agora, num novo empreendimento; uma fábrica de objetos de porcelana: bijoutherias e artigos para presentes. Trouxe comigo dois excelentes técnicos portugueses, reuni alguns amigos e estou decidido a tornar aquilo o «negócio do futuro».

### O FESTIVAL DO ADEUS

— Vou tentar a realização de um jogo amistoso como um «adeus» ao meu público. Não sei bem ainda qual seja, talvez um combinado da Copa do Mundo de 50 contra um selecionado de agora. A renda irá reverter, não em meu benefício, mas ficará como um pecúlio que poderá constituir o primeiro fundo para os futuros jogadores que descalçarem as chuteiras pela última vez. Há muita gente por aí que não tem a cabeça no lugar, e que vai precisar de uma restauração nas finanças...

### CONSELHO AOS NOVOS

D. Celeste reaparece para dizer que a empregada saiu e que o «papai» tem que dar o mingau para Claudinha. O «queixada» levanta-se, apanha do prato e da colher e inicia o serviço, cobrindo de salpicos a própria calça de tropical.

Enquanto Cláudia faz cara feia, Ademir tenta inutilmente «fazer uma coisa que nunca treinei por falta de tempo».

— Mas, agora vai sobrar tempo, sim, para você treinar aqui em casa mesmo — remata D. Celeste de bom humor.

Na despedida, do próprio Ademir, parte a sugestão de um conselho aos novos jogadores que despondam para a glória que vai lhe abandonar, a partir de hoje.

— Antes de tudo, «julzo»! Procurem arranjar um pai como o meu para tomar conta das finanças, porque futebol, quando acaba junto com o dinheiro, deixa marcas mais profundas do que nódoa de caju em terno de linho branco...

(Cont. da pág. 39)





Oscar Niemeyer estreia também como cenógrafo construindo uma favela funcional para a cena de amor que Haroldo Costa (Orfeu) e Daisy Paiva (Euridice) ensaiam sob as vistas de Leo Jusi, da escola de Pascoal.

# ORFEU DE VIOLÃO NA MÃO

**Vinicius de Moraes acelera os preparativos para encenar a tragédia grega que aconteceu na Favela do Sacopã**

Reportagem de LUIS MORENO

♦ A última página de um livro sobre mitologia grega foi dobrada cuidadosamente, certa noite morna de novembro de 1942, lá para as bandas do Saco de São Francisco.

Abandonando o volume por sobre o tapete da ampla e confortável sala

de estar da residência milionária do alto do morro do Cavalão o homem solitário contemplou pela janela a melhor coisa que há em Niterói: a vista do Rio.

E, de estalo, a coisa aconteceu.



## O HOMEM DO TERNO CINZENTO

(Cont. de pág. 41)

No fim da semana, Ogden telegrafou para Tom, em nome da United Broadcasting, dizendo que o emprego era seu.

— Não acreditamos em empregados novos com salários elevados, disse ele, assim que Tom se apresentou. Mas se o novo empregado mostra que é valioso, vai-se-lhe recompensado em pouco tempo.

Tom foi contratado, a razão de nove mil dólares anuais.

Ao saber da notícia, Betsy ficou radiante, e ao mesmo tempo surpresa, porque o marido não se mostrava excitado. Disse-lhe então Tom que não simpatizava com Ogden, bem como a perspectiva de trabalhar somente durante seis meses — que esse era o período experimental que se comprometera a cumprir — não lhe era nada agradável. Também o casarão que o avô lhe deixara estava a preocupá-lo. Tinha decidido vendê-lo por vinte mil dólares. E o que iam fazer do velho Edward que servira lealmente a velha senhora por tantos anos? Não lhe parecia justo que o mandassem embora assim sem mais nem menos.

— Ora, você não pode se impressionar com coisas como essas. Não tem confiança em si mesmo? Tenho um plano que poderá ser posto em execução. Podemos vender também essa casa e nos mudarmos para a da falecida senhora Ruth. Edward ficará conosco.

— Mas aquele é um lugar dispendioso para nós. Betsy mal o escutou. Tinha mergulhado em elucubrações. Ao redor da mansão havia vinte e três acres de ótimas terras. Por que não loteá-las, e vendê-las para os que quisessem comprá-las?

— E, no fim, ficaremos a ver navios...

— Olhe, Tommy, a despeito de tudo quanto você me contou a respeito de suas lutas na lâbia, você parece agora não decidido a lutar pelos seus próprios direitos. O mal foi aquela empresa que você teve depois da guerra, e que parece tê-lo desilustrado totalmente. Você é um covarde. Está com medo de se arriscar.

E dentro em pouco as lágrimas desciam...

— Eu o amo, Tommy, é só o que queria dizer-lhe.

(Continua no próximo número)

## O CANTO DO FALCÃO

(Cont. de pág. 51)

Enrolando-se sobre si mesma, deu um salto no ar e o seu corpo, como frágil disco, brilhou aos raios do sol.

O que nasceu para arrastar-se não pode voar. Por isso, a serpente caiu sobre as pedras. Mas não se magoou e desatou a rir.

— Eis aqui em que consiste o encanto de voar ao céu — disse ela. Não é mais que uma queda. Pássaros ridículos! Não conhecem a terra, aborrecem-se dela. Aspiram a voar muito alto, até ao céu, e buscam a vida através desse deserto ardente. Lá, sem dúvida, existe o vazio. Ali há muita luz, porém não há alimentos nem nada que possa sustentar o corpo vivo. Por que, pois, tanto orgulho? Por que tantas exprobrações? Por ocultar a loucura de seus desejos e a sua incapacidade para tudo o que se relaciona à vida. Pássaros ridículos!... Os seus discursos jamais me enganaram! Tudo conheço já! Vi o céu... Voei, medei-o, conheci a queda. Não me despedacei nela, porém, pelo contrário, creio com mais força em mim própria. Os que não podem amar a terra, que vivam de ilusões! Eu conheço a verdade! Não creio já no seu reclamo. Eu vivo para a terra, unicamente para a terra!

E orgulhosa de si mesma, rolou, como um novelo, pela rocha.

O mar brilhava de extremo a extremo com viva claridade e as ondas ameaçadoras arremessavam-se contra a praia.

Em seus rugidos, que tinham alguma coisa dos rugidos do leão, palpitava a canção da ave valorosa. Tremiam as rochas ao boque das vagas, e no céu condensava-se a tempestade, ao som desse concerto selvagem.

A loucura dos valentes, — eis aí a sabedoria da vida! Oh! valente falcão! Perdeste o teu sangue na luta com os teus inimigos... Tempo chegará, porém, em que as gotas do teu sangue, quente como as centelhas, se inflamarão nas trevas da vida, e incendiarão muitos corações sedentos, com sede insensata de liberdade e de luz.

Morre!... No canto dos animosos e dos fortes, será o exemplo vivo, a recordação triunfante da luz e da liberdade.

Glória à loucura dos valentes!

O extremo opalino do mar está em sossego, as ondas vêm espreguiçar-se melancolicamente na areia, e eu, calado, olho Raghim que acabou de cantar ao mar o canto do falcão. Sobre a água, nos raios que a lua projeta, percebem-se inumeráveis manchas proteídas...

Uma das ondas invade alegremente a praia e arrasta-se, provocativa, até à cabeça de Raghim.

— Que vens aqui fazer? Some-te!

Raghim agita a mão, e a onda volta docilmente para o mar. Para mim, a opinião de Raghim, que diviniza as ondas, não é nem cômica nem incompreensível.

Em toda a extensão imensa das praias o espetáculo parece tão singularmente vivo, tão doce, tão tranquilo, tão acariciador... O mar está majestosamente sossegado. Nota-se que, em cada respiração, lança às montanhas o calor do dia. Reúne uma força poderosa concentrada. No escuro azul do céu, entre as áureas figuras das estrelas, lê-se alguma coisa solene que encanta as almas e turva o espírito, alguma coisa, como a doce esperança de uma revelação.

Parece, que num momento, tudo vai sair dessa imobilidade e palpitar um harmonioso acorde de sons indescritivelmente doces.

E aquela música será a que cante os mistérios do mundo, e a que os aclare no espírito. A que rapidamente se extinguirá como fogo látego ou imaginário, levando a alma consigo, lá para cima, ao sombrio azul abismo, de onde saíram o seu encontro os resplendores enviados pelos discos palpitantes das estrelas, formando e constituindo a maravilhosa harmonia da revelação.

Tomando do lápis que lhe flutuava à mão, acendeu-lhe lápis de papel e começou a escrever com a fé dos inspirados. Em 3 horas e 15 minutos. De lápis na mão, voou a madrugada. As cinco e um quarto colocou o ponto final no derradeiro período.

Foi assim — de uma vigília penosa — que Viránius de Moraes escreveu todo o primeiro ato de uma tragédia grega, transplantada para a Favela do Sapopê.

OFREU DA CONCEIÇÃO — cujos dois outros atos somente muitos anos depois encontrariam solução já está em meio aos ensaios e em breve estreará no Municipal do Rio.

«O moço, o cavaleiro da cidade, cujas luzes brilham ao longe. Platô de terra com casario ao fundo, junto ao barranco, defendido, à esquerda, por pequena muralha de pedra, em semi-círculo, da qual desce um lance de degraus. Noite de lua, estática, perfeita. No barranco de Orfeu, ao centro, bruxuleiam lamparinas. Ao levantar do pano, a cena é deserta. Depois de prolongado silêncio, começa-se a ouvir, distante, sons de cordas plangendo, que pouco a pouco se aproximam, num tocar divino, simples e direto com uma fala de amor. Logo em seguida Clio (mãe de Orfeu) surge à porta do barranco.

CLIO (para dentro, a voz estremunhada).

— É o violão de Orfeu... Escuta Apolo.

Leo Jusi, um guri paracense, que começou com Paschoal Carlos Magno a dirigir «Romeu e Julieta», vai marcando a cena em que Zeni Pereira («Anjo Negro») como «Clio», exorta um «Apolo» estrepante — Clio Monteiro, nem mais, nem menos.

APOLO — «Eu sei mulher! Quem foi que pegou o menino e ensinou ele? Quem pagou o dinheiro pelo melhor violão?»





A representação é interrompida ali nos bolorentos salões do High Life pela chegada de Vinicius de Moraes que faz um gesto com a mão enquanto caminha sobroçando papéis.

— Não! «Quem pegou o menino», e não «quem foi que pegou...» É assim que vai ficar...

Abdias Nascimento, Lea Garcia, Francisca Queiroz, Ciro e Zeni Pereira abandonam a cena e voltam-se para os «scripts» para a correção necessária.

Leo corrige o seu e o ensaio vai prosseguir.



Três horas e picos da madrugada, já não mais no High Life, mas na residência do poeta. Casa cheia. Conversa, bebida e violão. Luís Bonfá, Antônio Carlos Jobim (Tom) e uma equipe de gravadores se distribuem pelo tapete de chinchila.

Vinicius retoma o violão:

— O ritmo é do samba de «partido alto». Orfeu busca Eurídice, nas profundezas dos «Majors do Inferno».

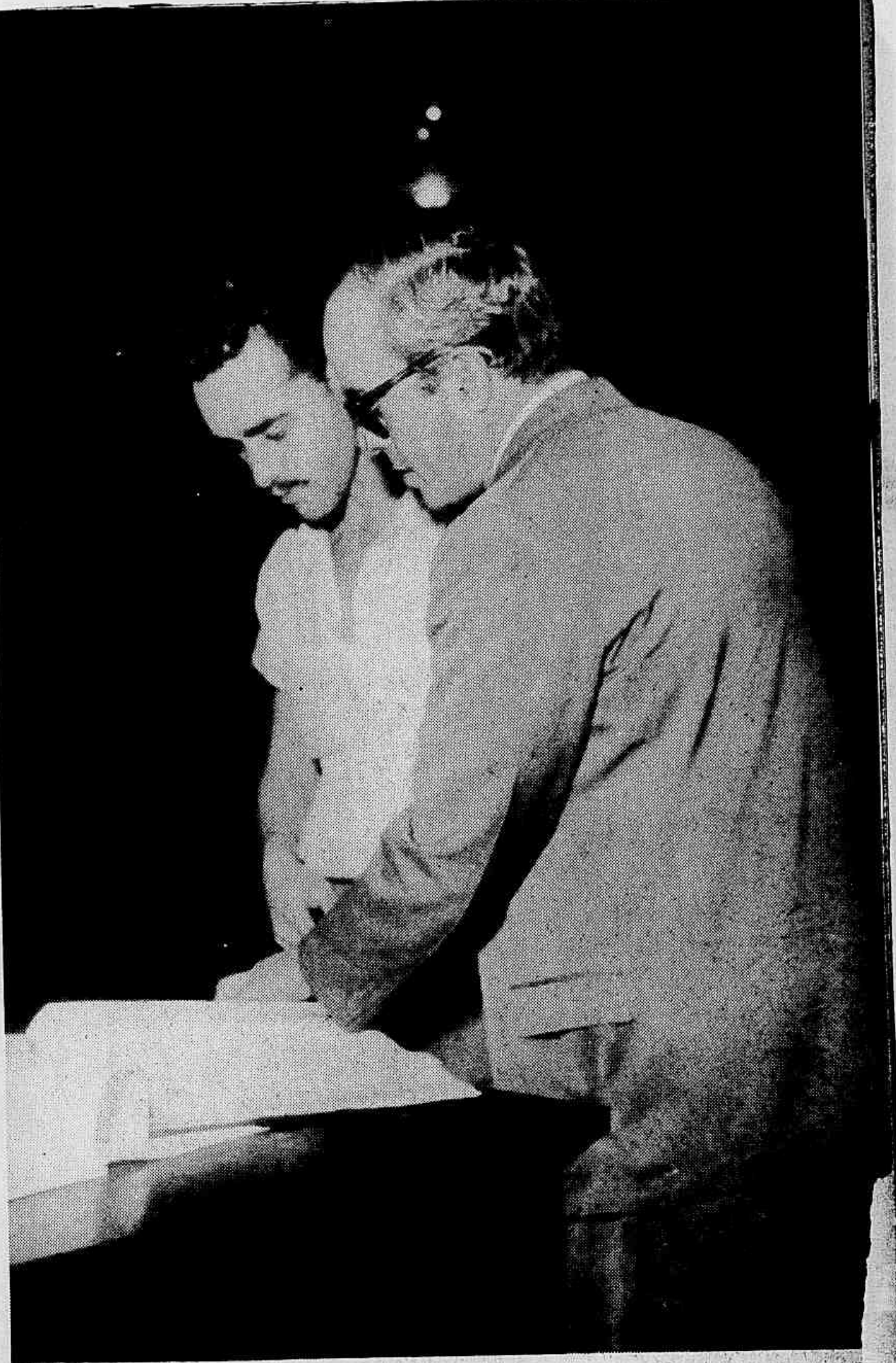
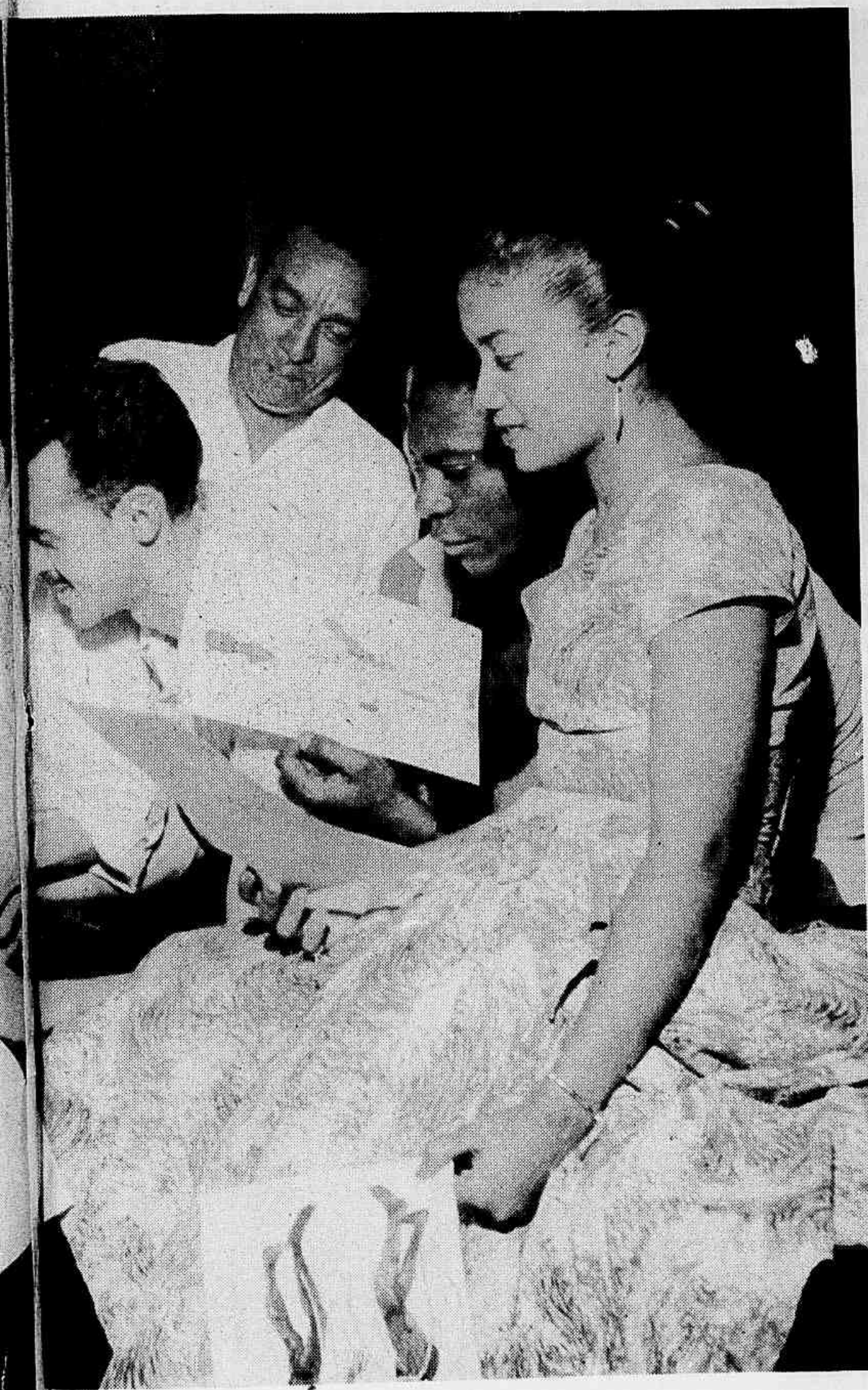
E batuca: «É o rei... é o rei... (um, dois)... É o rei... é o rei... (um, dois).

Enquanto não se acerta o compasso, D. Nila de Moraes lambuza as mãos de tinta na mesa de fundo, na sua estréia como figurinista. O orientador plástico, Carlos Scliar, mistura tonalidades. Um choramingo de criança vem quebrado de porta em porta lá de dentro.

— Psii!...

Vinicius levanta do chão e vem conversar com o repórter.

— É duro, não?



Vinicius e Leo discutem marcações da peça cuja produção vai a toque de caixa. A estréia será em benefício de uma obra assistencial, possivelmente na segunda quinzena de setembro.

Sorriso cansado. Fala-nos o poeta então do esforço da equipe e resume: «Valeu a pena com tanta gente de boa vontade».

Desde Oscar Niemeyer, que funcionalizou a favela num cenário que é um impacto, passando pela coreografia de Lina de Lucca, esposa de Paulo Soledade, indo ao desempenho de Haroldo Costa (como «Orfeu») e de Daisy Paiva, filha do maestro Vicente Paiva, que estreará como Eurídice, descrevendo Adalberto Silva, como Plutão, e «Pérola Negra» como Proserpina, sua mulher —, Vinicius sintetiza o que vai ser ORFEU DA CONCEIÇÃO no Municipal.

E ajunta:

— Uma união de artes é o que vai representar a contribuição de Di Cavalcanti, Carlos Scliar, Raimundo Nogueira, Carlos Thiré, Djanira e Luís Ventura no meu ORFEU. Uma «ouverture» para orquestra sinfônica, e sambas comentados pelo Bonfá são o colorido musical.

A batucada recomeça.

— Ciranda, cirandinha... (um, dois)... vamos todos cirandá (um, dois)... Triste de quem não vai brincar (um, dois) que fica a lutar (um, dois)... acaba num cemitério (um, dois)... trabalhando de coveiro (um, dois)...

— Não... Não!... Não...

Vinicius interrompe.

— Mais lento! Mais lento! Assim...

Há muito trabalho ainda naquela madrugada.



— Mas, agora sai mesmo! — despede-se o poeta, empurrando-nos porta a fora e escorregando pelo chão, de violão em punho.

O elenco, na maioria do Teatro Experimental do Negro, examina os figurinos de Nila de Moraes, esposa de Vinicius, que faz sua estréia em Orfeu.





### PRONTAS PARA O QUE DER E VIER

◇ A SITUAÇÃO, em todo o Egito, continua tensa, devido à nacionalização do canal de Suez, pelo presidente Gamal Nasser. E como ninguém sabe até que extremos pretende a Grã-Bretanha sustentar seus alegados direitos sobre aquela região de virtual importância estratégica para o controle de todo o Oriente Médio e do Mediterrâneo, as autoridades egípcias determinaram a mobilização geral. Não só os maronjitos, porém, foram afetados pela medida extrema: mesmo as mulheres terão de submeter-se a ela. Essas, que aqui aparecem na foto, foram as primeiras a atender ao apelo formulado não faz muito por Nasser, e estão recebendo, num centro de instrução militar improvisado numa rua do Cairo, suas armas que são, paradoxalmente, de procedência britânica. Terão de abandonar seus trojes milenares — inclusive o típico véu marrom — e trocá-los por uniformes militares, a exemplo do que já foi feito em Israel, não faz muito, por tantas jovens e senhoras. A nos basearmos pela expressão obstinada da guerreira que aparece na ponta direita, a luta entre egípcios e ingleses, caso venha a acontecer — o que não é provável — vai ser um bocadinho dura...

(Foto INS)



**A FIGURA  
EM FOCO**

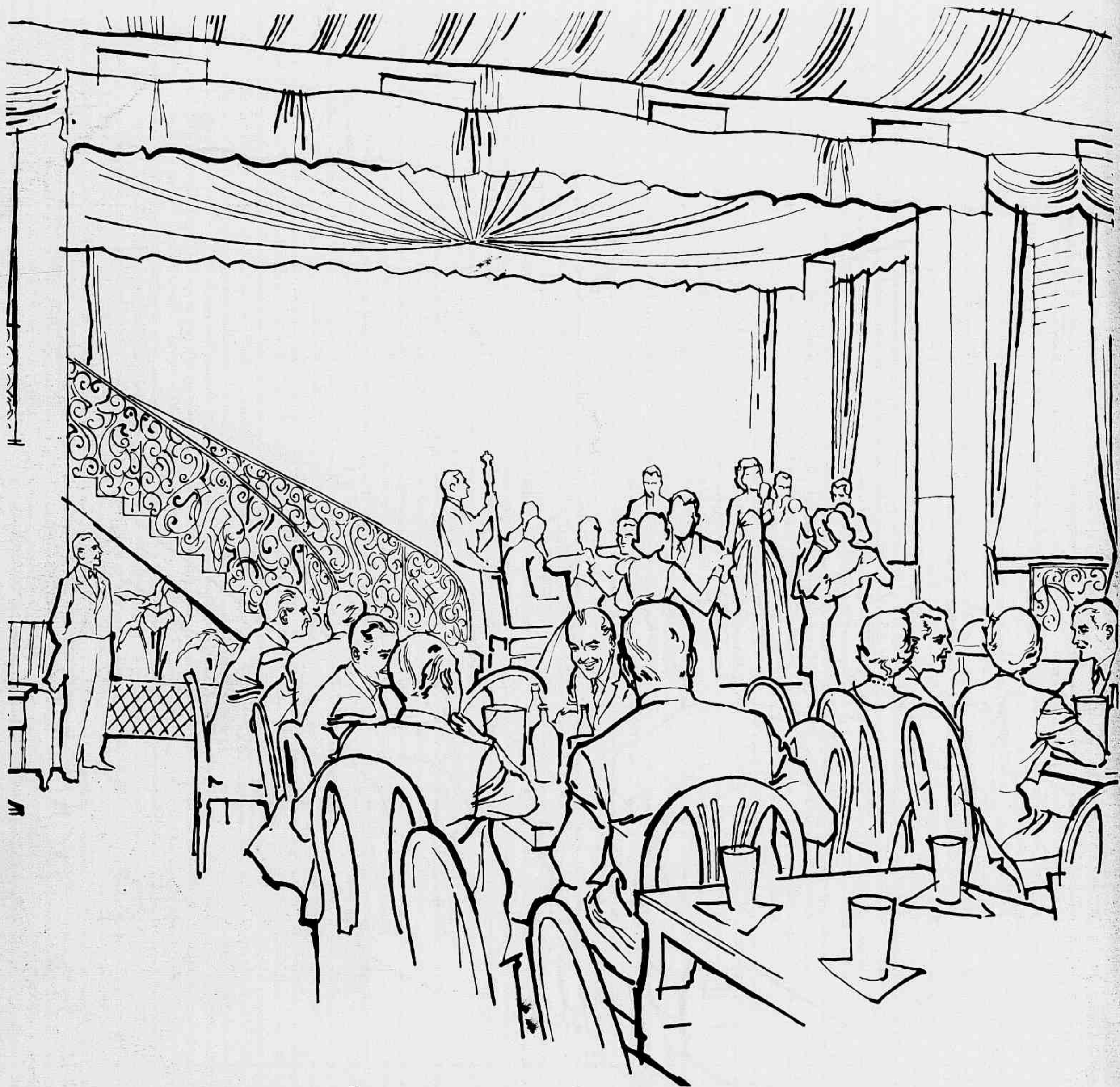


**JOÃO CARLOS MUNIZ**

Vim de Washington para La Plata,  
Com a mesma cara feliz;  
Sou João Carlos Muniz,  
Bom garfo e bom diplomata.

MEU  
DEU





## **nos centros elegantes do Brasil...**

No Meia-Noite do Copacabana Palace, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem...

Bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado, no cigarro que fumam...

**hollywood**  
uma tradição de bom gosto

